

Macau 澳門

GRANDE BAÍA CAMINHO TRACADO

O plano para a Área da Grande Baía traz novas directrizes para as 11 cidades e regiões da China que vão integrar um sistema económico e modo de desenvolvimento norteado pela inovação

MEIO AMBIENTE

Jovem local coleciona descobertas de espécies



VESTUÁRIO

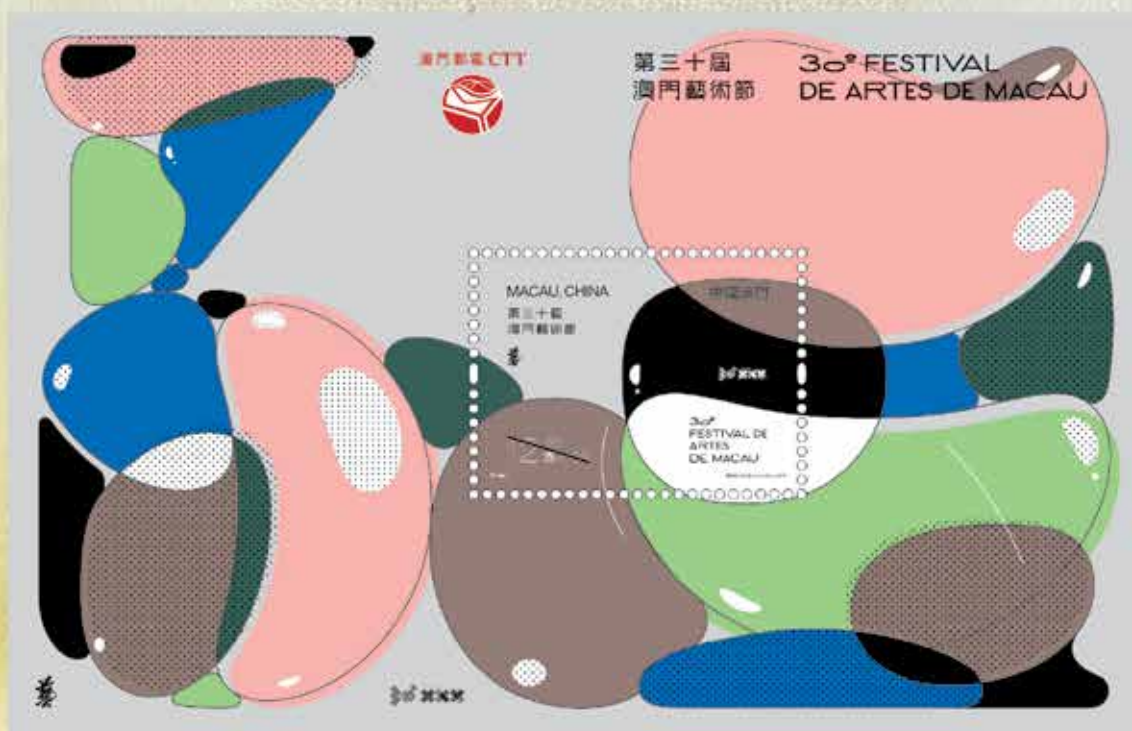
Ainda há alfaiates como antigamente



Coleccione Selos
de Macau

澳門郵票收藏

Collect
Macao's Stamps



快分享到朋友圈
一起關注澳門郵票！

澳門議事亭前地 LARGO DO SENADO, MACAU

電話 Tel.: (853) 8396 8513, 2857 4491 傳真 Fax: (853) 8396 8603, 2833 6603
電郵 E-mail: philately@ctt.gov.mo 網址 Website: <http://philately.ctt.gov.mo>



澳門郵電 CTT
Correios e Telecomunicações de Macau



Macau 澳門

DIRECTOR

Victor Chan Chi Ping

DIRECTORA EXECUTIVA

Amelia Leong

EDITOR EXECUTIVO

Alberto Au

PROPRIEDADE

Gabinete de Comunicação Social
da Região Administrativa Especial de Macau
Avenida da Praia Grande, n.º 762 a 804
Edif. China Plaza, 15.º andar, Macau
Tel: (+853) 2833 2886 Fax: (+853) 2835 5426
e-mail: info@gcs.gov.mo

PRODUÇÃO, GESTÃO E DISTRIBUIÇÃO

Delta Edições, Lda.
Av. Comercial de Macau, 251A-301
AIA Tower, 20.º andar, Sala 63
Tel: (+853) 8294 2274 Fax: (+853) 8294 2399
e-mail: contacto@revistamacau.com
www.revistamacau.com

EDITOR

Luís Ortet

COORDENAÇÃO EDITORIAL

Catarina Mesquita e Vanessa Amaro

COORDENAÇÃO DE FOTOGRAFIA

Gonçalo Lobo Pinheiro

LAYOUT

Marta Gregório

DIREÇÃO GRÁFICA

Ipsis Verbis Communication

COLABORADORES

Ana Marques Gonçalves (Portugal), Bruna Pickler, Catarina Brites Soares, Catarina Domingues, Cláudia Aranda, Dalton Siteo (Moçambique), Diana do Mar, Fátima Valente, Fernando Sales Lopes, José Carlos Matias, José Sales Marques, José Simões Morais, Juvenal Rodrigues (São Tomé e Príncipe), Hélder Beja, Lucas Calixto, Luciana Leitão, Marco Carvalho, Marta Curto (Portugal), Pedro Catevelos (Moçambique) e Sandra Lobo Pimentel

TRADUÇÃO

LITS Macau

FOTOGRAFIA

Gonçalo Lobo Pinheiro, Paulo Cordeiro (Portugal),
Ricardo Franco (Moçambique), Tatiana Lages e Tiago Alcântara

As imagens que estão publicadas nesta edição e não estão creditadas foram adquiridas em diferentes bancos de imagem, devidamente licenciados.

IMPRESSÃO

Tipografia Welfare, Macau

TIRAGEM

1500 exemplares

ISSN: 0871-004X

Escaneie o nosso QR code e siga-nos
nas redes sociais



www.revistamacau.com



www.facebook.com/RevistaMacau

APP DA REVISTA MACAU DISPONÍVEL EM:



Do Editor

Luís Ortet

O fecho desta edição coincidiu com a realização de dois eventos que projectaram o nome de Macau não só como destino turístico mas também como plataforma de encontro de culturas, tendo como tônica comum o eixo China e países de língua portuguesa.

Por um lado, a Região Administrativa Especial de Macau (RAEM) marcou de forma expressiva a sua presença na Bolsa de Turismo de Lisboa (BTL), aproveitando a oportunidade para uma campanha visando atrair para o território mais turistas portugueses. O secretário para a Cultura e Assuntos Sociais, Alexis Tam, e a directora dos Serviços de Turismo, Helena de Sena Fernandes, marcaram presença em Lisboa, tendo o membro do Governo sublinhado o facto de Macau ser a única região da República Popular da China onde se fala português, que aliás é uma das línguas oficiais da RAEM.

Por outro lado, arrancava o Festival Literário de Macau – Rota das Letras, agora na sua oitava edição. A poesia, nas suas vertentes lusófona e chinesa, foi o mote do evento, sublinhando assim o papel de Macau como uma enriquecedora plataforma para o diálogo entre culturas bem diversas.

Mas em termos nacionais e locais o foco foi a divulgação, pelo Governo Central, das Linhas Gerais do Plano para o Desenvolvimento da Grande Baía Guangdong/Hong Kong/Macau uma iniciativa que visa a criação, no Sul do País, de uma megalópole de alta tecnologia incluindo, além das duas regiões administrativas especiais de Macau e Hong Kong, nove cidades da província de Guangdong. Assunto a que, naturalmente, dedicamos o devido destaque nesta edição.

Além disso, como habitualmente, o leitor poderá encontrar nas páginas que se seguem artigos diversos relacionados com a vida de Macau e também de diversos pontos do universo lusófono.

A cultura chinesa, incluindo as suas riquíssimas tradições ainda preservadas em Macau, não é esquecida, nomeadamente num artigo dedicado à divindade popular taoista Pak Tai, celebrada neste mês de Abril e cujos segredos revelamos num artigo desenvolvido.

8

ACONTECEU

As principais notícias que marcaram a actualidade de Macau



12

GRANDE BAÍA

A apresentação do plano para a Grande Baía traz novas directrizes a 11 cidades e regiões da China

20

DONGGUAN

Conhecida pela sua capacidade manufactureira, a cidade do Sul da China procura agora novos caminhos

28

ALEXIS TAM EM PORTUGAL

Cinco acordos assinados de geminação de escolas para melhorar o ensino de línguas



36

INVESTIMENTO CHINÊS EM PORTUGAL

Portugal tem sido destino de eleição para os investidores chineses: uma relação com um potencial contínuo de crescimento

40

RADAR LUSÓFONO

Os últimos acontecimentos nas relações entre a China e os países de língua portuguesa

44

VOLUNTARIADO EM ANGOLA

Estudante da Universidade de Macau rumo ao Libolo para uma acção de voluntariado que transformou a sua vida



48

A MULA DE OURO

Livro publicado no Brasil inspira investigação sobre os primeiros trabalhadores chineses no país da América do Sul



52

ALFAIATES À MODA ANTIGA

Resistentes à passagem do tempo, alguns alfaiates contam a história da cidade ao mesmo tempo que uma nova geração de profissionais surge

58

ARBORIZAÇÃO DE MACAU

Casal Ribeiro é um nome inesquecível na história de Macau: semeou e transplantou cerca de 60 mil árvores, mudando a paisagem da cidade



64

CAÇADOR DE TESOUROS

Danny Leong, de apenas 24 anos, já fez três descobertas em Macau. A última foi uma nova espécie de formiga



76

PAK TAI

A tradição volta às ruas da Taipa no dia 7 de Abril. Uma ópera sobre a guerra sagrada marca as festividades em honra da divindade



80

KAMYI

Ver na tecnologia uma forma de reflectir sobre o mundo



70

GRANDE ENTREVISTA

Joaquim Coelho Ramos fala dos planos para o Instituto Português do Oriente, do qual é o novo director



84

ESPECTÁCULOS, EXPOSIÇÕES E LIVROS

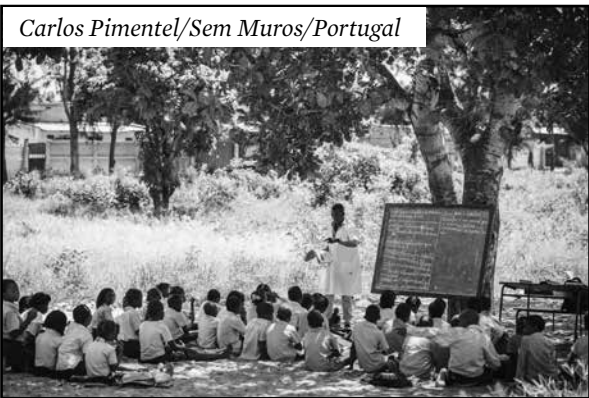
Novidades e sugestões culturais para os próximos meses



Jorge Cruz/Pedra e Cal/Portugal



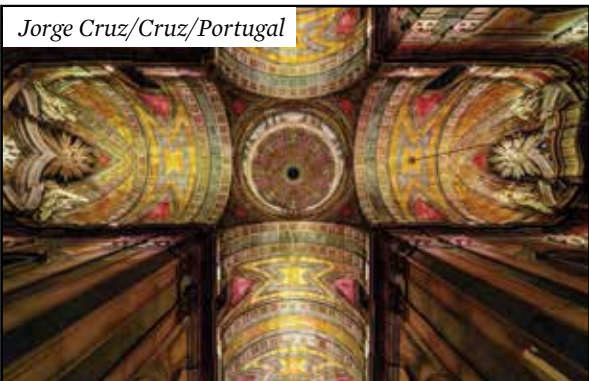
Carlos Pimentel/Sem Muros/Portugal



Albino Mahumana/Muthiana Orera/Moçambique



Jorge Cruz/Cruz/Portugal



Niklas Stephan/Essência/Brasil





Alfredo Mateus/Coimbra,Cidade Com História/Portugal



Luís Silva/Culto Mariano II/Portugal



John Melo/Barbearia República/Goa

Raízes lusófonas dão exposição de fotografia

A “Somos! – Associação de Comunicação em Língua Portuguesa” (Somos – ACLP), sediada em Macau, inaugurou, no passado dia 1 de Março no Albergue SCM, a exposição “Somos Imagens da Lusofonia 2018 – Raízes Lusófonas: Veículos de Comunicação”, na qual estão patentes as fotografias vencedoras do concurso lançado em Dezembro de 2018, assim como as menções honrosas e outras imagens que o júri considerou relevantes por promoverem a comunicação em língua portuguesa e a disseminação das tradições e costumes lusófonos. O grande vencedor do concurso foi o fotógrafo Carlos José Pimentel, de Portugal. O pódio ficou completo com Jorge Cruz e António Alves Tedim, ambos também de Portugal. O júri atribuiu menções honrosas a John Lino de Melo, de Goa – Índia, a Niklas Kristofer Stephan, do Brasil, e a Luís Miguel Silva, de Portugal. A mostra seguirá, muito em breve, para Goa e para Portugal.



António Tedim/Desfile Da Mordomia/Portugal



Luís Silva/Culto Mariano II/Portugal



John Melo/Partilhando sorrisos e afetos/Goa



António Tedim/Os Caretos/Portugal



Carlos Pimentel/Curiosidade/Portugal



Mais 44 editores de livros registados em 2018

Quarenta e quatro editores de livros apresentaram no ano passado novos pedidos de adesão ao sistema de ISBN (sigla inglesa para o sistema Internacional de identificação de livros). No final de 2018, o número de editores totalizava 954. Em 2000, ano em que foi criada a Agência do ISBN de Macau, do Instituto Cultural, contavam-se 62 editores. “Os dados demonstram um desenvolvimento estável do sector da edição livreira na RAEM, à medida que a consciência da exigência de pedido de ISBN dos editores tem aumentado”, refere o Instituto Cultural em comunicado.



Especialistas na área da avaliação do ensino superior reúnem-se em Macau

O Grupo de Peritos para a Avaliação da Qualidade do Ensino Superior foi nomeado pelo executivo de Macau para prestar consultoria sobre o novo Regime de Avaliação da Qualidade do Ensino Superior. Este painel, composto por sete especialistas na área, provenientes de diferentes países e regiões, reuniu-se pela primeira vez em Fevereiro deste ano, em Macau.

De natureza consultiva, o grupo emite opiniões profissionais em relação à garantia da qualidade educativa. “O Governo da RAEM espera que, através da criação do Grupo de Peritos, se impulsione a melhoria contínua da qualidade do ensino superior de Macau”, pode ler-se num comunicado da Direcção dos Serviços de Educação Superior de Macau.



Jockey Club celebra 30 anos

A empresa que explora as corridas de cavalos em Macau celebrou, no início de Março, 30 anos com provas de corridas de cavalo no valor de 5,46 milhões de dólares de Hong Kong.

O vencedor da taça Jai Alai Hotel levou para casa 550 mil dólares de Hong Kong, indicou a Sociedade de Jogos de Macau (SJM). Na ocasião, o presidente do conselho de administração da SJM, Ambrose So, afirmou que o grupo vai continuar “a promover a diversificação do turismo em Macau”. A empresa que explora as corridas de cavalos planeia investir entre 3,5 e 4,5 mil milhões de patacas num projecto turístico no espaço concessionado.



Conferência TEDx junta mais de 200 pessoas

Mais de duas centenas de pessoas encheram o teatro D. Pedro V, no dia 3 de Março, para assistir à primeira conferência TEDx aberta ao público em Macau. Nove oradores subiram ao palco para partilharem, em 18 minutos cada um, diferentes histórias e ideias.

Nesta edição, a primeira sob o nome TExSenadoSquare, a organização alargou o convite a oradores de regiões vizinhas, nomeadamente Hong Kong, para diversificar os temas e despertar “novas ideias e pensamentos”. Filosofia, educação, música, fotografia e conservação foram alguns dos temas apresentados.

Procissões incluídas em consulta pública sobre Património Cultural Intangível

As procissões católicas de Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos e de Nossa Senhora de Fátima são duas das 12 manifestações recomendadas para inscrição na lista do Património Cultural Intangível de Macau, em consulta pública.

A consulta destina-se a “reforçar a salvaguarda do património cultural intangível” de Macau, segundo uma nota do Instituto Cultural.

A procissão do Nosso Senhor Bom Jesus dos Passos realiza-se anualmente no primeiro sábado e domingo da Quaresma. Com uma longa história em Macau, esta procissão remonta a 1708. Já a procissão de Nossa Senhora de Fátima percorre as ruas da cidade todos os anos a 13 de Maio desde 1929.



Economia cresce 4,7% em 2018

A economia de Macau cresceu 4,7 por cento em 2018, registando um abrandamento do ritmo do crescimento, indicam dados divulgados pela Direcção dos Serviços de Estatística e Censos. Em 2018, “a procura interna apresentou um comportamento desfavorável, com uma contracção anual de 1,7 por cento”, indicou aquele departamento governamental.

Por outro lado, a despesa do consumo privado, a despesa do consumo final do Governo e as importações de bens registaram aumentos de 4,5 por cento, 3,8 por cento e 4,7 por cento, respectivamente, devido às subidas do número total de empregados, do rendimento do emprego e da despesa do Governo.



Praça ‘manuelina’ na Ilha da Montanha pronta no final deste ano

Uma praça ao estilo manuelino com cerca de 130 mil metros quadrados na Ilha da Montanha, a poucos quilómetros de Macau, vai estar pronta no último trimestre deste ano, assegurou a empresa que está à frente do projecto.

O plano da Macau Legend, do empresário David Chow, engloba um centro comercial com lojas e restaurantes, complementados por 1300 lugares de estacionamento, entre outros edifícios.

O novo espaço, com capacidade para acolher dez mil pessoas na praça ‘manuelina’, pretende ser um elemento de referência na arquitectura na região.



Poesia como tema central do Festival ‘Rota das Letras’

Entre os dias 15 e 24 Março teve lugar mais uma edição do Festival Literário de Macau – Rota das Letras, cujo tema central foi a poesia e que reuniu escritores, tanto de poesia como de prosa, de Macau, da China e dos países de língua portuguesa. O centésimo aniversário de Sophia de Mello Breyner Andersen inspirou a organização da edição deste ano, tendo a presença do cantor português Salvador Sobral sido outro ponto alto do evento.

Chui Sai On defende em Pequim desenvolvimento de “novos sectores”

O chefe do Governo de Macau, Chui Sai On, defendeu a aposta no desenvolvimento de “vários novos sectores”, de forma a garantir a diversificação económica da RAEM e o reforço da cooperação regional.

Convenções, exposições, medicina tradicional chinesa ou até mesmo um sistema financeiro com características próprias são os principais sectores a desenvolver em Macau, uma cidade que considera ser “central na Grande Baía”.

Chui Sai On falava em Pequim na segunda reunião plenária do Grupo de Líderes para o Desenvolvimento da Grande Baía Guangdong-Hong Kong-Macau, poucos dias depois de o Governo central ter revelado as linhas gerais do projecto.

O documento estipula que, até 2022, a Grande Baía deverá converter-se num ‘cluster’ de classe mundial e, até 2035, numa área de excelência a nível internacional.



NÚMEROS

MOP 69,69

mil milhões foi a despesa total dos visitantes de Macau em actividades não relacionadas com o jogo em 2018 (+13,6%)

116

hotéis e pensões em actividade (+2) no final de Janeiro de 2019, disponibilizando 39.000 quartos de hóspedes (+4,9%)

MOP 1,53

mil milhões de mercadorias exportadas em Janeiro de 2019 (+24,6%)

934

acidentes de viação em Janeiro de 2019 (-25,1%)

*comparações referentes ao mesmo período dos anos transactos



Executivo diz que benefícios sociais aumentaram 14 vezes em 19 anos

O secretário para os Assuntos Sociais e Cultura de Macau afirmou que os benefícios sociais aumentaram 14 vezes desde 1999 e que em 2018 foram atribuídos subsídios no valor de 2.670 milhões de patacas.

Alexis Tam apontou que no primeiro ano depois da transferência de administração de Macau tinham sido atribuídos 170 milhões de patacas em subsídios.

O número de beneficiários aumentou mais de 30 vezes, garantiu o governante, durante um almoço de comemoração do ano novo chinês, de acordo com um comunicado divulgado pelas autoridades do território.

Autoridades dão início a processo de escolha do Governo local

As autoridades de Macau deram início ao processo eleitoral para a eleição do Governo local com a marcação para 16 de Junho, das eleições dos membros da Comissão Eleitoral. Em Macau o líder do Governo é escolhido por um comité de 400 elementos representativos da sociedade, quer através de cargos como os de deputados à Assembleia Legislativa, quer por serem indicados por associações e grupos profissionais do território, desde os grupos industriais, comerciais e financeiros, até aos sectores culturais e desportivos.

O líder do Governo de Macau tem ainda de ser aprovado pelo Governo chinês.



Ano Novo Lunar chinês com mais 198 voos

A Autoridade de Aviação Civil de Macau aprovou mais 198 voos até ao dia 28 de Fevereiro para satisfazer o aumento da procura durante o Ano Novo Lunar, um aumento de 150 por cento em relação ao período homólogo do ano passado.

A maioria dos voos, 151, realizou-se de e para o interior da China, seguindo-se Taiwan com 25. Este ano quase que triplicou o número de voos de e para o interior da China, em relação ao ano passado (51).

Em Fevereiro de 2018 chegaram a Macau 3.070.937 visitantes devido aos feriados prolongados do ano novo chinês, segundo dados oficiais.

Forbes TRAVEL GUIDE

Forbes premeia 61 estabelecimentos locais

Sessenta e um hotéis, ‘spas’ e restaurantes de Macau foram premiados pelo Guia de Viagens da Forbes 2019, que atribuiu a pontuação máxima de 5 estrelas a 35 destes espaços nos ‘resorts integrados’.

Dos 22 hotéis galardoados, 12 receberam 5 estrelas, enquanto os restaurantes de Macau foram contemplados com 17 estabelecimentos de 5 estrelas, entre os 24 premiados. Já na categoria de ‘spa’, a Forbes premiou 15 estabelecimentos.

Fundação Macau concede MOP 2,36 mil milhões de apoios em 2018

A Fundação Macau concedeu no ano passado 2,36 mil milhões de patacas em apoios financeiros, mais do dobro do valor alocado em 2017.

O presidente da administração da Fundação, Wu Zhiliang, numa intervenção de balanço dos trabalhos daquela entidade durante um encontro com a imprensa, afirmou que 48,18 por cento do total (860 milhões de patacas) foram aplicados na formação de quadros qualificados, “especificamente na construção e melhoria de infra-estruturas educativas”.

Além disso, 32,23 por cento foram “atribuídos às acções destinadas à melhoria do bem-estar da população”. O restante foi concedido para estudos académicos e científicos (12,10 por cento), acções culturais e artísticas (4,77 por cento) e actividades de intercâmbio e cooperação (2,72 por cento).



João Caetano apresenta “Rythm&Fado” em Londres

O músico português João Caetano apresentou no início de Março o álbum “Rythm&Fado” no clube “Ronnie Scotts”, em Londres. O projecto, com apoio do Instituto Cultural de Macau, integra 13 músicas num universo que cruza o fado português com o jazz londrino.

O cantautor e percussionista de Macau foi acompanhado por André Dias na guitarra portuguesa, Karme Caruso no teclado, Joe Sam no baixo, Cam Jay May na guitarra e Tim Ower no saxofone.



Curso de sustentabilidade urbana traz novas ideias para Macau

Organizado pela Associação de Pais da Escola Portuguesa de Macau, o Curso de Sustentabilidade Urbana teve lugar no dia 2 de Março e reuniu vários especialistas e criadores de projectos na área da sustentabilidade, alimentação, saúde e gestão do desperdício. No evento foram apresentadas várias soluções para Macau se tornar uma cidade “mais verde” acompanhando o plano para a Grande Baía que vai reforçar os trabalhos na melhoria da qualidade do ar e da área para toda a região do Delta das Pérolas.



Um plano para uma “área de excelência”

O Governo Central anunciou o plano para a Grande Baía. O objectivo é transformar a região numa “área de excelência internacional” até 2035

Texto | Catarina Brites Soares

A região da Grande Baía, em torno do Delta do Rio das Pérolas, passou do que era, em

grande parte, uma zona agrícola nos anos 80, para a maior e mais populosa zona urbana na Ásia. Desde que se tornou

um pólo global de manufatura, a zona da Grande Baía gera uma percentagem significativa do PIB chinês (cer-

ca de 12 por cento em 2017), apesar de constituir cerca de 20 por cento da população do País.



O plano para esta região é detalhado no documento oficial “Linhas Gerais do Planeamento para o Desenvolvimento da Grande Baía Guangdong-Hong Kong-Macau”, tornado público no mês de Fevereiro. A região inclui 11 cidades, incluindo as regiões administrativas especiais de Hong Kong e Macau e abarca cerca de 56 mil quilómetros quadrados, perto de 70 milhões de habitantes e um Produto Interno Bruto que rondou os 1,5 biliões de dólares norte-americanos, em 2017 – maior do que o PIB da Austrália, Indonésia e México, países que integram o G20.

Das 11 cidades há quatro que foram escolhidas como os “principais motores de desenvolvimento”: Hong Kong como centro internacional

financeiro, comercial e de transportes; Macau como centro mundial de turismo e lazer e, simultaneamente, plataforma de cooperação económica e comercial entre a China e os países de língua portuguesa; Cantão como centro industrial e comercial internacional e, também, portal integrado de transportes e, por último, Shenzhen como capital da inovação e criatividade com influência global.

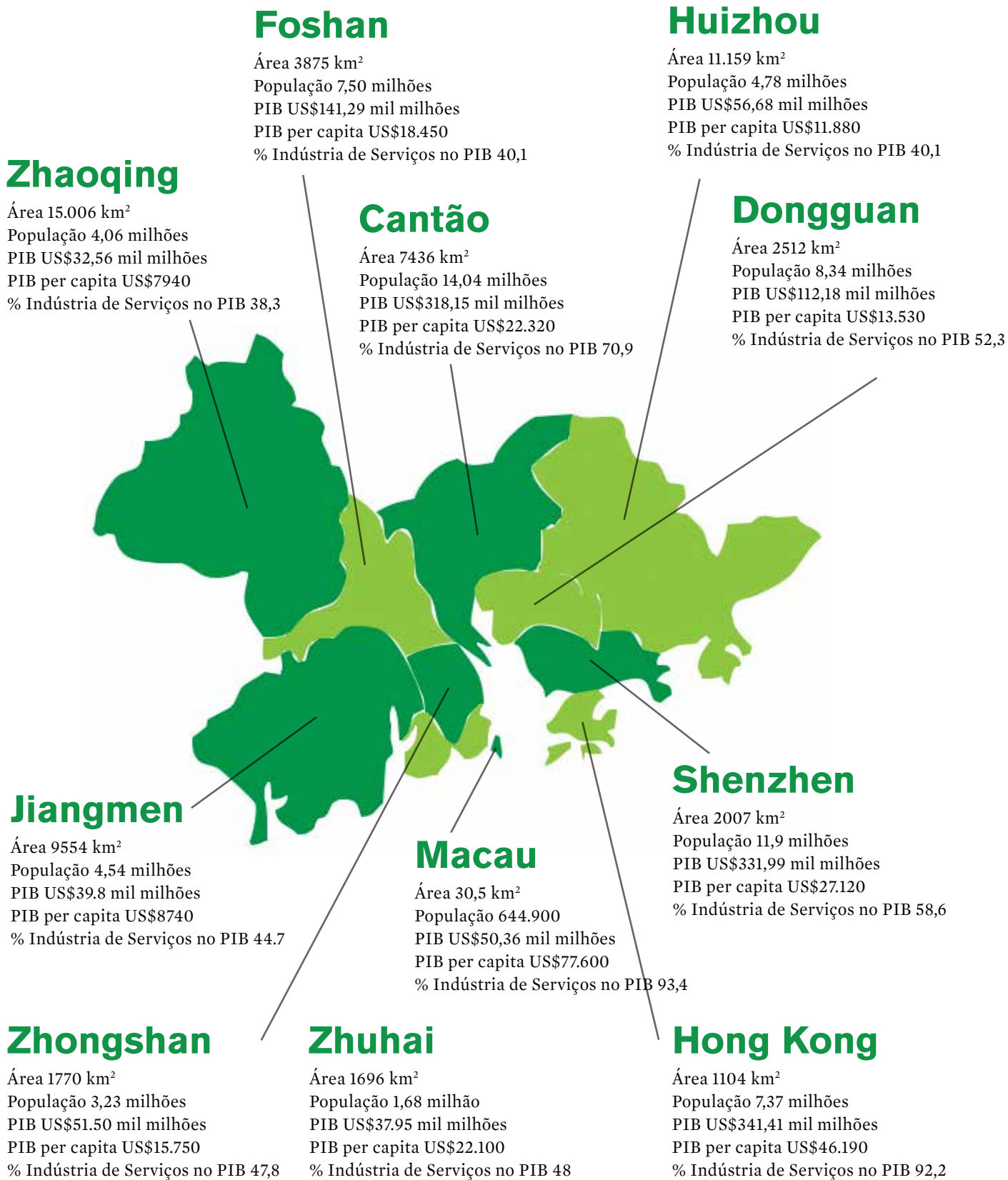
No plano apresentado, onde inovação e reforma são palavras-chave, Hong Kong é referido 102 vezes, Macau 90 vezes, Cantão 41 vezes e Shenzhen 39 vezes. No mesmo plano é sublinhado que os governos destas cidades devem reforçar a comunicação e cooperar com respeito mútuo. O mesmo documento refere

HONG KONG, MACAU, SHENZHEN E CANTÃO SÃO AS QUATRO CIDADES E REGIÕES COM MAIOR DESTAQUE NO PLANO DA GRANDE BAÍA

a criação de um pólo internacional de inovação e tecnologia que se assenta na ideia de criar mais oportunidades e condições para incentivar as gerações mais novas a criar negócios na Grande Baía. Ao mesmo tempo, as empresas de Hong Kong e de Macau passam a ter o mesmo tratamento que as do Interior do País e a beneficiar das políticas nacionais e de província para o setor empresarial.

Uma hora para estar em todo o lado

Um dos objectivos do plano é que passe a ser possível movimentar-se entre cada uma das 11 cidades da Grande Baía no tempo máximo de uma hora. Para isso o plano sugere a implementação de novos modelos e procedimentos nas ligações ferroviárias e



TOTAIS

Área

56.149 km²

PIB

US\$ 1513,42
bilhões

Média do PIB per capita

US\$ 21.750

População

67.994.900
habitantes

Peso da indústria de serviços no PIB

65,6%

na ponte Hong Kong-Zhuhai-Macau.

“Consolidaremos a posição de Hong Kong como centro marítimo internacional”, refere o documento. O objectivo é desenvolver serviços de gestão e arrendamento de navios, seguros marítimos e legislação marítima na Região Administrativa Especial de Hong Kong. Entretanto quer ainda “consolidar o estatuto de Hong Kong como centro de aviação internacional”, “aumentar a competitividade” dos aeroportos de Cantão e Shenzhen, e “reforçar o papel dos aeroportos de Macau e Zhuhai”. Vai ser construída uma terceira pista no Aeroporto Internacional de Hong

Kong e renovar e ampliar os aeroportos de Macau, Cantão e Zhuhai. “Realizaremos ainda trabalhos preparatórios para a construção de um novo aeroporto em Cantão”, realça o plano.

De lembrar que a área da Grande Baía conta já com três dos dez portos mais movimentados do mundo – Cantão, Shenzhen e Hong Kong – e vários aeroportos internacionais.

Além do desenvolvimento das ligações rodoviárias entre o leste, oeste e norte de Guangdong, a Grande Baía e as regiões vizinhas, vão ser construídas autoestradas e linhas ferroviárias de alta velocidade que liguem as cidades

UM DOS OBJECTIVOS É QUE SEJA POSSÍVEL MOVIMENTAR-SE ENTRE CADA UMA DAS 11 CIDADES NO TEMPO MÁXIMO DE UMA HORA



da região e a região da Grande Baía com os países da Associação de Nações do Sudeste Asiático (ASEAN, na sigla inglesa).

No que toca às infra-estruturas, a melhoria da transmissão de electricidade entre o Interior do País, Hong Kong e Macau e o aumento da capacidade nas fronteiras da região da Grande Baía para que a circulação de pessoas e produtos seja mais eficiente, são outras das prioridades.

Aprofundar as relações entre os sistemas financeiros de Hong Kong e do Interior do País, através de melhores ligações entre as bolsas de Xangai e Hong Kong, e entre as de Shenzhen e Hong Kong foi outro dos pontos apresentados no documento. Da mesma forma que os bancos e empresas de seguros de Hong Kong e Macau – que tenham sido autorizados e escolhidos previamente – vão ser apoiados para abrir sucursais em Shenzhen, Cantão e Zhuhai. No plano prevê-se o incentivo e a criação de condições para

motivar chineses de Hong Kong e Macau a integrarem empresas e agências estatais assim como a atribuição dos mesmos direitos que os resi-

dentos do Interior aos residentes de Hong Kong e Macau no que toca às áreas da educação, saúde, apoio aos idosos, habitação e transporte.

Na educação prevê-se a possibilidade dos professores de Hong Kong e Macau trabalharem em Guangdong e as instituições do ensino superior das



Cronologia

Macau, Hong Kong e a província de Guangdong dão início ao plano estratégico

2006

É concluído o estudo iniciado em 2006, com recomendações para uma “investigação conjunta sobre a estratégia para o desenvolvimento” da região

2009

O projecto da Grande Baía é incluído na iniciativa ‘Faixa e Rota’

2015

2008
Conselho de Estado publica as “Linhas Gerais do Planeamento para a Reforma e Desenvolvimento da Região do Delta do Rio das Pérolas (2008-2020)”

2010
Início de mais um estudo, desta feita com o objectivo de mapear o plano de acção da região da Grande Baía. O projecto começa a ganhar forma: é decidido que a região integrará 8680 km² das águas do Delta do Rio das Pérolas e 19 distritos, que correspondem a 6890 km² de área terrestre

Março 2017
O primeiro-ministro, Li Keqiang, inclui o projecto da Grande Baía no relatório do Congresso Nacional, e assinala o início oficial do plano

diferentes cidades vão ser incentivadas a desenvolver escolas e programas conjuntos. Com os olhos postos num futuro sustentável, o plano diz

que um maior controlo da poluição atmosférica e da água na zona do Delta do Rio das Pérolas é uma prioridade. Já no que toca à coopera-

ção entre Guangdong, Hong Kong e Macau vai ser criado um banco internacional comercial da Grande Baía com sede em Guangdong que con-

tribuirá também para a criação de um ambiente internacional e com vista ao mercado com base no Estado de Direito, sob a lei e estrutura legal do Interior da China.



Princípio um país, dois sistemas

O princípio “Um País, Dois Sistemas”, garantindo às regiões administrativas especiais de Macau e Hong Kong um alto grau de autonomia aos níveis político e económico, será, segundo o plano, a base para assegurar o desenvolvimento da Grande Baía. De acordo com Guo Lanfeng, director do departamento para a economia regional da Comissão para o Desenvolvimento e Reforma, “o factor diferenciador da Grande Baía face às outras Baías do mundo reside no princípio ‘Um País, Dois Sistemas’. É a nossa mais-valia e também um valor no processo todo de planeamento.”

Esta posição é consensual e foi reiterada por altos responsáveis do País e pelos Che-

Data delineada para que o projecto da Grande Baía esteja “praticamente concretizado”

2020

Data em que se pretende que a Grande Baía seja a região com o PIB mais elevado das Grandes Baías, incluindo as de Tóquio, Nova Iorque, Silicon Valley e São Francisco

2030

Julho de 2017

É assinado um acordo sobre o desenvolvimento da Grande Baía durante as celebrações do 20.º aniversário da transferência de soberania de Hong Kong

2022

Deve ser formada a “estrutura para uma área internacional de primeira classe e um aglomerado urbano de classe mundial”

2035

Ano em que a região designada Grande Baía deve ter um “sistema económico e modo de desenvolvimento norteado pela inovação e ser uma área de elevada qualidade para viver, trabalhar e viajar”

fes do Executivo de Macau e Hong Kong durante o simpósio de apresentação das “Linhas Gerais do Planeamento para o Desenvolvimento da Grande Baía Guangdong-Hong Kong-Macau”.

O Chefe do Executivo de Macau, Chui Sai On, referiu igualmente que o princípio “é a marca que permite distinguir a Grande Baía Guangdong-Hong Kong-Macau de outras Grandes Baías internacionais de excelência, e é também a sua maior vantagem”. Igualmente o subdirector da

Comissão para o Desenvolvimento e Reforma chinesa, Lin Nianxiu, lembra que há que “insistir nos princípios ‘Um País, Dois Sistemas’, Hong Kong governado pelas suas gentes e Macau governado pelas suas gentes, assim como no alto grau de autonomia para ambas as cidades. Temos de nos assegurar que o sistema não vai mudar”.

Para o governador da província de Guangdong, Ma Xingrui o princípio “Um País, Dois Sistemas” irá permitir que as regiões trabalhem nas “suas

áreas de interesse” para a criação de “mais centros de inovação, tecnológicos e científicos”.

Já a Chefe do Executivo da vizinha região administrativa especial de Hong Kong sublinhou que “o desenvolvimento da Grande Baía vai permitir estabilidade e prosperidade a longo prazo para Hong Kong e Macau mas não vai, como algumas pessoas temem, resultar na ‘Continentalização’ de Hong Kong. Sob o princípio “Um País, Dois Sistemas”, Hong Kong beneficia de vantagens duplas. Por um lado fazemos parte da Nação, mas por outro lado temos uma economia e sistema legal diferentes dos do Continente. Hong Kong é a região com o grau mais elevado de abertura e vitalidade económica da China. Os benefícios económicos para Hong Kong assim como para a população vão ser significativos”. 

O AUMENTO DA CAPACIDADE NAS FRONTEIRAS PARA QUE A CIRCULAÇÃO DE PESSOAS E PRODUTOS SEJA MAIS EFICIENTE É OUTRA DAS PRIORIDADES



ESTAMOS MAIS PERTO DE SI!

Macau 澳門

A PARTIR DE AGORA A REVISTA **MACAU** PODE SER LIDA ATRAVÉS DE UM SIMPLES CLIQUE

Disponível na Apple Store e no Google Play, a nova aplicação da **MACAU** em língua portuguesa para telefones inteligentes e tablets disponibiliza, em formato PDF, todas as revistas da série IV. Pode mesmo descarregar a edição pretendida e lê-la, mais tarde, em modo offline.





DONGGUAN

Ecologia e inovação tecnológica

A cidade do Sul da China conhecida pela sua indústria manufactureira procura agora novos caminhos no contexto da Grande Baía

Texto | José Sales Marques

Dongguan é uma cidade muito conhecida pela capacidade da sua indústria manufactureira para a exportação. Quase tudo o que se consome no mundo em

artigos de vestuário e calçado, brinquedos e produtos de electrónica corrente provêm da China e, é muito provável, que esses artigos tenham sido fabricados em Dongguan.

É o que acontece com os *smartphones*, esse objecto que se tornou quase uma extensão do corpo humano. Pois bem, um em cada cinco desses aparelhos colocados no mercado

mundial são fabricados na cidade. O mesmo se poderia dizer de computadores pessoais e toda a gama de acessórios associados a este equipamento. Desde que, em 1978, foi ini-



ciada a política da reforma e abertura da China, Dongguan e a vizinha Shenzhen, tornaram-se nos símbolos desse processo, cada uma de forma diferente, apostando em sectores que se complementam. A Taiping Handbag Factory, fundada em Dongguan em 1978, foi a primeira fábrica da China autorizada a produzir e exportar. A indústria ligeira foi a aposta de Dongguan, e com isso atraiu capital do Interior da China, do estrangeiro e também de Hong Kong, dada a continuidade geográfica que partilha, estando localizada na mesma margem oriental do Delta do Rio das Pérolas. Dongguan é uma cidade com

nível de prefeitura desde 1988, está situada na província de Guangdong, com uma área de 2460 quilómetros quadrados e integra a área da Grande Baía. Faz fronteira com Guangzhou a norte, Huizhou a nordeste, Shenzhen a sul e o Rio das Pérolas a oeste. A sua localização é central, tanto em relação a toda a área da Grande Baía como em relação ao corredor de ciência e inovação tecnológica Guangzhou-Shenzhen. É uma cidade de migração, onde grande parte dos 8,34 milhões de habitantes não são residentes permanentes registados na região. De acordo com estatísticas oficiais, a densidade popu-

lacional é de 3300 habitantes por quilómetro quadrado. Face ao elevado número de trabalhadores imigrados provenientes de outras regiões da China, a cidade fica quase deserta quando têm lugar os festejos do Ano Novo Lunar.

Emigração brasileira

Apesar de ser uma região pouco referenciada como destino turístico na parte do mundo em que se fala português, Dongguan tem sido um polo de atracção para a imigração brasileira, que desde meados dos anos 90 do século passado começou a acorrer para trabalhar na indústria do calçado, constituindo uma comunidade com milhares de indivíduos. Esta comunidade tem conseguido reconstituir o modo de vida do Brasil naquele recanto da China: existem churrascarias, escolas de capoeira e samba e outros estabelecimentos onde quase só se fala português do Brasil.

Uma das escolas inspiradas pelo modelo brasileiro de educação prepara adolescentes e jovens para prosseguirem os seus estudos quando regressarem ao seu país de origem. Esta ligação à lusofonia, que é baseada em pessoas e relações culturais construídas no terreno, pode ser uma importante mais-valia para a ligação da cidade aos países de língua oficial portuguesa.

O governo municipal de Dongguan administra 28 vilas e quatro subdistritos urbanos: Guangcheng, Nancheng, Dongcheng e Wanjiang. Dongcheng evoluiu de uma floresta de bambu nos anos oitenta do século passado, com uma pequena rua de 500 metros de extensão, para o actual centro de negócios e de serviços onde o imobiliário é muito valorizado. Possui três bases

**DONGGUAN POSSUI
A SEGUNDA
ECONOMIA MAIS
IMPORTANTE
DA REGIÃO DA
GRANDE BAÍA DO
PONTO DE VISTA
DA BALANÇA DE
MERCADORIAS**

industriais, Tongsha, Wijing e Shijiao, que no conjunto representaram um investimento de 8000 milhões de renminbis (cerca de 9600 milhões de patacas ao câmbio actual) para o desenvolvimento da indústria electrónica de ponta, instrumentos de precisão, biomédicas e energia solar, naquele que é um exemplo dos caminhos a seguir para o futuro da cidade.

Nancheng é o centro financeiro e de negócios de Dongguan, um jovem subdistrito com apenas 14 anos de existência, construído sobre terrenos agrícolas. Hongfu é a principal artéria que atravessa o distrito, percorrendo os edifícios mais emblemáticos deste novo centro urbano.

O subdistrito de Guangcheng, com apenas 13,5 quilómetros quadrados de área, é dos aglomerados populacionais mais antigos de Dongguan, com mais de 1200 anos de história. O nome foi-lhe atribuído em 757, na dinastia Tang. É o centro político, económico e cultural de Dongguan, com edifícios patrimoniais como a famosa Torre da Porta Ying'en.

A vila de Qingxi foi considerada a cidade mais bonita da China em 2012. Curiosamente, é também aí que se localiza a maior base de produção de computadores do país, juntando o passado com o presente, a natureza com a tecnologia de ponta. O parque florestal de Qingxi é um bairro cénico de nível nacional. Dongguan foi reconhecida pelo programa Ambiental das Nações Unidas como uma cidade-jardim internacional, com dez parques florestais, cinco reservas naturais, 13 parques de zonas húmidas e 933,5 quilómetros de vias verdes.

Três equipas profissionais de

A ECONOMIA DE DONGGUAN CRESCERAM ENTRE 2003 E 2006 AO RITMO DE 20% AO ANO

basquetebol estão sediadas em Dongguan, entre as quais a campeã nacional “Os Tigres do Sul de Guangdong” que foi a primeira equipa privada na modalidade a estabelecer-se em toda a China, o que reflecte a capacidade de patrocínio das empresas desta cidade.

Preservação da cultura lingnan

Foi no ano 331, na Dinastia Jin (265-420) que foi fundado o condado de Bao'ao, nome que perdurou até ao ano 757, já na Dinastia Tang (618-906), quando passou a ser designada Dongguan. Toda a cultura de Lingnan, que encontra a sua raiz no encontro entre as culturas Yue e Han, tem em Dongguan um dos seus mais importantes centros de influência e disseminação. Está estimado, que cerca de 300 mil chineses ultramarinos e 1,2 milhões de compatriotas de Hong Kong e Macau têm a sua origem familiar em Dongguan. A história de Dongguan será, doravante, associada a um dos momentos mais dramáticos da história moderna da China até





pela importante localização do porto de Humen, uma das chaves de entrada para o porto de Guangzhou (Cantão), que durante séculos foi o centro do comércio marítimo entre a China e o Ocidente e um dos pilares da Rota Marítima da Seda.

A famosa queima do ópio mandada efectuar pelo Comissário Imperial Lin Zexu em 1839, que marcou o início da primeira Guerra do Ópio (1840-42) deu-se naquela cidade, que é conhecida na literatura ocidental pela Boca do Tigre. O Museu sobre a Guerra do Ópio localiza-se na vila homónima, onde se pode visitar o campo onde se travou esta batalha, que está bem preservado e que se tornou numa atracção turística local. Uma visita à zona de Humen e Nansha, na margem oposta do delta, poderá tornar-se num dos percursos mais interessantes quando no futuro se

**ALGUMAS DAS
MANIFESTAÇÕES
CULTURAIS TÍPICAS
DA CULTURA
LINGNAN, QUE
UNE A MAIORIA DA
POPULAÇÃO DA
ÁREA DA GRANDE
BAÍA, TIVERAM
ORIGEM NA
REGIÃO ONDE SE
SITUA DONGGUAN**

desenvolver o turismo marítimo cultural na área da Grande Baía, com mini-cruzeiros a subirem o rio a partir de Hong Kong ou Macau.

Entre as duas margens do Delta, com Humen de um lado e Nansha do outro, existe o fortim bem preservado de Weiyuan, que vigiava a Bocca Tigris ou Boca do Tigre nos tempos do comércio marítimo da China com o Ocidente, durante a dinastia Qing (1644-1912). Também aí, entre 1809 e 1810, travaram-se várias batalhas de flotilhas de navios chineses, portugueses e de Macau, este sob o comando de José Pinto Alcoforado e Sousa, contra a armada de piratas comandadas por Zhang Baozai (Cheung Po Tsai), do qual resultou a derrota desse famoso pirata. Através da intermediação do Ouvidor Arriaga, uma figura incontornável da história de Macau nos primórdios do século XIX,

Zhang Baozai negociou com as autoridades imperiais Qing, que o amnistiaram e o integraram na sociedade como oficial de alta patente da Armada Chinesa.

Outros conhecidos pontos turísticos são os Jardins tradicionais de Keyuan, as relíquias pré-históricas de Haogang e a aldeia antiga de Nanshe.

Algumas das manifestações culturais típicas da cultura Lingnan, que une a maioria da população da área da Grande Baía, tiveram origem na região onde se situa Dongguan. É o que acontece, por exemplo, com os barcos-dragão e a dança do Leão do Sul da China, assim como a ópera cantonense que encontra aqui as suas raízes e cujo cantor Ho Fei Fan, nascido em 1919, se tornou numa das grandes estrelas da modalidade. Ao longo da sua prolífera vida artística, Ho produziu três filmes e participou em outros 96, mui-

tos dos quais em Hong Kong, para onde emigrou e veio a falecer em 1980, com apenas 61 anos de idade.

Por via dessa riqueza cultural, o plano da Grande Baía prevê a participação activa de Dongguan na promoção da cultura Lingnan, particularmente nas manifestações culturais atrás referidas.

Estrutura industrial bem integrada

A economia de Dongguan cresceu entre 2003 e 2006 ao ritmo de 20 por cento ao ano. Mas desde a crise de 2008 que os custos de mão-de-obra e a concorrência de outros centros manufactureiros tem obrigado a que a economia de Dongguan se reestruture.

O número agregado de 10 mil de unidades industriais registadas na cidade com capital estrangeiro é, em grande parte, constituído por fábricas de indústria ligeira e mão-de-obra intensiva, com importante contributo de investimento directo do exterior, incluindo de Hong Kong e de Taiwan, no valor total de 40,7 mil milhões de dólares americanos (2016).

O grande mérito de Dongguan é possuir uma estrutura industrial bem integrada, impe-cavelmente servida por uma rede logística das mais eficientes do mundo, a montante e a jusante da mesma.

A maior parte da sua produção é exportada. Segundo estatísticas oficiais, a exportação de mercadorias é da ordem de 103,9 mil milhões de dólares americanos e a importação de apenas 77,3 mil milhões de dólares, a segunda economia mais importante da Grande Baía, do ponto de vista da balança de mercadorias, logo a seguir à vizinha Shenzhen.

Dada à proximidade de Shenzhen e Hong Kong, a distribuição internacional dos produtos é realizada sobretudo através dos portos daquelas duas grandes metrópoles. Não obstante, as autoridades de Dongguan estão a promover a integração de infra-estruturas portuárias de Shatian, Machon e Neihe para aumentarem a competitividade dessas estruturas fluviais e, no futuro, maximizando todo o potencial económico da Grande Baía, tornar esses portos atractivos para o comércio internacional.

O Produto Interno Bruto (PIB) de Dongguan é da ordem dos 123,4 mil milhões de dólares americanos e o PIB per capita de 14,75 mil dólares. A estrutura do PIB aponta para uma tendência para a terciarização da economia, apesar dos pergaminhos industriais que ainda ostenta. Assim, o sector primário tem um peso insignificante de 0,3 por cento, o terciário ou de serviços 52,3 por cento e o secundário, onde se integra a actividade industrial 47,4 por cento.

As principais indústrias são a informação electrónica, o fabrico de equipamento e maquinaria eléctrica, os têxteis e vestuário, calçado e acessórios; o processamento de bens alimentares e bebidas, as indústrias de papel e os produtos de papelaria. Entretanto, à medida que a produção industrial avança na cadeia de valor começa a surgir um ramo de indústrias com tecnologia mais avançada, nomeadamente o fabrico de luzes LED, ecrãs lisos e fotovoltaicos.

Panorama económico em transformação

Com a introdução do plano para a integração da Grande





A gigante tecnológica Huawei inaugurou recentemente uma base de inovação na zona do lago Songshan



O grande mérito de Dongguan é possuir uma estrutura industrial bem integrada, impecavelmente servida por uma rede logística das mais eficientes do mundo, a montante e a jusante da mesma

Baía, o panorama económico de Dongguan vai mudar. Por um lado, o futuro previsto para a nova região aposta na ciência, tecnologia, educação, economias verdes e produção industrial avançada. Por outro, as alterações conjunturais e estruturais que se estão a desenvolver a nível dos mercados internacionais, nomeadamente o reforço de políticas

de cariz protecionista, associado ao esforço para o desenvolvimento de um mercado integrado da Grande Baía, fazem prever uma profunda reestruturação do lado da oferta produtiva na região. As indústrias de menor valor acrescentado que se apoiam em mão de obra e a existência de outros recursos a baixo custo irão procurar a realocação em outras economias ou províncias no interior do Continente Chinês, que ainda oferecem essas características. Assim, o plano para a Grande Baía prevê para Dongguan alguns importantes desenvolvimentos, nomeadamente o parque Eco-Industrial no Lago Shonshan para atrair empreendedores jovens e talentos de Hong Kong e Macau. O gigante tecnológico mundial Huawei, instalou um campus para a investigação nesta nova área, para onde também se deslocaram outras empresas com vários laboratórios de investigação científica, criando um ramo de ciência e tecnologia que atrairá cientistas de todo o mundo. Para se ter uma ideia da dimensão do projecto da Huawei, o novo campus, designado Xiliubeipo, tem uma área de 1,4 milhões de metros quadrados, possui 12 “bairros”, designados segundo conhecidas capitais europeias e ligadas entre si por um sistema de metro ligeiro com 7,8 quilómetros de extensão.

Este gigantesco “campus” tecnológico está dotado de todas as infra-estruturas para albergar um número total de 25 mil funcionários das áreas de investigação e desenvolvimento. O desenvolvimento do novo distrito de Dongguan Binhaiwan, que tem intenções de se tornar numa grande área de inovação em 2025 e uma nova cidade de classe mundial em 2015, em colaboração



com Hong Kong. Esses projectos irão acrescentar diversidade e capacidade às plataformas de inovação e empreendedorismo já existentes, nomeadamente a o parque de incubação Dongguan Tianan, o parque de Ciência e Tecnologia de Changping e o ANTCLUB (Clube de Formigas) um dos primeiros centros de incubação ao serviço de jovens de Macau, de Hong Kong e de Taiwan, que já deu apoiou mais de 50 equipas e empresas dos dois lados do estreito.

O esforço desenvolvido pelas autoridades de Dongguan para atrair novos talentos e novas empresas ligadas à inovação e alta tecnologia traduzem-se em resultados palpáveis. A cidade albergava no final do passado 4058 empresas de alta

tecnologia com outras 2400 candidaturas em fila para serem consideradas como tais.

Ligações

A ligação entre as cidades da Área da Grande Baía é fulcral para o sucesso do processo de integração. Nesse aspecto, Dongguan está bem servida visto estar estrategicamente localizada na intersecção de diversas vias de comunicação entre os potentados económicos Shenzhen, Cantão e Foshan e entre as margens ocidental e oriental do Delta do Rio das Pérolas.

Diversas auto-estradas convergem para a ponte de Humen, uma obra de engenharia de grande envergadura, que além da sua funcionalidade oferece, a quem a atravessa,

**O PLANO DA
GRANDE BAÍA DÁ
UM NOVO IMPULSO
NO SENTIDO DE
MARCAR BEM
CLARO QUE
DONGGUAN DEVE
SER UMA BASE DE
MANUFATURA
AVANÇADA E DE
NÍVEL MUNDIAL**

um cenário verdadeiramente deslumbrante. Para quem viaja por terra de Macau para Shenzhen, e vice-versa, esse percurso é obrigatório e muito útil, quando, devido às tempestades tropicais, o serviço de ferry para Hong Kong e Shenzhen ficam suspensos. A ponte de Nansha, até agora conhecida como segunda ponte de Humen, com a extensão de 13 quilómetros, estará em breve concluída e fará a travessia do Delta a partir daquele distrito da cidade de Cantão para ligar à vila de Shatian, situada em Dongguan. Quando se tornar operacional, a sua travessia irá poupar 10 quilómetros ao actual percurso entre Cantão e Dongguan, contribuindo para a circulação rápida e efi-



caz dentro da Área da Grande Baía, promovendo a sua integração bem como a importante Zona de Livre Comércio Cantão-Nansha.


Humen é uma das estações servidas pelo comboio de alta velocidade entre Hong Kong e Guangzhou. A distância entre Humen e Hong Kong é de 142 quilómetros e o percurso é servido por 20 comboios por dia, em cada sentido, e a viagem pode durar entre 38 e 56 minutos. Está também ligado à rede ferroviária nacional, sendo fácil viajar para Xangai, Pequim e outros destinos no Interior da China. Para facilitar a circulação de pessoas nas regiões circundantes de Guangzhou, estão a ser construídas três redes de comboios intercidades, nomeadamente, Cantão-Dongguan-Shenzhen, Foshan-Dongguan e Dongguan-Huizhou, ligando os centros urbanos de cada um desses destinos.

Cidade em transformação

Dongguan é uma das cidades do Sul da China que está mais integrada nas cadeias globais de valor, como fábrica do mundo. Esse famoso “modelo Dongguan” chegou ao limite do seu potencial, porque a indústria de manufacturas ligeiras e de baixo valor acrescentado, até agora dominantes, não produz os níveis de retorno que a cidade necessita, e os planos da Grande Baía requerem e incentivam. Na realidade, as mudanças económicas de Dongguan estão em curso desde que a crise económica

de 2008 afectou a sua economia, com o esforço empreendido pelas autoridades locais na captação de investimentos para as áreas da tecnologia e inovação, bem como na criação de plataformas para a incubação de empresas e de talentos de Hong Kong, Macau e Taiwan.

O plano da Grande Baía dá um novo impulso no sentido de marcar bem claro que Dongguan deve ser uma base de manufactura avançada e de nível mundial, isto é, deve apostar na manufactura de produtos de elevado valor acrescentado a partir da incorporação de tecnologias inovadoras, fruto do trabalho de investigação e desenvolvimento realizado no contexto chinês. Além do mais, a integração regional na Grande Baía vai permitir a maximização dos recursos utilizados e uma elevação geral dos níveis de eficiência económica e melhoria da qualidade de vida na região, quer por sinergias sistémicas, quer pela mobilidade acrescida que oferece. Dongguan, terá mais oportunidades, também, para expor as mais valias culturais que possui e a qualidade paisagística presente nos seus lagos e parques, atraindo turismo de qualidade.

A cidade procura agora novos caminhos para o seu futuro e a resposta está nas oportunidades e desafios associados à integração na área da Grande Baía, especialmente com Cantão, Hong Kong e Macau. 



DONGGUAN É UMA DAS CIDADES DO SUL DA CHINA QUE ESTÁ MAIS INTEGRADA NAS CADEIAS GLOBAIS DE VALOR



ALEXIS TAM EM PORTUGAL

Visita com “resultados frutíferos”

A assinatura de cinco protocolos de geminação entre escolas secundárias de Macau e Portugal e a sugestão deixada para que atletas lusos estagiem na Região Administrativa Especial de Macau (RAEM) antes dos Jogos Olímpicos de Tóquio, em 2022, foram alguns dos momentos que marcaram a visita do secretário para os Assuntos Sociais e Cultura a Portugal

Texto | Bruna Pickler

Imagine ouvir o “Barco-Negro” ao som de instrumentos tradicionais chineses. Foi isso mesmo que

aconteceu durante as celebrações do Ano Novo Chinês em Portugal. O fado, imortalizado por Amália Rodrigues, foi

apresentado no Porto pela Orquestra Folclórica Juvenil da Escola dos Moradores de Macau, um dos 16 es-

tabelecimentos de ensino da RAEM a integrar a comitiva do secretário para os Assuntos Sociais e Cultura, Alexis



Dança, música, artes marciais chinesas e ópera cantonense foram os “presentes” levados a Portugal pelos alunos de Macau que integraram a comitiva de Alexis Tam



Alexis Tam e o embaixador da China em Portugal, Cai Run, reconhecem a importância do papel de Macau como plataforma entre a China e os países de língua portuguesa

Tam, na visita a Portugal entre 7 e 13 de Fevereiro. As celebrações da Festa da Primavera chegaram a diferentes cidades portuguesas, juntando ainda várias associações das diferentes comunidades chinesas residentes no país. Em Lisboa, um desfile com cerca de mil participantes percorreu a Avenida Almirante Reis até à Alameda D. Afonso Henriques; em Vila do

Conde as actuações de grupos chineses levaram centenas de curiosos ao Teatro Municipal. “As danças e músicas chinesas e as artes marciais foram bem acolhidas pelos cidadãos portugueses e incluíram uma combinação de recitação de poesia chinesa com artes marciais e ópera cantonense, apresentadas pelos alunos de Macau, que atraíram a atenção de um grande número de

espectadores, que registaram o momento, em ambiente animado”, referiu num comunicado a Direcção dos Serviços de Educação e Juventude (DSEJ) de Macau. A deslocação do responsável da tutela dos Assuntos Sociais e Cultura de Macau a Portugal inseriu-se nas celebrações dos 40 anos do estabelecimento das relações diplomáticas luso-chinesas e dos 20 anos da

fundação da RAEM. Num balanço final, Alexis Tam sublinhou que a visita “obteve resultados frutíferos”.

Macau no intercâmbio luso-chinês

“Macau tem vantagens excelentes e consegue desempenhar funções singulares ao nível do intercâmbio entre países e povos”, vincou o secretário da RAEM num encontro com o embaixador da República Popular da China em Portugal. Reunidos em Lisboa, Alexis Tam e Cai Run discutiram sobre “como desenvolver as vantagens de Macau e o seu papel de plataforma, bem como a promoção do reforço de intercâmbio entre a China e Portugal ao nível cultural, educativo, cooperação turística e entre os dois povos”, como se pode ler num comunicado do Gabinete do Secretário para os Assuntos Sociais e Cultura.

Tam reforçou que no desenvolvimento da iniciativa chinesa “Faixa e Rota”, criada pelo Presidente do País, Xi Jinping, em 2013, “Macau possui a vantagem linguística e uma rede social que permite contribuir para a comunicação entre os povos da China e Portugal”.

Já Cai Run, que se encontra em Portugal desde 2015, disse que com a visita do presidente chinês àquele país europeu no ano passado e “o esforço dos dirigentes dos dois governos, a relação entre a China e Portugal entra agora no melhor período de sempre”. Ainda de acordo com o comunicado, neste encontro o diplomata chinês reconheceu o “estatuto especial de Macau nas relações entre a China e Portugal” e agradeceu ao Executivo da RAEM por ter enviado nos últimos três anos

“excelentes alunos e associações juvenis” a Lisboa para participar nas festividades do Ano Novo Chinês.

Prioridade à educação

Educação, cultura, desporto, turismo ou ciência e tecnologia. Ao longo dos seis dias que esteve em Portugal, Alexis Tam debateu a cooperação sino-lusófona em diferentes sectores. No campo desportivo, o secretário sugeriu durante uma reunião com o ministro da Educação português, Tiago Brandão Rodrigues, que os atletas lusos estagiem na RAEM antes dos Jogos Olímpicos de Tóquio de 2022. “A presença portuguesa nos Jogos Olímpicos de Tóquio pode beneficiar das instalações desportivas de qualidade para um período de adaptação importante em Macau devido ao fuso horário”, referiu Tam, de acordo com um comunicado oficial.

Na área da ciência e tecnologia, Portugal e Macau reiteraram a “necessidade de promoção de projectos de investigação conjunta em áreas específicas de interesse mútuo”.

Já no que diz respeito à educação, foram assinados cinco protocolos de geminação entre estabelecimentos de ensino de Macau e Portugal, onde se ensina português e mandarim. Os acordos estimulam como prioritários os domínios das artes, humanidades, ciência, tecnologia e desporto e prevêem que as instituições envolvidas possam estabelecer entre si “actividades de cooperação” baseadas na partilha entre alunos, docentes e órgãos de gestão “através de contactos regulares” que permitam “aumentar a compreensão e a amizade mútuas”.

“Pode servir como uma im-

ALEXIS TAM DISTINGUIDO COM *HONORIS CAUSA*

Pelo contributo para o desenvolvimento da educação e ensino da língua e cultura portuguesas, o secretário para os Assuntos Sociais e Cultura da RAEM Alexis Tam foi distinguido em Março pela Universidade de Lisboa com o título de doutoramento *Honoris Causa*. “Fiquei muito feliz com esta honra. Significa que eu e a minha equipa estamos a executar bem a política de promover a língua a cultura portuguesas em Macau. Penso que estamos a fazer bem o nosso trabalho, que é apreciado pela Universidade de Lisboa. Para nós este título de *Honoris Causa* pode encorajar-nos a fazer mais no futuro. Isso eu garanto, que o Governo da RAEM vai fazer mais no futuro”, reagiu o responsável.



△
Em 1912, o dialecto cantonês tornou-se a língua principal usada nas representações de Ópera Cantonense criada em finais da Dinastia Ming (1364-1644)



DURANTE A VISITA OFICIAL FORAM ASSINADOS CINCO PROTOCOLOS DE GEMINAÇÃO ENTRE ESCOLAS PORTUGUESAS E DE MACAU, ONDE SE ENSINA PORTUGUÊS E MANDARIM

portante plataforma para a promoção de mais intercâmbio educativo entre as escolas”, salientou Alexis Tam sobre a parceria que associa as escolas locais Hou Kong, da Ilha Verde, dos Moradores, Colégio de São José e Gonzaga Gomes e os estabelecimentos secundários portugueses Carlos Amarante (Braga), Augusto Gomes (Matosinhos), Oliveira Júnior (São João da Madeira), Eng. Acácio Calzans Duarte (Marinha Grande) e D. Duarte (Coimbra).

Em relação ao ensino da língua, o responsável reafirmou nas reuniões com o ministro português da Educação e também com o presidente da Câmara do Porto, Rui Moreira, o desejo de transformar Macau num centro de excelência de aprendizagem da língua portuguesa. A língua, sublinhou, é um “instrumento fulcral para promover o relacionamento” entre as duas partes.

“Neste momento, há cerca de 6700 alunos que estão a estudar a língua portuguesa nas escolas secundárias. Já não falo dos alunos que estão a estudar em Portugal, cada vez

há mais alunos que vêm para Portugal para prosseguirem os estudos e também estamos a incentivar os alunos para virem”, disse o responsável durante a visita ao Porto.

Aprofundar “velha aliança” com o Porto

“Este ano é importante para a China e Portugal, porque se celebram 40 anos do estabelecimento da boa relação diplomática entre os dois. Para nós, a amizade já existe há muitos anos. Por exemplo, Macau e o Porto têm uma amizade, são cidades geminadas desde 1991 e, para nós, esta amizade é preciosa. Utilizando a expressão portuguesa de quanto mais velho é o vinho, melhor é. Com a amizade é igual”,

afirmou Alexis Tam à imprensa durante a visita ao Porto.

O responsável revelou que os temas abordados no encontro com o presidente da câmara daquela cidade e “amigo de Macau” Rui Moreira foram a cooperação e o futuro na área do turismo. “Macau e Porto são cidades turísticas, também Património Mundial da UNESCO”, disse Tam, admitindo que ainda se podem “desenvolver as áreas do turismo, actividades culturais, assim como a educação, saúde e desporto”.

Para Rui Moreira, os benefícios que o Porto colhe da relação com Macau têm a ver com o turismo, visto que a região chinesa “é um ponto de promoção do Porto como cidade

geminada”, e que essa presença portuguesa se transmite “não só no mercado macaense, mas também para os mercados limítrofes, numa zona da China que é a mais rica do país”.

O autarca português sublinhou que a “velha aliança com Macau” tem aberto as portas do Porto para a China, com “protocolos importantes de colaboração com Shenzhen que só foram possíveis através da mediação de Macau” e que são “importantes para a região”.

“Gostava que esta relação pudesse ser mais aprofundada na parte da cultura”, admitiu Moreira, expressando o desejo de que também na área da educação “fossem feitas mais coisas”. **M**

PROMOÇÃO TAMBÉM NA TELEVISÃO



Alexis Tam encerrou a deslocação oficial a Portugal com a participação no “Praça da Alegria”, o programa das manhãs da RTP 1, a emissora pública portuguesa de rádio e televisão. O secretário da RAEM esteve cerca de sete minutos à conversa com os apresentadores Jorge Gabriel e Sónia Araújo, tendo a sua participação no programa servido para assinalar os 40 anos das relações diplomáticas entre Portugal e a República Popular da China. Na sua intervenção, falou sobre o estado actual das relações entre Portugal e Macau e o impulso dado pelas autoridades locais ao ensino da língua portuguesa. Alexis Tam, que desejou em cantonês votos de bom Ano Novo Lunar aos espectadores da RTP, garantiu que tanto Macau como Pequim têm interesse em reforçar o intercâmbio com Portugal, não apenas a nível económico, mas também cultural, desportivo e turístico.



VISITA

Políticas ambientais levam Macau ao Luxemburgo

A delegação da região do Pan-Delta do Rio das Pérolas deslocou-se ao Luxemburgo e, posteriormente, a Portugal de forma a obter mais conhecimentos na área das políticas verdes

Texto | Catarina Mesquita

Foto | GCS

De 3 a 11 do passado mês de Março, uma delegação de várias cidades do Pan-Delta do

Rio das Pérolas, liderada por Agostinho Vong Vai Lon, deslocou-se a Portugal e ao Luxemburgo com os olhos pos-

tos na “promoção da política ambiental e o desenvolvimento de finanças verdes”. A visita promovida pelo go-

verno da Região Administrativa Especial de Macau surge na sequência da indicação do Presidente da República Po-

pular da China, Xi Jinping, no XIX Congresso do Partido Comunista Chinês, em 2017, para a criação de um sistema de inovação tecnológica verde orientado para o mercado e o desenvolvimento de finanças verdes.

Numa altura em que o lançamento do documento das Linhas Gerais do Planeamento e Desenvolvimento da Grande Baía Guangdong - Hong Kong - Macau também surge com referências específicas para a melhoria das políticas ambientais da região – nomeadamente no aumento da qualidade da água e do ar – a delegação afirma que a visita ao Luxemburgo e a Portugal teve resultados “proveitosos”. Na sua passagem pelo Luxem-

burgo a comitiva visitou a Embaixada da República Popular da China no Grão-Ducado do Luxemburgo e o Banco Europeu de Investimentos, tendo também trocado impressões com os representantes da Luxembourg for Finance, da Agência de Rotulagem Financeira do Luxemburgo (LuxFLAG) e da Bolsa de valores de Luxemburgo durante os respectivos encontros.

Com conhecimento e aplicabilidade de finanças “verdes” – a mobilização de capital privado para investimento em projectos sustentáveis e ambientais – o Luxemburgo serviu de inspiração a Macau, ideia sublinhada por Huang Changqing, embaixador extraordinário e plenipotenciário da República Popular da

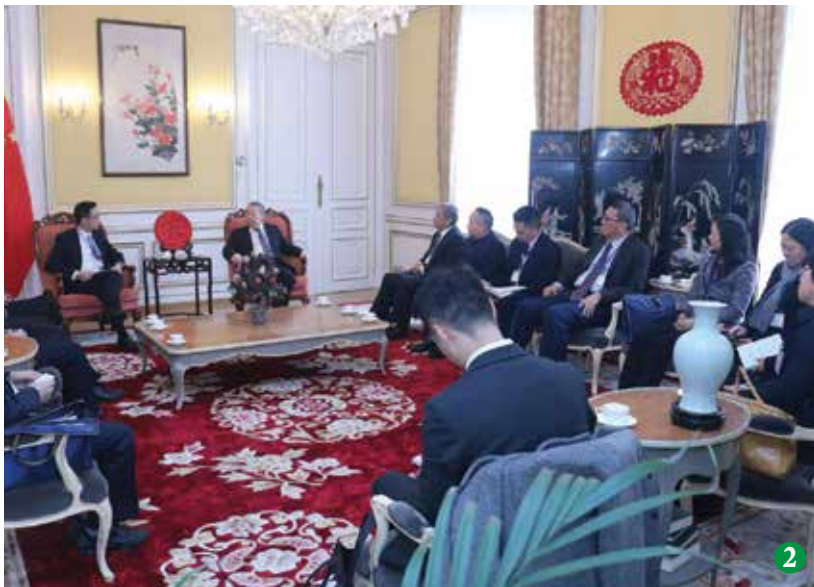
China no Luxemburgo.

Por ocasião do evento de boas-vindas da comitiva do Pan-Delta do Rio das Pérolas, o embaixador lembrou que as relações entre ambos os países têm vindo a crescer nos últimos anos, sendo objetivo dar continuidade a esta intensificação, nomeadamente nos sectores financeiro, transporte aéreo e alta e nova tecnologia.

Já durante a visita a Portugal o grupo reuniu-se com várias instituições, designadamente a Agência Portuguesa do Ambiente e o Banco de Portugal, bem como o Banco Millennium BCP e a Energia de Portugal (EDP), duas das instituições com investimento chinês.

O sector financeiro verde esteve também na agenda da visita de intercâmbio a Portugal, especificamente no que à promoção de títulos e fundos verdes diz respeito.

Com o apoio do Instituto de Promoção do Comércio e do Investimento de Macau, da Autoridade Monetária de Macau, da Direção dos Serviços de Proteção Ambiental e da Agência para o Investimento e Comércio Externo de Portugal, a delegação participou em várias sessões de intercâmbio onde foi possível perceber as políticas ambientais de ambas as regiões, os serviços em vigor e como estão a ser utilizadas as energias renováveis nos diferentes organismos participantes. 



2

1

A delegação da Região do Pan-Delta do Rio das Pérolas em visita à Embaixada da República Popular da China em Portugal

2

Visita à Embaixada da República Popular da China no Grão-Ducado do Luxemburgo

3

Visita à Delegação Económica e Comercial de Macau em Lisboa, que contou com apresentações organizadas pela Agência Portuguesa do Ambiente

4

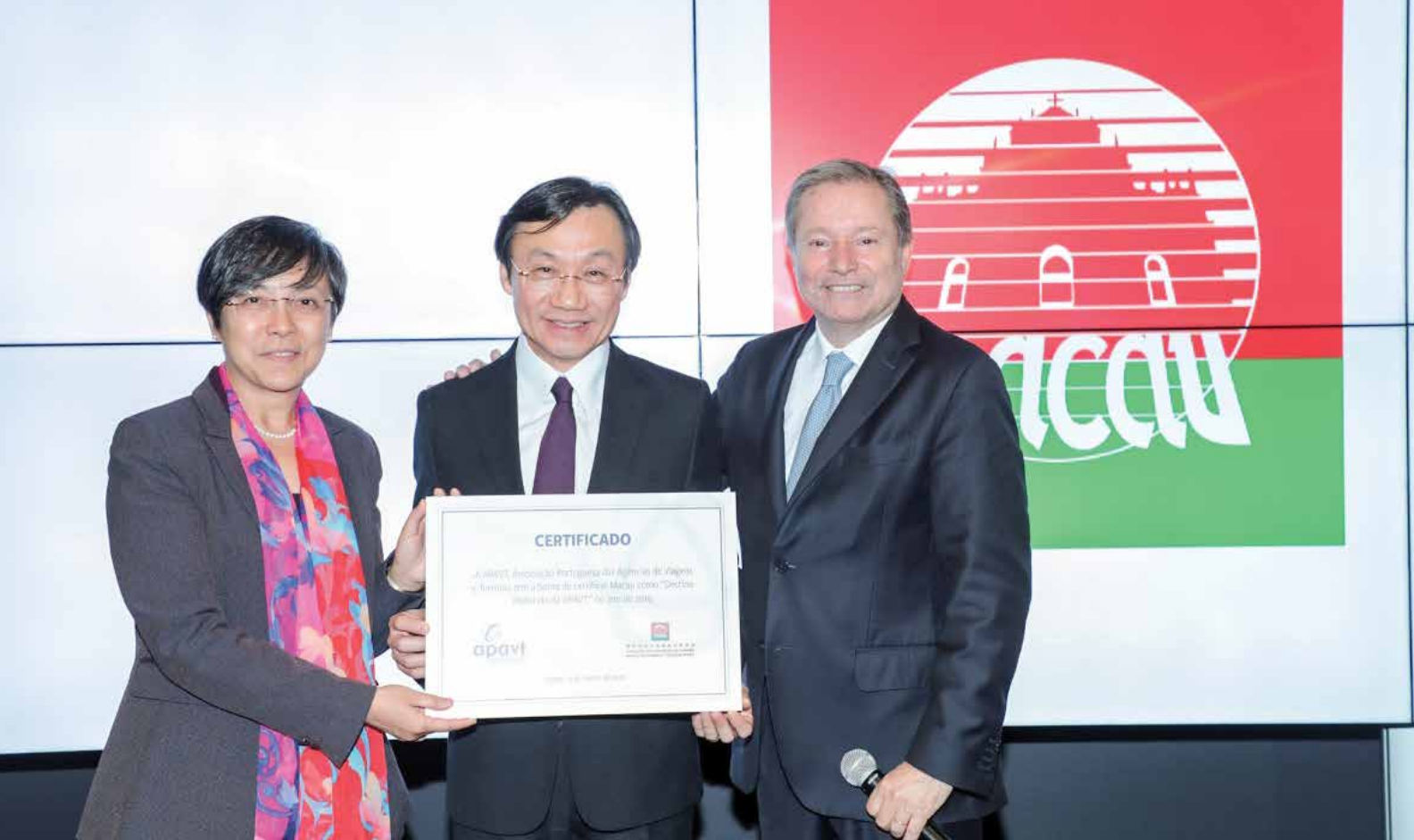
Os membros da delegação participaram activamente na secção de intercâmbio



3



4



TURISMO

Macau como destino dos portugueses

O governo de Macau investiu 300 mil euros (cerca de três milhões de patacas) numa mega-operação turística de forma a atrair mais portugueses para a região. O investimento vem na sequência da participação de Macau na Bolsa de Turismo Internacional realizada, em Lisboa, no passado mês de Março

Texto | Catarina Mesquita

Foto | GCS

As fachadas do icónico Terreiro do Paço, no coração de Lisboa, encheram-se de luz e ritmos bem conhecidos de Macau. As projecções de *videomapping* intituladas “Macau, uma Viagem Lendária”, que tiveram lugar no passado mês de Março, estiveram integradas numa me-

ga-operação turística levada a cabo pelo governo de Macau com vista a atrair mais turistas portugueses para a região administrativa especial.

Com um investimento de cerca de três milhões de patacas, o Executivo local realizou várias iniciativas em Lisboa e no Porto para mostrar o que Macau

tem para oferecer a quem visita o território. A acção ocorreu na sequência de Macau ter sido escolhida como destino internacional convidado para a Bolsa de Turismo de Lisboa (BTL) – a principal plataforma de promoção e contactos de turismo de Portugal.

Segundo a directora dos Ser-

viços de Turismo, Maria Helena de Senna Fernandes, a atribuição deste destaque a Macau fará com que se assistam a “mais contactos entre operadores, novos pacotes turísticos para Macau e no âmbito de turismo multi-destinos a surgir no mercado, levando mais visitantes portu-

gueses a Macau, melhorando os resultados alcançados no passado e reforçando as nossas boas relações históricas.” Durante o evento, que ocorreu entre os dias 13 e 17 de Março, realizaram-se no stand de Macau várias demonstrações da gastronomia macaense – um dos novos motores do turismo em Macau –, tradicionais danças do leão e de caligrafia chinesa. O objectivo é atrair mais turistas portugueses para a região administrativa especial, sendo que estes ainda são uma ínfima fatia dos visitantes de Macau quando comparados com os visitantes provenientes do Interior da China. Segundo os números oficiais divulgados em 2018 dos 35 milhões de visitantes que passaram por Macau apenas 16 mil tinham Portugal como origem.

Chegar por via aérea

Neste momento não é possível chegar a Macau por via aérea directa partindo de Portugal, facto que para o presidente da Associação Portuguesa das Agências de Viagens e Turismo, Pedro Costa Ferreira, não deve ser motivo para não desenvolver o destino. Em declarações à agência de notícias Lusa, o responsável sublinha que as opções de voos de longa distância existentes actualmente no mercado “são muito boas”. Pedro Costa Ferreira defendeu que Macau como destino de viagens por parte dos portugueses à Ásia seria uma “mais-valia”, explicando que para que tal se concretize é necessário “um maior esforço de Macau na visibilidade junto do consumidor final e um maior conhecimento do destino por parte dos agentes de

viagem que têm de se sentir familiarizados”.

Factor “história”

Para o secretário dos Assuntos Sociais e Cultura, Alexis Tam, que liderou a operação turística em Portugal, a ligação histórica com o país do sul da Europa é “única” e lembra que Macau é também a única cidade na China onde se fala português, algo que deverá atrair mais turistas portugueses. Para o governante 2019 é um ano importante nas relações entre ambos os países com a comemoração do vigésimo aniversário da transferência da administração do território para a China, assim como os 40 anos de estabelecimento de relações diplomáticas entre Portugal e a República Popular da China, factores que devem contribuir para o fortalecimento das ligações inclusivamente na área do turismo.

Segundo o governante as acções levadas a cabo no passado mês de Março “ajudam a manter viva a nossa longa relação de amizade, divulgando Macau de uma forma mais lúdica aos portugueses, e actualizando em simultâneo a indústria turística portuguesa sobre a nossa cidade. Dado o papel central da indústria turística para a economia e a projecção tanto de Portugal como de Macau, o turismo é naturalmente uma das áreas em que os contactos oficiais da indústria e de viajantes se têm mantido dinâmicos ao longo dos últimos anos”, acrescentou o responsável. Por ocasião do encontro de Alexis Tam com a Secretária de Estado do Turismo, Ana Mendes Godinho, o governante de Macau afirmou que a actividade turística e cultural em Portugal neste ano “será bastante intensa, com a organização de vários eventos ao longo de todo o ano, nomeadamente diversas exposições, digressões das duas orquestras de Macau, participação nas cerimónias do ano novo lunar organizadas pela embaixada da República Popular da China, acordos de geminação de escolas, acções de demonstração da riqueza da cozinha macaense, entre outros eventos.” Este ano vai ser lançado também um novo produto turístico, o Arte Macau, um evento internacional de artes e cultura que vai decorrer entre os meses de Junho e Setembro. O responsável da tutela da cultura sublinha que Macau tem “todas as condições para ser palco das artes contemporâneas”, mostrando a intenção de transformar alguns hotéis em galerias de arte durante quatro meses. **M**



◀ A arte milenar de recorte de papel de seda foi uma das muitas demonstrações feitas no pavilhão de Macau





RELAÇÃO SINO-LUSÓFONA

Investimento chinês em Portugal em alta

As empresas chinesas aproveitaram o arranque das privatizações em Portugal para investir em sectores como energia, banca, seguros ou imobiliário, com o país a servir de porta de entrada para a Europa e países de língua oficial portuguesa. Apesar do investimento chinês estar em constante crescimento, a comunidade chinesa residente em Portugal quer ainda mais

Texto | Alexandra Luís, Mário Baptista e Ricardo Jorge Pinto

O investimento de capital chinês em Portugal subiu 7,27 por cento no ano passado face aos valores de 2017, tendo sido investidos 5,24 mil milhões de euros (cerca de

48 mil milhões de patacas), segundo dados divulgados, em Fevereiro, pelo embaixador da República Popular da China em Portugal, Cai Run.

Falando durante a sessão de

abertura da conferência “40 anos de relações diplomáticas entre Portugal e a República Popular da China”, Cai Run vincou que o investimento chinês tem vindo a aumentar

e disse esperar que as trocas comerciais aumentem ainda mais nos próximos anos.

Na intervenção em chinês, com tradução simultânea para português através



◀
Cerca de 4000 vistos de residência foram atribuídos a cidadãos chineses em Portugal, entre Novembro de 2012 e Novembro de 2018

de intérprete, o embaixador da China em Portugal disse também que o investimento total ultrapassou os 9000 milhões de euros, vincando que o investimento português na China “também é muito significativo”.

Chineses em Portugal querem mais

O presidente da Liga dos Chineses em Portugal, Y Ping Chow aposta na criação de uma Câmara de Comércio China-Portugal para atrair mais investimento chinês, sobretudo porque Portugal é uma boa porta para investimento em África. Para Y Ping Chow, há ainda muito cami-

nho para percorrer no que diz respeito à atracção de investimento chinês em Portugal, apesar das apostas que grandes empresas chinesas têm feito em sectores como a banca ou a energia.

O líder da comunidade chinesa em Portugal considera que uma câmara de comércio é uma alavanca importante, sobretudo para atrair o investimento de pequenas e médias empresas chinesas (que serão sempre grandes empresas à dimensão europeia) que olham não apenas para o território português, mas também para a capacidade de influência que Portugal tem nos países africanos de língua portuguesa.

Y PING CHOW ACREDITA QUE O TURISMO É O SECTOR QUE MAIS PODERÁ APROXIMAR PORTUGAL E A CHINA NOS PRÓXIMOS ANOS

EM 2018, 5,24 MIL MILHÕES DE EUROS FOI O TOTAL DO INVESTIMENTO CHINÊS EM PORTUGAL, MAIS 7,27% QUE EM 2017

Y Ping Chow acredita que é fácil estabelecer essa câmara de comércio em Portugal, mas aponta que a maior dificuldade será encontrar interlocutores na China para essa organização, já que é necessário sensibilizar um conjunto de empresas para a relevância desse investimento.

“Tenho mantido alguns contactos a nível diplomático e, por isso, acredito que este projecto é viável e útil”, afirmou Y Ping Chow. “Há o interesse de muitas empresas estatais chinesas para esta câmara de comércio, principalmente as de infra-estruturas e de construção. Este interesse é um sinal da amizade entre Portugal e a China”, considerou, dizendo que “os portugueses aceitam bem o investimento chinês e os chineses sentem-se bem em Portugal”.

Mas Y Ping Chow realçou o interesse na capacidade de influência das empresas por-

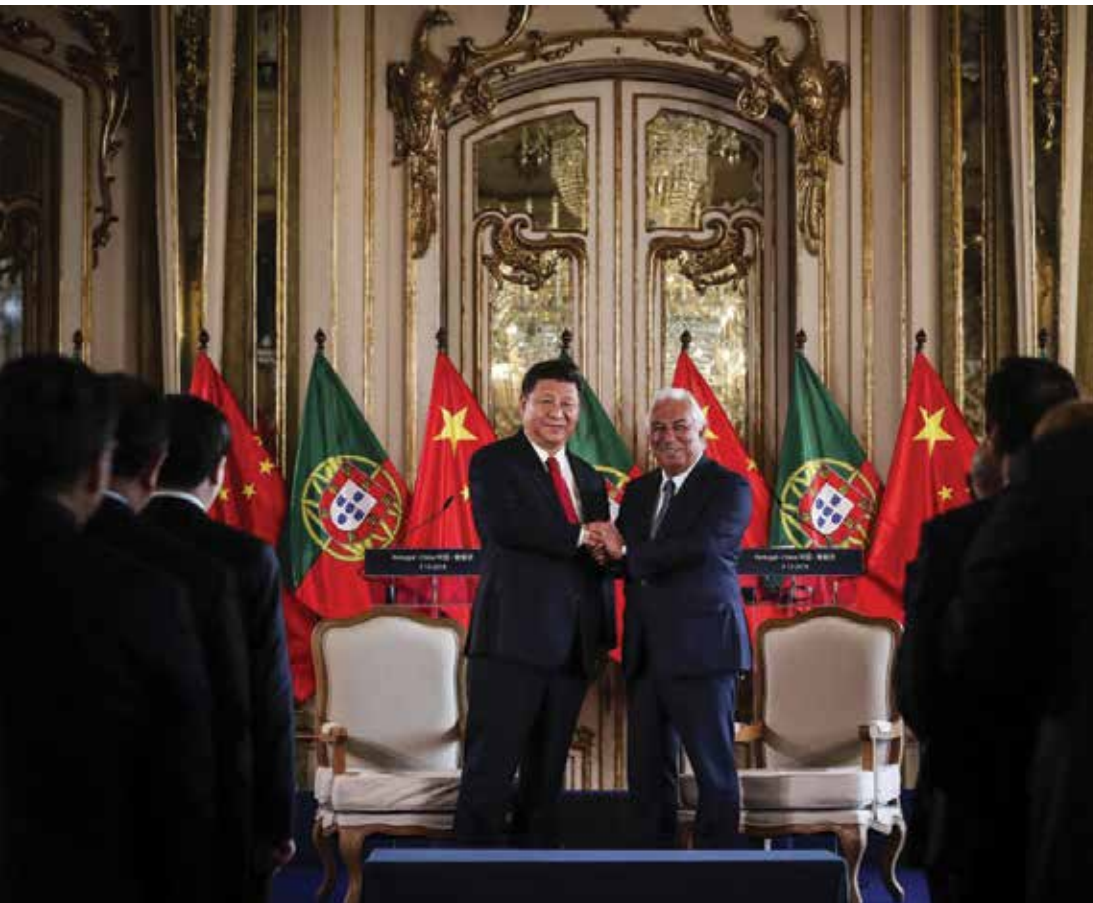
tuguesas na Comunidade de Países de Língua Portuguesa (CPLP). “Portugal é uma porta da entrada para África. Portugal é importante, mas a CPLP é ainda mais importante”, confessa. Y Ping Chow referiu a recente visita do Presidente da China, Xi Jinping, a Lisboa como um momento importante que ajudou a criar condições para esta nova etapa de relações. “Com os muitos protocolos que foram assinados nessa visita, acredito que não faltarão empresas chinesas interessadas em apostar em Portugal e nos países de língua portuguesa”, disse o empresário chinês. Y Ping Chow disse que o número de chineses que procuram Portugal para viver e trabalhar estabilizou e que o programa de vistos dourados pode ser mais bem aproveitado para renovar a comunidade chinesa, sobretudo se for capaz de atrair empresários com bons contactos na China

PORTUGAL PRETENDE ALARGAR A COOPERAÇÃO COM A CHINA “ALÉM DOS SECTORES JÁ EXPLORADOS”, SALIENTOU O SECRETÁRIO DE ESTADO DA INTERNACIONALIZAÇÃO, EURICO BRILHANTE DIAS



Y Ping Chow presidente da Liga dos Chineses em Portugal crê que a criação de uma Câmara de Comércio Sino-portuguesa poderá potencializar ainda mais o investimento no país do sul da Europa





PORTUGAL QUER ALARGAR COOPERAÇÃO

Portugal pretende alargar a cooperação com a China “além dos sectores já explorados e também para outros territórios”, salientou o secretário de Estado da Internacionalização, Eurico Brilhante Dias. Para o governante português, “as relações não se esgotam no mercado financeiro, energético e segurador mas começam a estar nos serviços, indústria e mobilidade elétrica”.

O secretário de Estado considerou ser importante proporcionar um “investimento de tração”, com o envolvimento das pequenas e médias empresas. Eurico Brilhante Dias disse ainda que é preciso, dentro do quadro dos acordos e parcerias, um “reforço no âmbito fitossanitário” e ainda “na exploração em conjunto de ligações por mar e aéreas”. “É preciso um reforço nos instrumentos de operacionalização”, dos tratados e parcerias entre os dois países, referiu.

A parceria económica e empresarial entre Portugal e China, com os acordos assinados – nomeadamente a Parceria Estratégica Global Portugal-China, assinada em 2005 – “tem tido uma importância no desenvolvimento da internacionalização da economia portuguesa”, acrescentou. Eurico Brilhante Dias também destacou a cooperação luso-chinesa “em relação aos países de língua portuguesa”, que considerou ter um potencial de aprofundamento nas relações económicas, comerciais, culturais e de criação de conhecimento.

que seriam capazes de trazer novas pessoas. “Portugal continua a ser um bom país para chineses”, afirmou o empresário que pertence à terceira geração de chineses em Portugal e que está na região norte do país desde o início dos anos 1960.

Para Y Ping Chow, o ensino e a divulgação da língua chinesa em Portugal podem contribuir para tornar a China um país mais relevante para os portugueses. “Não podemos esquecer que, dentro de alguns anos, a China será a maior potência mundial e aprender chinês será tão importante como aprender inglês”, disse o empresário.

Por outro lado, notou, o facto de os chineses em Portugal estarem cada vez mais a aprender português é igualmente um factor para uma maior abertura da comunidade, bem como para um melhor entendimento entre os dois povos.

O empresário acredita também que o turismo é o negócio que mais poderá aproximar a China de Portugal, nos próximos anos, pelo potencial de crescimento que revela. “Os chineses que procuram Portugal para fazer turismo são os reformados e o número de reformados na China está neste momento a aumentar muito”, disse.

Os números oficiais referem este aumento de procura, tal como indicam que os chineses são os turistas que mais divisas gastam quando se encontram em Portugal. “Os turistas que nos visitam ficam apenas dois ou três dias. Geralmente, vêm à Península Ibérica num modelo de sete dias e ficam cinco dias em Espanha e dois em Portugal. É preciso encontrar pacotes turísticos que levem esses turistas a passar mais tempo em Portugal”, afirmou. **M**



Instituto Superior de Relações Exteriores resulta de parceria diplomática sino-angolana

O embaixador da China em Angola entregou formalmente no início de Fevereiro o complexo do Instituto Superior de Relações Exteriores, projecto que custou 25 milhões de dólares americanos (202 milhões de patacas). Construído numa área de quatro hectares na cidade de Camama, província de Luanda, e composto por nove edifícios: administrativo, salas de aulas, auditório, alojamentos para professores e dormitórios para alunos, bem como uma cantina, prevendo-se a formação anual de 600 quadros.

Sobre o complexo, Cui Aimin, disse que representa o primeiro projecto de cooperação diplomática entre Angola e a China.



China em negociações para a construção de porto em São Tomé e Príncipe

Decorrem as negociações com a China para a construção de um porto comercial em São Tomé e Príncipe. O ministro sãotomense das Obras Públicas e Infra-estruturas, Osvaldo d'Abreu, já veio dizer que o processo negocial com a parte chinesa está em estado avançado e que poderá conhecer a luz do dia a médio prazo. As negociações envolvem igualmente alguns parceiros multilaterais, como o Banco Mundial e o Fundo Monetário Internacional.

O futuro porto “multifuncional”, com componentes pesqueira e comercial, é uma “infra-estrutura adaptada às realidades do arquipélago e ao seu posicionamento comercial nesta sub-região da África Central”, realçou ainda Osvaldo d'Abreu, citado na página da Associação dos Portos de Língua Portuguesa.



Embaixador da China doa material a escola primária de Cabo Verde

O embaixador da República Popular da China em Cabo Verde, Du Xiacong, doou material escolar ao estabelecimento de ensino primário de Castelo Branco, Praia Baixo, em São Domingos.

“Nós escolhemos esta escola porque está inserida nas comunidades mais pobres no concelho, que tem 25 escolas básicas, aproximadamente 2800 alunos, e cerca de 80 por cento dessas escolas estão situadas nas zonas rurais onde as famílias têm um baixo nível socioeconómico e pobreza extrema”, adiantou o delegado do Ministério de Educação em São Domingos, Wilson Moreno.

Citado pela agência de notícias Inforpress, Moreno agradeceu a embaixada por esta iniciativa e disse esperar que os laços de amizade e cooperação sejam alargados e reforçados para o bem dos alunos.

O embaixador chinês Du Xiacong mostrou-se impressionado com o “empenho” dos professores em fazer de tudo para que os alunos estudem e aprendam.



China isenta 14 exportadores de carne de frango brasileiros de taxas antidumping

Catorze empresas brasileiras, incluindo grandes produtores como a BRF e o Grupo JBS, vão estar isentas das tarifas antidumping sobre as importações de produtos de frango, desde que as vendas sejam feitas acima de um preço mínimo não divulgado. A decisão foi tomada após meses de negociações entre produtores brasileiros de carne de frango e a China. O Brasil é o maior exportador mundial de carne de frango e o maior fornecedor estrangeiro para a China. Uma decisão em Junho do ano passado determinou impostos entre 18,8 por cento e 38,4 por cento sobre todas as importações chinesas de frangos de corte brasileiros. Sob uma decisão final emitida em Fevereiro pelo Ministério do Comércio, Pequim manterá tarifas entre 17,8 por cento e 32,4 por cento por cinco anos.



IPIM e prefeitura do Rio de Janeiro assinam acordo de cooperação

O Instituto de Promoção do Comércio e do Investimento de Macau (IPIM) e a Prefeitura Municipal do Rio de Janeiro assinaram um acordo de cooperação, anunciou em comunicado o IPIM.

O documento foi assinado no Rio de Janeiro pela presidente substituta do instituto, Irene Va Kuan Lau, e pelo coordenador das relações internacionais da autarquia brasileira, o embaixador António Fernando Cruz de Mello.

“As duas partes (...) reconhecem que esta cooperação permite apoiar o desenvolvimento das duas cidades, bem como concordam, com base no referido acordo, desenvolver com a maior brevidade o planeamento e o lançamento de todos os trabalhos inerentes”, pode ler-se no comunicado.

O embaixador, citado na nota, expressou o desejo de que o acordo permita aproveitar “a função de Macau enquanto plataforma de serviços para a cooperação comercial entre a China e os países de língua portuguesa, através da captação de mais empresas de Macau e da China continental no sector de alta e nova tecnologia a estabelecerem-se no Brasil”.



Empresa de Macau adquire produtora agro-pecuária no Alentejo

A empresa de Macau CESL Asia assinou no início de Março um acordo para comprar o maior grupo português produtor de gado bovino, situado no Alentejo, num investimento

de cerca de 40 milhões de euros.

A aquisição da exploração agro-pecuária “Monte do Pasto”, do grupo Saltiproud, “é significativa”, pois trata-se de “um activo valioso com 3.700 hectares de terra agrícola”, disse o presidente da CESL Asia, António Trindade.

Na ocasião, a CESL Asia assinou também um acordo de cooperação estratégica com a sucursal de Macau do Banco da China. “Estamos a construir uma plataforma financeira em Macau para apoiar a nossa plataforma de desenvolvimento de projectos, ao mesmo tempo que expandimos a nossa cooperação com instituições financeiras da China, Portugal e Macau”, disse António Trindade.

Fundada em 1987, a CESL Asia opera na área da consultadoria e operação nos sectores da energia e do ambiente.



Medicina tradicional chinesa vai integrar cooperação científica entre Macau e Portugal

A medicina tradicional chinesa é um dos temas escolhidos para integrar os projectos de cooperação científica entre Portugal e Macau, que deverão arrancar no primeiro semestre do ano.

O acordo entre o Fundo para o Desenvolvimento das Ciências e da Tecnologia (FDCT) de Macau e a Fundação para a Ciência e Tecnologia (FCT) de Portugal, assinado em finais de 2017, aguardava um orçamento e a selecção de temas para avançar. “Os temas já estão definidos. Propomos três projectos de financiamento no prazo de três anos”, disse Cheang Kun Wai, membro do conselho de administração da FDCT, em conferência de imprensa realizada em Macau.

Além da medicina tradicional chinesa, a cooperação científica vai abranger “informática e questões marítimas”, detalhou.

Empresários chineses interessados no potencial da Albufeira do Azibo

Empresários chineses e portugueses mostraram-se interessados no potencial da Albufeira do Azibo, distrito de Bragança, em Portugal, para desenvolver relações económicas através da exportação de produtos agro-alimentares e a importação de tecnologia, desenvolvendo assim um mecanismo de “economia circular”.

A iniciativa partiu da Associação de Jovens Empresários Portugal-China (AJECP), que levou uma delegação empresarial chinesa ao Nordeste Transmontano para conhecerem o potencial da albufeira do Azibo, no concelho de Macedo de Cavaleiros, alargando o interesse ao concelho vizinho de Mirandela, num conceito que assenta na “economia circular” que poderá ser implementado naquele território.

Em declarações à Lusa, Alberto Carvalho Neto, representante da AJECP, disse que a ideia passa por exportar produtos agro-alimentares e pecuários originários de Trás-os-Montes para a China, via Macau, e levar para Portugal tecnologia de ponta que permita criar na albufeira do Azibo uma central fotovoltaica para alimentar um sistema de regadio para aumentar a produção agrícola no território.

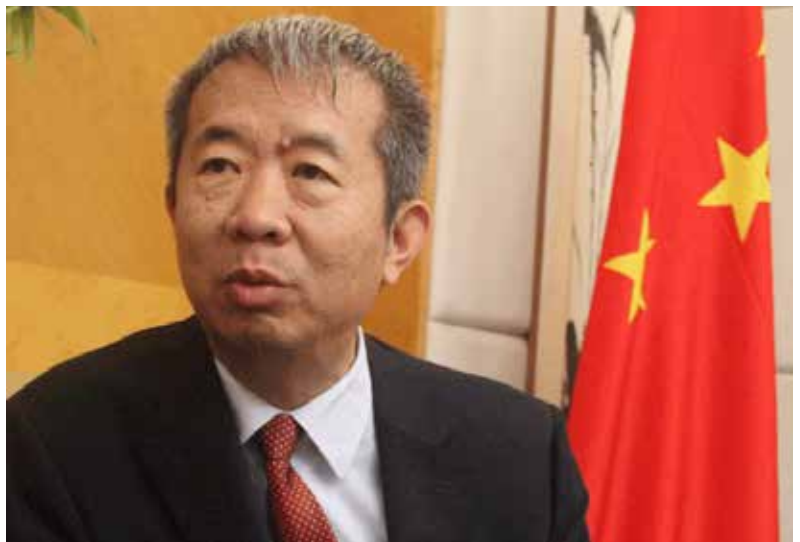


Ministério do Interior de Moçambique recebe apoio para equipamento

A China doou 2,5 milhões de dólares americanos (20 milhões de patacas) ao Ministério do Interior de Moçambique, numa ajuda que inclui novos uniformes e equipamento, anunciou fonte governamental. A doação foi entregue pelo Embaixador da China no país, Su Jian, ao ministro moçambicano do Interior, Basílio Monteiro.

A prestação está enquadrada no acordo de cooperação no domínio da segurança pública entre o Ministério do Interior de Moçambique e o Ministério da Segurança Pública da China sobre o Combate à Criminalidade Organizada Transnacional, assinado em Pequim a 25 de Outubro de 2016.

O apoio chinês abrange 155 computadores portáteis, 250 impressoras, 387 computadores de mesa e cerca de quatro mil tinteiros.



Macau 2018 Livro do Ano



**O CD edição especial
"Macau 2018 - Livro do Ano"
está à venda por 60 patacas**

A edição especial em língua chinesa, portuguesa e inglesa do CD "Macau 2018 - Livro do Ano", publicado pelo Gabinete de Comunicação Social, já se encontra à venda.

O anuário "Macau 2018 - Livro do Ano" regista de forma sistemática o desenvolvimento político-económico e sócio-cultural do território, disponibilizando, ao longo das suas páginas, dados e informação variada para todos quantos desejam estudar e compreender melhor Macau. Desde 2002 que o "Macau - Livro do Ano" é publicado em três línguas, chinês, português e inglês.

A edição deste ano inclui um CD-ROM e um selo "Flor de Lótus", para expressar o apoio do Gabinete de Comunicação Social, de acordo com a política do Governo da RAEM, ao desenvolvimento das indústrias culturais e criativas de Macau.



Locais de venda:

Nas principais livrarias de Macau, no Centro de Informações ao Público, na Loja de Filatelia (Estação Central dos Correios), ou nas estações da Direcção dos Serviços de Correios e Telecomunicações da Rua do Campo, do Terminal Marítimo do Porto Exterior, do Aeroporto e dos Jardins da Nova Taipa.



VOLUNTARIADO

Viagem pela terra do sol vermelho

Integrado no “Projecto Libolo”, o estudante Rafael Fin Zhao rumou a África para ensinar mandarim a crianças angolanas naquela que se revelou ser uma experiência marcada para sempre

Texto e Foto | Lucas Calixto

Sempre que andava pelas ruas do Libolo, em Angola, Rafael Fin Zhao, nascido em Dalian, no nordeste da China, era bem notado

tanto pelos mais velhos como pelas crianças, ou melhor, pelos seus novos alunos que já o saudavam em chinês: “Professor, *ni hao, ni hao!*”

Estudante de Português na Universidade de Macau, Fin Zhao rumou à província do Cuanza Sul para integrar o “Projecto Libolo”, uma pes-

quisa académica que visa os estudos antropológicos, linguísticos, filosóficos e culturais daquela região do país africano. O jovem foi o pri-

meiro aluno do curso de Português a integrar o projecto criado por Carlos Figueiredo, professor de Português da Universidade de Macau, e pela docente da Universidade de São Paulo Márcia Oliveira, mas o seu objectivo era leccionar mandarim na terra do sol vermelho.

“Decidi ir porque era uma ótima oportunidade para conhecer um novo lugar e também para melhorar os meus conhecimentos na língua portuguesa. Além de ser uma boa experiência cultural é muito bom para o currículo”, confessou Fin Zhao à MACAU.

De aluno a professor

As funções determinadas inicialmente para Fin Zhao foram as de dar apoio a outros pesquisadores e a de intera-

gir com os alunos da escola da Missão Católica, a maior instituição de ensino da região. Porém, o estudante fez mais do que se esperava. Juntamente com o professor Roberval Teixeira e Silva, também docente da Universidade de Macau, o jovem chinês passou 10 dias numa sala de aula a ensinar mandarim a alunos do ensino primário até ao secundário.

Fin Zhao conta que todos os dias as salas de aula estavam lotadas de alunos curiosos e interessados em aprender um pouco da cultura e da língua chinesas. “Nós demos aulas de mandarim a muitas crianças. Muitas perguntas foram respondidas sobre Macau e a China, além de muitas palavras que tivemos de traduzir do português para o chinês”, conta.

O “LIBOLO” É UM PROJECTO DE INVESTIGAÇÃO ANTROPOLÓGICA QUE CONTA COM CERCA DE 20 PESQUISADORES DE OITO INSTITUIÇÕES ACADÉMICAS DO BRASIL E DE MACAU

“Tinha salas com mais de 50 crianças. Às vezes não tínhamos cadeiras suficientes para todos e chegávamos a ter de sentar duas crianças em cada cadeira”, recorda sublinhando a forte adesão às aulas de mandarim.

Além das aulas de Mandarim que se revelaram uma agradável surpresa tanto para Fin Zhao como para os alunos da Missão Católica, o estudan-

te da Universidade de Macau tinha um importante trabalho de investigação: recolher dados linguísticos.

O objectivo era recolher o máximo de falas, conversas ou contos que surgiam espontaneamente na língua local: o quimbundo. Falada no noroeste do país, incluindo a capital do país Luanda, o dialecto revelou-se um desafio para o estudante mas ao mesmo





△ **Rafael Fin Zhao foi o primeiro estudante da Universidade de Macau a integrar o projecto Libolo**

tempo uma grande fonte de aprendizagem. “Gostei muito, porque através da língua consegui aprender mais sobre a história local e como a população do Libolo vive”, sublinha Fin Zhao.

Expectativas e realidade

O jovem estudante da Universidade de Macau conta que antes de viajar até à província do Cuanza Sul o seu des-

conhecimento sobre Angola era grande, mas a vontade de conhecer o país africano era muita. “Eu achava que ia ver muita natureza, pobreza, um país não desenvolvido e com boas pessoas”, afirma. Quando confrontado com a realidade no Libolo, as ideias e expectativas que tinha foram substancialmente ultrapassadas. Fin Zhao foi bem recebido e acolhido por todas as comunidades nas quais esteve de passagem. Conta que as danças típicas e os sorrisos no rosto de todos foram um factor primordial para que se sentisse em casa. O canto sincronizado e o ambiente alegre também lhe prenderam muito a atenção.

Outros dos aspectos que aca-



bou por encantar o estudante de português foi a natureza que estava no seu imaginário: as árvores enormes, como descreve, estradas de terra em matas fechadas e, por fim, o sol sempre avermelhado e bem grande que parecia estar ali mais próximo da Terra. Fin Zhao conta que era um momento especial sempre que o sol nascia e se punha e que lhe prendia a atenção.

Fin Zhao sublinha a questão da segurança como outro dos aspectos positivos da experiência que o levou durante 30 dias a Angola. “Em nenhum momento me senti inseguro.

Tive sempre liberdade para andar sozinho por todas as ruas do município e, na maioria das vezes, encontrava estudantes que me ajudavam a chegar ao meu destino.”

Novos ritmos

Apaixonados por futebol, dança e por conhecimento: é este o resumo comum feito por muitos dos que pisam o Libolo integrando o projecto da Universidade de Macau. Fin Zhao sublinha o mesmo fazendo referência à importância que a música e os ritmos tiveram nesta aventura. Pela mão dos estudantes lo-



cais aprendeu sobre as músicas que mais se ouvem em Angola, os passos de dança mais importantes, entre uma variedade de ritmos musicais, tais como o semba, o kuduro ou a tarraxinha.

O estudante retribuiu os conhecimentos ensinando aos alunos a cantar os “Parabéns” em chinês, o que era motivo de regozijo por parte dos adolescentes angolanos.

A energia angolana também é levada para dentro dos estádios de futebol. Os participantes do projecto tiveram a oportunidade de assistir a dois jogos do Recreativo do



As imagens de África que residiam no imaginário do estudante chinês estavam aquém da beleza que Fin Zhao encontrou

Libolo, naquele que é um importante evento local, o Girabola.

“O futebol é o principal desporto que se pratica em Angola. As pessoas adoram o futebol e a cidade pára quando há jogo do Recreativo e os adeptos são fantásticos. Pintam-se de azul e andam pela rua a dançar e celebrar pela equipa”, conta Fen Zhao.

Ida ao Quissongo e Kabezo

O projecto levou também Fen Zhao a duas comunidades do município do Libolo: o Quissongo e o Kabezo, sendo que a segunda o marcou profundamente.

A vila com casas de barro bem pequenas, rodeada de uma fauna “sem fim”, com animais à solta, crianças a brincar e mulheres a cozinhar recebeu-o de forma emocionante. “Muitas mulheres e crianças foram receber-nos, saudaram-nos e foram de imediato organizar a festa. As mulheres vestiram-se com as roupas tradicionais, enquanto os meninos organizaram os instrumentos musicais e usaram até

mesmo utensílios de cozinha para o batuque. Então em menos de dez minutos já estava tudo pronto para que comesçassem as danças tradicionais de boas-vindas.” Apesar das dificuldades em que viviam, não deixaram de receber os visitantes com um sorriso.

Fen Zhao não esquece o momento em que, à despedida, os locais começaram a cantar: *Nesse dia de muita alegria/ O irmão Rafael veio nos saudar/ Dai a tua mão, dai a tua mão/ Dai a tua mão e bata o pé no chão.* “Não se esqueceram do nome de nenhum dos integrantes do projecto. Foi inesquecível”.

Dar e receber

Uma mistura de gratidão e aprendizagem seriam as palavras certas para definir esta viagem que se tornou marcante na vida do estudante chinês. “O Libolo é muito pequeno. Todas as vezes que eu saía à rua as pessoas saudavam-me e sorriam para mim. Eles têm a paixão de receber estrangeiros”. E acrescenta que “vai ficar guardado para sempre no meu coração o carinho que recebi por todos e a pureza das crianças”.

O Libolo foi tão marcante para Fen Zhao que já há planos de visitar Angola novamente em breve: “O projecto está a organizar mais uma ida ao Libolo este ano e em Julho eu quero estar lá outra vez. Quando voltarmos, tenho a esperança que as crianças se lembrem como dizer olá em chinês”, diz a rir-se.

O jovem chinês também já sabe o que vai levar na mala para o Libolo. Além de um coração cheio de boas memórias quer levar lembranças típicas da China que permitam aos seus alunos e, agora, amigos, conhecer mais sobre a China. **M**

**EM 2014,
RESIDIAM
85 MIL PESSOAS
AO LONGO DOS
SEUS 9 MIL
QUILÓMETROS
DE EXTENSÃO DO
MUNICÍPIO DO
LIBOLO**



A MULA DO OURO

O resgate da história chinesa no Brasil

O livro publicado em 2009 revela a história de 5000 trabalhadores chineses das estradas ferroviárias brasileiras no século XIX que morreram de doenças diversas. O romance serviu de inspiração para novas investigações que resgatam a presença chinesa na história do país sul-americano

Texto | Silvio Reis

no Brasil

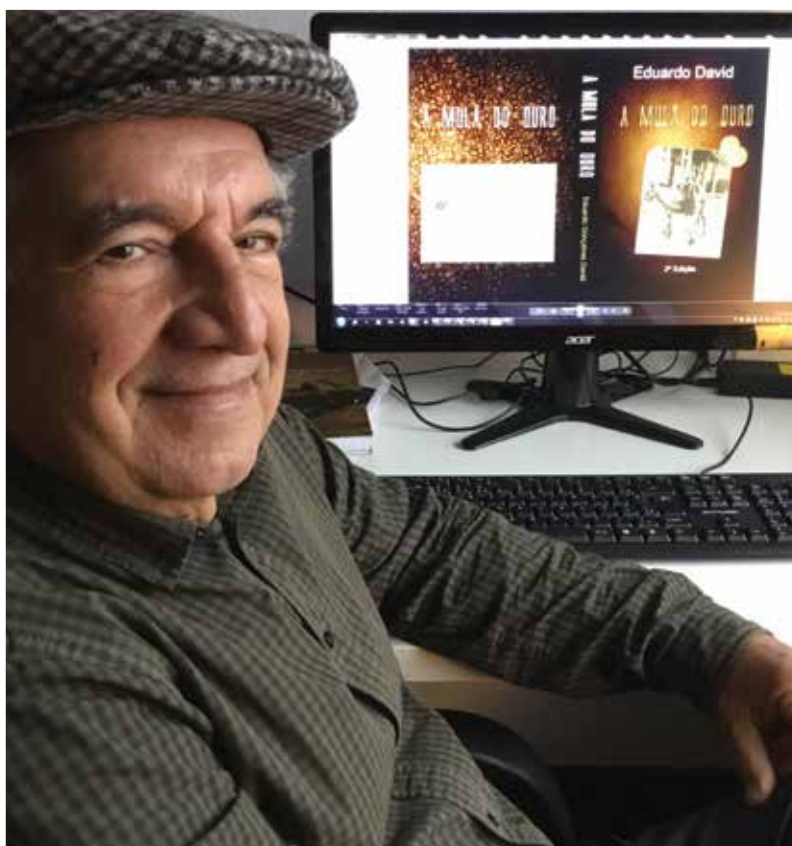
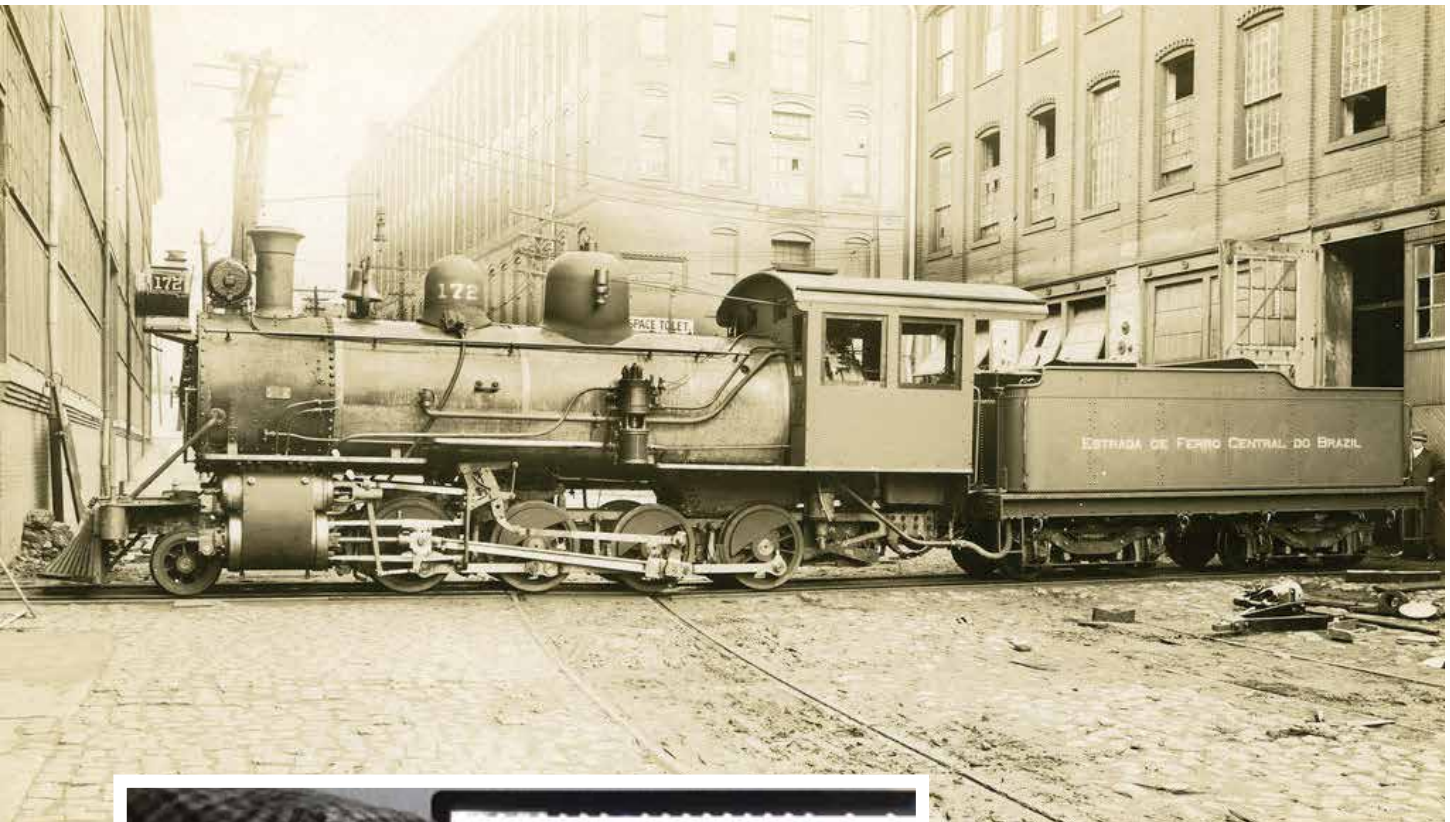
Depois de ter publicado três livros sobre a história ferroviária no Brasil, o engenheiro Eduardo

Gonçalves David lançou em 2009 o romance histórico *A Mula do Ouro*, que abrange o período de 1825 a 1891 e que

se foca na história da construção da primeira secção desde o centro do Rio de Janeiro até à localidade de Belém

(actual Japeri).

Os trabalhos na Estrada de Ferro Dom Pedro II (cujo nome actual é Estrada de Fer-



◁ O engenheiro Eduardo Gonçalves David já lançou três obras ligadas à história dos caminhos-de-ferro do Brasil

ro Central do Brasil), entre o Rio de Janeiro e Minas Gerais, contaram com a colaboração de aproximadamente cinco mil chineses que acabariam por morrer de malária, febre amarela, leishmaniose e outras doenças da época e que serviram de inspiração para a obra de Gonçalves David.

O personagem principal da história é um médico chinês de nome Nuno Huang (o apelido Huang, adoptado pelo autor do livro, corresponde ao apelido “Vong”, na romanização para português a partir do dialecto de Macau, o cantonense), nascido em Macau numa altura em que decorria a Segunda Guerra do Ópio, envolvendo a Inglaterra, a França e a China. Na história, Nuno perde o suprimento de remédios à base de chás e decide procurar na flora brasileira um equivalente tera-



pêutico, com base na medicina tradicional chinesa.

Natural de Três Rios, Rio de Janeiro, Eduardo Gonçalves David utilizou duas fontes de pesquisa para “romancear” a participação dos chineses na primeira fase de construção ferroviária: um livro de 1908, comemorativo dos 50 anos da inauguração da ferrovia brasileira, e a obra *Introdução à História Ferroviária do Brasil*, de 1953, do historiador Ademar Benévolo.

Segundo Benévolo, “para continuar os trabalhos, resolveu Mr. Price (Edward Price, empreiteiro inglês) importar operários chineses, que fizeram afinal os grandes aterros, na maior parte assentados sobre faxinas. Estes (...) foram, às centenas, atacados de febres e, segundo uma testemunha da época, avalia-se em mais de cinco mil o número desses trabalhadores (...). Quantos mais teriam vindo, se mais de cinco mil morreram?”.

Naquela época a contratação de mão-de-obra estrangeira



Imagem antiga da Estação Central do Brasil, localizada no Rio de Janeiro

era definida pela Lei da Garantia de Juros, que só permitia o trabalho de homens livres nas obras incentivadas.

O título *A Mula do Ouro* deve-se à incorporação de uma lenda regional do século XVI sobre a existência de barras de ouro no fundo do Rio Paraíba, transportadas por contrabandistas no trajeto entre Minas Gerais e o Rio de Janeiro.

O escritor comenta que “por não provarem que as barras estavam ‘quintadas’, ou seja, lhes faltava um selo real estampado, que provava que haviam sido pagos 20 por cento de imposto à coroa portuguesa, eles forçavam os seus animais a atravessar o Rio Paraíba.





Algumas mulas escorregavam nas pedras e pelo peso do ouro não conseguiam nadar.”

Em 2015 o livro ganhou uma segunda edição em versão impressa, digital e bilingue (português e inglês), a partir do interesse de Chen Tairong e Liu Zhengqin, aposentados do serviço diplomático chinês no Brasil e que haviam iniciado uma pesquisa sobre os primeiros chineses a viverem no país. Uma terceira edição está a caminho, em chinês e português, com lançamento previsto para Março deste ano na China.

Segundo autor, o cônsul-geral da China no Rio de Janeiro, Li Yang, pretende divulgar *A Mula do Ouro* na comunidade chinesa no Brasil, estimada entre 250 e 300 mil imigrantes e descendentes.

A história continua

Apesar da obra não o registar, o trabalho da mão de obra chi-

nesa teve singular importância na abertura da segunda secção da estrada de ferro Rio de Janeiro-São Paulo, com 13 túneis entre a Serra das Araras e a Barra do Pirai. Trabalhadores chineses também estiveram presentes na criação da Estrada de Ferro Noroeste do Brasil, em 1906.

Interessado pela presença chinesa no Brasil, Eduardo Gonçalves David iniciou uma busca maior pelos primeiros emigrantes chineses.

Após o contacto com os investigadores Chen Tairong e Vera Liu, o autor realizou mais pesquisas e encontrou descendentes dos primeiros chineses do Brasil, sendo que um deles é um antigo proprietário do restaurante na estação de comboios de Japeri, no Rio de Janeiro.

Desta forma Gonçalves David está a tentar resgatar a História e dar-lhe novo significado. Em 2017, o prefeito de Jape-

ri anunciou a construção de um memorial como forma de reconhecimento e agradecimento aos cidadãos chineses que participaram do desenvolvimento da cidade.

Livro na grande tela

O romance histórico também chegou às mãos do cineasta Luiz Carlos Barreto, que planeia trazer para o grande ecrã a história de Gonçalves David, por meio da produtora LC-Barreto.

Esta será a primeira co-produção sino-brasileira após o acordo celebrado em 2017 entre a China e o Brasil para realização de produções cinematográficas.

Até à data já tinham sido viabilizados no Brasil três filmes inspirados na China: *Jia Zhang-ke, Um Homem de Fenyang*, de Walter Salles (2004), *Made In China*, de Estevão Ciavatta (2004), e o documentário *O Perigo Amarelo*



O casal chinês Chen Tairong e Liu Zhengqin inspirou o autor de *A Mula D'Ouro* a investigar mais sobre a presença chinesa no Brasil

nos dias atuais, de Hugo Katsuo (2008).

Já Gonçalves David, a residir actualmente na Alemanha, além de romancista e investigador é também pós-graduado em Engenharia de Transportes e tem intenção de regressar ao Brasil de forma a implementar um projecto premiado, na área do transporte urbano, com comboios de levitação eletromagnética. Este ano revela-se assim um grande ano tanto para o autor como para a obra *A Mula de Ouro*. 



gentleManner

MAKING THE DIFFERENCE

1. White Dress Shirts	2. Blue Dress Shirts
3. White Dress Shirts	4. Blue Dress Shirts
5. White Dress Shirts	6. Blue Dress Shirts
7. White Dress Shirts	8. Blue Dress Shirts
9. White Dress Shirts	10. Blue Dress Shirts
11. White Dress Shirts	12. Blue Dress Shirts
13. White Dress Shirts	14. Blue Dress Shirts
15. White Dress Shirts	16. Blue Dress Shirts
17. White Dress Shirts	18. Blue Dress Shirts
19. White Dress Shirts	20. Blue Dress Shirts
21. White Dress Shirts	22. Blue Dress Shirts
23. White Dress Shirts	24. Blue Dress Shirts
25. White Dress Shirts	26. Blue Dress Shirts
27. White Dress Shirts	28. Blue Dress Shirts
29. White Dress Shirts	30. Blue Dress Shirts
31. White Dress Shirts	32. Blue Dress Shirts
33. White Dress Shirts	34. Blue Dress Shirts
35. White Dress Shirts	36. Blue Dress Shirts
37. White Dress Shirts	38. Blue Dress Shirts
39. White Dress Shirts	40. Blue Dress Shirts
41. White Dress Shirts	42. Blue Dress Shirts
43. White Dress Shirts	44. Blue Dress Shirts
45. White Dress Shirts	46. Blue Dress Shirts
47. White Dress Shirts	48. Blue Dress Shirts
49. White Dress Shirts	50. Blue Dress Shirts
51. White Dress Shirts	52. Blue Dress Shirts
53. White Dress Shirts	54. Blue Dress Shirts
55. White Dress Shirts	56. Blue Dress Shirts
57. White Dress Shirts	58. Blue Dress Shirts
59. White Dress Shirts	60. Blue Dress Shirts
61. White Dress Shirts	62. Blue Dress Shirts
63. White Dress Shirts	64. Blue Dress Shirts
65. White Dress Shirts	66. Blue Dress Shirts
67. White Dress Shirts	68. Blue Dress Shirts
69. White Dress Shirts	70. Blue Dress Shirts
71. White Dress Shirts	72. Blue Dress Shirts
73. White Dress Shirts	74. Blue Dress Shirts
75. White Dress Shirts	76. Blue Dress Shirts
77. White Dress Shirts	78. Blue Dress Shirts
79. White Dress Shirts	80. Blue Dress Shirts
81. White Dress Shirts	82. Blue Dress Shirts
83. White Dress Shirts	84. Blue Dress Shirts
85. White Dress Shirts	86. Blue Dress Shirts
87. White Dress Shirts	88. Blue Dress Shirts
89. White Dress Shirts	90. Blue Dress Shirts
91. White Dress Shirts	92. Blue Dress Shirts
93. White Dress Shirts	94. Blue Dress Shirts
95. White Dress Shirts	96. Blue Dress Shirts
97. White Dress Shirts	98. Blue Dress Shirts
99. White Dress Shirts	100. Blue Dress Shirts

gentleManner
gentlemanner.com
gentlemanner
gentlemanner



Ainda há alfaiates como antigamente

A massificação do vestuário continua a desafiar diariamente o trabalho dos tradicionais alfaiates de Macau. E a quem lhes sucede, defendem os antigos mestres da costura, falta técnica e conhecimento sobre o ofício

Texto | Catarina Domingues
Foto | Gonçalo Lobo Pinheiro

Ainda há poucas décadas Lo Io Cheong abria a porta e via o mar. Em vez do jardim, uma fileira de pedras demarcava a baía da Praia Grande. A estátua de Jorge Álvares já lá estava, o antigo tribunal e o palácio do Governo também, mas poucas memórias do final dos anos 60 do século passado restam hoje no espaço. Foi por essa altura que Lo começou a trabalhar aqui, na *Alfaiataria Domingos*, como aprendiz. Domingos Cheong, o proprietário, tinha sete discípulos, e Lo, então jovem, era um deles. “Eu estava a começar o secundário na escola *Chong San*, e como a minha família não tinha posses tive de ir à procura de um mestre com quem pudesse aprender alguma coisa para fazer da vida”, lembra Lo à MACAU que começou por ganhar na *Alfaiataria Domingos* 30 patacas mensais. “Eram 15 patacas a cada duas semanas, que serviam para ir ao barbeiro”, conta.

Clientela maioritariamente portuguesa

À entrada pára um homem para se proteger da chuva, um relógio de parede diz que são 12:21, e o homem desaparece. Enquanto lá fora se anda com urgência, cá dentro Lo Io Cheong segura-se ao tempo. Aponta para as fotografias no cimo da parede. Numa, o proprietário Domingos Cheong, hoje reformado e com 89 anos, aparece ao lado de Mário Soares (antigo Presidente da República de Portugal), antigo cliente deste estabelecimento, que abriu em 1963 na loja mesmo ao lado, também na Avenida Doutor Oliveira Salazar, hoje chama-

de Avenida Doutor Mário Soares.

Mas há outros nomes e fotografias: os ex-governadores de Macau Nobre de Carvalho (1966-1974), Garcia Leandro (1974-1979) ou Rocha Vieira (1991-1999). “No passado, entre 70 a 80 por cento dos nossos clientes eram portugueses”, refere Lo, recordando ainda o macaense e antigo presidente da Assembleia Legislativa, Carlos D’Assumpção. “Era uma celebridade na sociedade de Macau e, por isso, vários magnatas o seguiam. Um dia o doutor abriu o casaco, esses mesmos magnatas ficaram a saber onde ele fazia a roupa e começaram a vir cá”, nota ainda o mestre, referindo que hoje são os chineses do Interior do País que mais recorrem aos serviços *Alfaiataria Domingos*.

Foram também os clientes portugueses que fizeram com que José Vong e a mulher, Mariana, responsáveis pela *Sec Si Tailor*, tenham sentido necessidade de aprender português e inglês.

“Um dia entrou um cliente e encomendou em inglês uma camisa com um ‘spare collar’ (colarinho sobresselente). Ele disse muitas vezes a palavra ‘spare’ e nós não entendemos o que era. Tivemos de perguntar a várias pessoas até perceber que ele queria um segundo colarinho para poder levar a um outro alfaiate em Portugal, caso quisesse substituir o primeiro”, lembra agora José Vong. Estamos no número 89 da Rua Central. Vong, sentado ao balcão, traça um risco perfeito a giz amarelo num tecido cinzento; as mãos, morenas, elegantes, procuram uma tesoura gigante.

Depois de abandonar a escola



△
Lo Io Cheong começou a trabalhar na Alfaiataria Domingos nos anos 1960

no oitavo ano e de trabalhar ao longo de um ano e meio numa fábrica de roupa, também Vong se estreou no ofício com um mestre, em 1971. Sete anos depois abriu com a mulher, também costureira de profissão, a *Sec Si*. “Na altura tivemos de pagar uma taxa de dez mil patacas [pelo espaço], mas decidimos arriscar”, refere o mestre, pagando inicialmente 480 patacas mensais pelo espaço, que entretanto comprou.

A *Sec Si* começou por fazer trabalhos para outras alfaiatarias e para a vizinhança. “Com o tempo, estabelecemos a nossa própria marca”, salienta.

Alfaiatarias desaparecidas

Uma curta passagem pela Travessa dos Alfaiates, centro de Macau. Quem entra nesta via pela Rua dos Mercadores e vai em direcção à Camilo Pessanha, encontra logo no início a senhora Ng, concentrada numa máquina *Singer*, a coser a sola de uns velhos ténis azuis. Ng está aqui há mais de 30 anos, não sabe dizer por que razão é que a rua foi baptizada em português de Travessa dos Alfaiates – em chinês o nome é 小新巷 (siu [pequeno] san (novo) hong [travessa]) e segundo uma tradutora que consultamos não tem qualquer significado. “Antigamente havia um alfaiate ali no canto”, ainda arrisca a senhora Ng.

Entramos na estreita travessa, cheira a bolinhos de ovos pelo caminho, silêncio. Não era assim antigamente, diz o senhor Lam, 63 anos, portas de casa abertas, paredes velhas, cozinha exposta, um pequeno templo na parede. Lam restaura móveis, nasceu e cresceu nesta rua, lembra-se de ali viverem dois alfaiates, que entretanto se reformaram, um sapateiro, um vendedor de ovos. “Eu e os meus vizinhos íamos ao alfaiate, porque Macau não tinha muito comércio de vestuário”, diz.



Um pequeno templo encerra a Travessa dos Alfaiates, viramos à direita, seguimos até à *Choi I Tailor*, ali perto, na Rua das Estalagens. Pelo caminho a *Loja de Fazendas Veng On* de portadas meio fechadas, a *Quinquilharia Kuok Kong* a vender uniformes escolares, a *Loja de Algibebe Veng Sang*, que nunca mais abriu.

“Antes chamávamos também à Rua das Estalagens de ‘Rua de comprar roupa’ (賣布街, que



Fong Chan Hou, responsável pela *Choi I Tailor*, reconhece a dificuldade que o sector tem passado com a massificação do comércio de pronto-a-vestir

Vong lembra que a alfaiataria *Sec Si* começou por fazer trabalhos para outros estabelecimentos até terem criado a própria identidade



em cantonês se lê “maai bou gaaí”), explica Fong Chan Hou, responsável pela *Choi I Tailor*. Fong, 72 anos, senta-se ao balcão enquanto falamos. À nossa volta, tecidos, casacos, cores sóbrias, páginas de jornais e de revistas que falam sobre o negócio, uma tartaruga a tentar escapar de um alguidar, sem sucesso.

Fong lembra-se de pelo menos seis alfaiatarias aqui nesta rua. “Fico feliz por lhe dizer que a nossa era a melhor”, sublinha, enquanto regressa ao passado. “Antigamente havia aqui nas redondezas dois cinemas com sessões às 19:30 e 21:30 e como não havia em Macau muito que fazer à noite, as pessoas iam ao cinema e antes ou depois andavam por aqui a fazer compras”.

“Uma indústria em declínio”

Na década de 70 do século passado existiam cerca de 80 alfaiates em Macau, conta ainda Fong Chan Hou. Já nos



anos 80, com a generalização dos negócios de pronto-a-vestir, o sector do corte e costura acabou por se ressentir. “Mais tarde, na década de 90, os alfaiates voltaram a ganhar popularidade, mas aqueles que tinham fechado não voltaram a erguer-se. Em vez disso chegaram novos alfaiates da China, que diziam que eram de Xangai, mas na realidade não estavam à altura dessa reputação”, recorda o alfaiate.

Após 40 anos de actividade, também a *Sec Si Tailor* está a poucos dias de fechar as portas. “A indústria está em declínio e já não vale a pena estar aqui sentado, a perder tempo”, lamenta José Vong. Conta o alfaiate à MACAU que fez de tudo para salvar o negócio: adaptou-se às novas tendências da moda masculina e ainda tentou diversificar a actividade, passando o segundo andar ao filho e à nora, que estabeleceram aí um negócio de roupa para casamento. Cá em baixo o alfaiate continuava a confeccionar fatos, sobretudo *smokings* para acompanhar as bodas, mas também esse negócio acabou por encerrar. “Numa loja, compra-se um fato rapidamente, daí as pessoas preferirem roupa já feita, além de custar menos. Aqui levamos um mês a fazer um fato”, realça à MACAU.


Já Lo Io Cheong assegura que a *Alfaiataria Domingos* tem conseguido passar por cima da crise. “O sector do pronto-a-vestir e da roupa por medida afectam-se mutuamente”, admite Lo, reforçando que os preços de um fato variam aqui entre as oito mil e nove mil patacas e são mais baratos do que nas lojas de marca. Quanto à concorrência do pronto-a-vestir, Lo defende-se: “Nós fazemos roupa 100 por cento

ao gosto do cliente”.

Nova geração sem tempo

Muito tem mudado também na relação entre o homem e o vestuário. Hoje falta elegância e cuidado na arte do vestir, considera José Vong. “Vêm-se homens fortes com fatos demasiados justos, mangas muito curtas, a descobrirem os pulsos, calças excessivamente curtas, com o tornozelo à mostra, o que não é adequado”.

Os alfaiates entrevistados pela MACAU acreditam também que há um vasto conhecimento na área que não tem chegado à nova geração de alfaiates. Vong fala, por exemplo, na capacidade de observação do alfaiate. “Alguns jovens fazem cursos de curta duração, o que não lhes dá tempo para consolidar a técnica e o conhecimento”, afirma o mestre, para quem um bom alfaiate “olha para um cliente e sabe de imediato o tamanho deste”.

Outro dos desafios, continua Lo Io Cheong, é o interesse pelo ofício. “Para entrar na profissão é necessário um longo período de estudo, que pode durar vários anos, e hoje em dia ninguém tem paciência para isso. Os jovens querem entrar para a indústria do jogo, porque os salários são mais altos e o ambiente de trabalho não é tão duro, mas mais confortável”, conclui. 

INDÚSTRIA TÊXTIL E DO VESTUÁRIO EM QUEDA

Estabelecimentos ligados à indústria têxtil:

178 (1994)

11 (2017)

Número de trabalhadores na indústria têxtil:

8353 (1994)

259 (2017)

Volume de produção:

MOP 2,49 mil milhões (1994)

MOP 308 milhões (2017)

Comércio a retalho para adultos:

MOP 348 milhões (1994)

MOP 8,68 mil milhões (2017)

FONTE: Direcção dos Serviços de Estatística e Censos (DSEC)



GENTLE MANNER: REINVENTAR A ALFAIATARIA



A *Gentle Manner* não quer fugir à tradição, mas reinventá-la. E percebem-se no espaço, simples detalhes que encontramos nesta alfaiataria: uma antiga máquina de costura, verde e dourada; um telefone de parede, de madeira, disco rotativo; três calçadeiras penduradas perto do balcão. O projecto quer restabelecer um negócio tradicional “através de um novo método”: “Passamos provavelmente entre entre 50 a 60 por cento do tempo a falar com o cliente. Não queremos vender um fato preto, não queremos que o cliente pague e se vá embora, mas queremos saber por que razão é que ele necessita desse fato”, diz à MACAU Calvin Chan, um dos três sócios.

A filosofia da *Gentle Manner*, chama a atenção o empresário, está no *slogan* da marca: ‘Suit your manner’. “Suit é um substantivo e significa ‘fato’, mas se entendermos como um verbo, então seria algo como ‘Veste a tua atitude, o teu estilo’”, explica Chan.

Uma casa italiana

Foi há cerca de seis anos que Calvin Chan, Johnny Io e Kit Cheng começaram a pensar neste projecto. Na altura trabalhavam numa conceituada marca italiana de roupa para homem, em Macau, quando, durante uma saída à noite perceberam que tinham mais em comum do que apenas o local de trabalho. “Adoramos moda, especialmente o estilo italiano”, recorda Calvin. Essa foi a principal razão pela qual a *Gentle Manner* não poderia ser outra coisa senão uma casa italiana de moda masculina. Mas não foi a única. “Inglaterra tem séculos de experiência na alfaiataria, na confecção de fatos. Itália foi influenciada por Inglaterra, mas com mudanças, com artigos mais sofisticados e luxuosos. Como no passado Macau foi influenciado por Portugal e pela cultura ocidental, nós acreditámos que o estilo italiano fosse servir aos residentes de Macau”, afirma. Conta Calvin Chan que, desde o início, amigos e familiares alertaram os empresários para o perigo de haver uma fraca resposta do consumidor à moda italiana em Macau. Mas a verdade é que poucos meses depois de abrir as portas, em 2015, o investimento foi recuperado. Por mês, recorrem aos serviços desta alfaiataria cerca de 300 pessoas, na maioria são jovens.

Mix and match

Assim se faz um fato na *Gentle Manner*: o *design* vem de Itália, as medidas são tiradas em Macau, o artigo é confeccionado numa fábrica em Shenzhen, província chinesa de Guangdong, com tecidos provenientes dos Estados Unidos da América, Reino Unido ou Itália. Os preços podem variar entre as 10 mil e as 30 mil patacas. “Se comparares com fatos de grandes marcas usamos a mesma técnica, o que quer dizer que podes gastar menos dinheiro por um fato que numa marca custaria muito mais”, diz o empresário.

Além de fatos e camisas a loja vende ainda calçado, gravatas, laços e acessórios, como botões de punho, que podem ser personalizados à medida do cliente.

O *mix and match*, acrescenta Calvin Chan, é uma das novidades da *Gentle Manner*: “Descobrimos que muitos clientes homens não sabem conjugar a roupa e nós ajudamos a combinar produtos que são aqui comprados com outros que os clientes têm no armário”.

Para o futuro os jovens esperam conseguir ir além-fronteiras. Shenzhen e Cantão, no Interior da China, poderão ser os próximos destinos desta alfaiataria italiana de Macau.



ARBORIZAÇÃO

O homem que cobriu Macau de verde

Não dá o nome a nenhuma das ruas de Macau e são poucos os que lhe conhecem a obra, mas o legado de Tancredo Caldeira do Casal Ribeiro está à vista de todos. Quando Tancredo Caldeira do Casal Ribeiro chegou a Macau, a península estava dotada de um único jardim público, o Jardim de São Francisco. Num período de pouco mais de três anos semeou e transplantou cerca de 60 mil árvores e pelo meio criou ou remodelou alguns dos mais antigos jardins da região naquela que foi a primeira epopeia ambiental de Macau

Texto | Marco Carvalho

Hoje espaço de excelência no coração de Macau, o pulmão de uma cidade onde os espaços verdes e as zonas arboriza-

das escasseiam, a Guia era no início dos anos 80 do século XIX como que um nebuloso e pardo espectro pairando sobre a cidade. Montes áridos e

escalvados desenhavam uma Macau cinzenta.

António Saraiva, engenheiro agrónomo, recorda que “na segunda metade do sé-

culo XIX a Guia era um espaço penhascoso e inóspito, quase desarborizado. Durante muitos anos a colina sofreu a sorte de tantas outras mon-



NO PERÍODO COMPREENDIDO ENTRE 1883 A 1885 FORAM PLANTADAS 41.760 ÁRVORES, QUER NAS COLINAS, QUER NAS RUAS DA CIDADE

tanhas, num processo que quase levou à sua desertificação. Foi local de abate de árvores que serviam depois como material de construção, era o sítio onde os residentes da cidade recolhiam lenha e servia ainda como local de pastagem para o gado. Note-se que um dos símbolos da cidade de Cantão é um grupo de cabras, animais capazes de aproveitar pastos muito po-

bres”. Na altura os rebanhos eram ainda uma visão frequente em Macau.

António de Paula Saraiva está radicado no território desde 1985, tendo dedicado toda a sua carreira profissional ao estudo dos jardins, da botânica e da evolução do espaço urbano. Autor do livro *Árvores e Arbustos de Macau*, o também arquitecto paisagista conhece como poucos o andamento e os protagonistas do lento processo de expansão territorial que deformou, primeiro, e conformou, depois, a península, dando à cidade o aspecto que hoje tem. Erma e pouco hospitaleira, rasgada por uma magra estrada em terra batida que levava os mais aventureiros ao sopé da velha fortaleza, a Guia ganha literalmente uma nova vida com a chegada a Macau de dois homens que revolucionaram a forma como a cidade se apresentava a quem a ela por mar chegava: Tomás de Sousa Rosa e Tancredo Caldeira do Casal Ribeiro. Entre 1883 e 1886, período em que Sousa Rosa assumiu o cargo de governador de Macau, foram plantadas 60 mil árvores em Macau, a grande maioria das quais nas encostas da Guia e das demais colinas do território: “Apenas três meses depois de tomar posse, em 1883, Tomás de Sousa Rosa, nomeou uma comissão encarregada de propor uma série de projectos de melhoria para a cidade”, recorda António Saraiva. “As ideias de

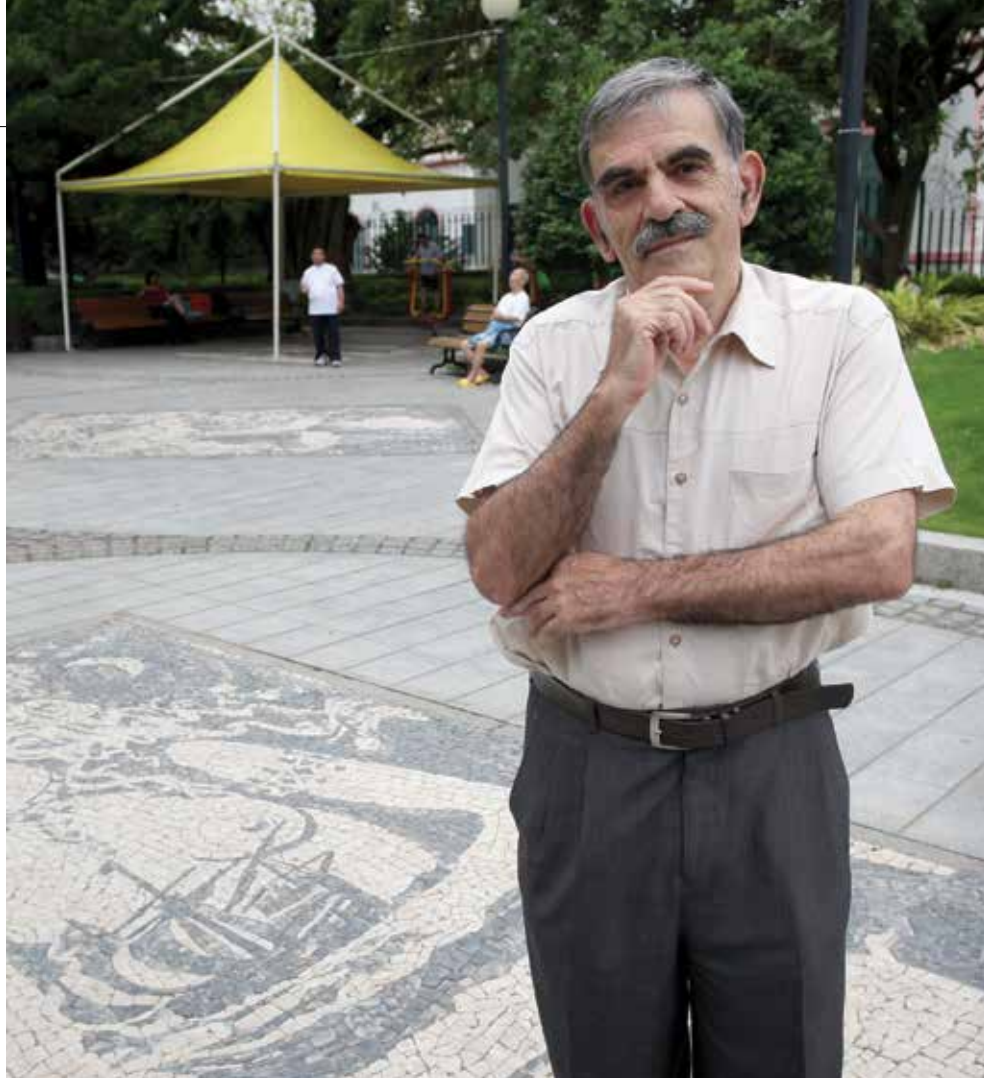
Tomás Rosa enquadravam-se num movimento higienista que percorria a Europa: com o início da industrialização a população das cidades explodiu e a pressão demográfica levou a problemas ambientais graves: falta de água, esgotos a céu aberto, epidemias, falta de espaço. Os políticos e os quadros técnicos mais progressistas e socialmente responsáveis procuraram mudar as cidades de forma a dar resposta a essas situações”, salienta o engenheiro agrónomo.

Inspirado pelos esforços de requalificação urbana que se apoderaram das principais cidades europeias depois de George Haussmann ter assumido a missão de transformar Paris de burgo medieval numa cidade moderna, Tomás de Sousa Rosa colocou em curso o primeiro plano sistemático de valorização dos espaços públicos, num esforço em que tem como principal aliado um jovem naturalista de 27 anos: “De entre os 12 pontos que a Comissão criada pelo novo governador abordou destacavam-se questões como a largura das ruas e a altura dos prédios, o abastecimento de água, a remoção do lixo, os bairros insalubres e a arborização”, recorda António Saraiva. “O relator foi Casal Ribeiro que não perdeu tempo e rapidamente passou das palavras aos actos. Servindo-se do Jardim da Flora como base, implantou ali os seus viveiros”, adianta. Adquirida no início da década-

△
 Nos anos 80 do século XIX o Jardim de São Francisco era o único jardim público de Macau

da de 1870 para servir de residência oficial do Governador, a quinta e o palacete da Flora foram abandonados ao fim de um par de anos, dada a elevada insalubridade do local. A humidade e o acesso fácil a água em abundância propiciaram, no entanto, as condições ideais para que a empreitada a que Tancredo Caldeira do Casal Ribeiro se propunha fosse bem sucedida, e o jovem agrónomo não desiluiu: “No período compreendido entre 1883 a 1885 foram plantadas 41.760 árvores, quer nas colinas, quer nas ruas da cidade. A missão prosseguiria nos anos seguintes, embora a um ritmo mais moderado”, explica António de Paula Saraiva.

Nos cinco anos em que exerce o cargo “de agrónomo da província de Macau e de Timor”, Tancredo Caldeira do Casal Ribeiro supervisionou o cultivo e a plantação de cerca de 60 mil árvores, sensivelmente uma árvore por cada um dos residentes a que o território servia de casa à época. Licenciada em Arquitectura pela Universidade de Coimbra e com um Doutoramento em História da Arte pela Universidade de Paris I, Alice Santiago Faria sustenta que o trabalho desenvolvido por Casal Ribeiro não só ajudou a mudar a face da cidade, como também teve repercussões em Timor, território que à época estava politicamente dependente de Macau: “É possível que dos viveiros da Flora tenham também saído árvores para Timor ou que, pelo menos, fosse essa a intenção de Casal Ribeiro. No entanto, até agora não consegui encontrar documentação em número suficiente para comprovar esta possibilidade”, reconhece a inves-



△
 António de Paula Saraiva é autor da obra *Árvores e Arbustos de Macau* e reconhece o mérito a Tancredo de Casal Ribeiro que permitiu que a Colina da Guia, entre outros pontos da cidade, deixassem de ser territórios áridos e ermos

tigadora do Centro de História d’Aquém e de Além Mar da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. “O que importa realçar, no entanto, é que Tancredo Caldeira do Casal Ribeiro foi um dos obreiros do que foi a primeira estratégia conjunta para o território. Uma estratégia que entre outras acções, previa a criação de um contínuo verde”, resume a académica.

“A Cintra do Sul da China”

A política de arborização impulsionada por Tomás de Sousa Rosa e concretizada por Tancredo do Casal Ribeiro não é mais do que uma expressão parcial de uma ambiciosa política geral de ordenamento que se consubstanciou em dois planos de melhoramentos que se propunham transformar o

espaço urbano de Macau em termos de habitabilidade e de infra-estruturas: o chamado *Plano de Melhoramentos do Porto* e o *Plano de Melhoramento de Macau*.

Se o primeiro se propunha resolver o grave problema de assoreamento com que se deparavam as zonas de ancoragem da cidade, o segundo colocava ênfase num leque de preocupações até então inéditas: a regularização do traçado urbano, a criação de infra-estruturas tidas como imprescindíveis para a expansão da cidade e a criação de condições de higiene e de salubridade que tornassem possível um crescimento ordenado do espaço urbano: “Os médicos, a par de visionários políticos, são dos grandes impulsionadores deste novo urbanismo. A título de exemplo, cite-se o chefe



dos serviços de saúde de Macau, Dr. José Gomes da Silva, o qual em 1870, no seu relatório anual, propunha a plantação metódica de árvores, não só na cidade, mas também nas encostas e nos cumes de alguns montes”, lembra António Saraiva.

Os dois planos deram azo a que foi em Macau a primeira abordagem sistemática ao espaço público enquanto espaço de intervenção política, artística, científica e técnica, num esforço interdisciplinar dotado de aspectos que, mesmo nos dias que correm, se revestem de grande modernidade em termos urbanísticos. Enquadradas na questão da reabilitação do Porto – projecto que trouxe até ao território Adolfo Loureiro, engenheiro que deixou escrita uma importante memória descritiva da Macau de finais do século XIX – as políticas de desenvolvimento urbano delineadas previam, por exemplo, a definição de zonas específicas para a instalação de actividades poluentes e perigosas e exibiam uma costela ambientalista incomum para a época: “Casal Ribeiro apercebeu-se da pobreza dos solos de Ma-

cau e melhorou-os mediante a incorporação de restos orgânicos: os lixos da cidade e os dejectos dos próprios animais que puxavam os carros do lixo”, exemplifica o engenheiro agrónomo.

Numa época em que grande parte do território que agora constitui a península estava ainda ocupado por chácaras, pântanos e campos de arroz, o “Plano de Melhoria de Macau” dispensava grande atenção à arborização das colunas e da orla costeira, bem como à criação de uma rede de recolha e tratamento de esgotos e à adopção de um sistema de recolha de detritos que, à época, tinham natureza sobretudo orgânica. Às propostas juntavam-se empreitadas de maior envergadura – a secagem de pântanos, a execução de aterros e a dragagem frequente de rios e canais – com o fito de travar ou entorpecer os processos de assoreamento das águas que rodeavam Macau.

Se a construção de aterros e a drenagem de pântanos e o seu subsequente arroteamento se prefiguravam como uma solução dispendiosa, mas definitiva, a ambiciosa execução de um plano sistemático de arborização do território prefigurava-se como o tipo de solução que apenas a passagem do tempo poderia provar adequada e bem-sucedida: entre outros factores, o assoreamento progressivo do Porto Interior e das zonas costeiras andava ligado à forte erosão sofrida pelas colinas durante a época das chuvas, pelo que apenas a arborização do território e a pavimentação das vias se afigurava como a resposta mais adequada a um problema que ensombrava a economia do território.

▶
Alice Santiago Faria,
 investigadora do
 Centro de História
 d’Aquém e de Além Mar
 da Faculdade de Ciências
 Sociais e Humanas da
 Universidade Nova de
 Lisboa, lembra que o plano
 de Casal Ribeiro era criar
 em Macau um contínuo
 verde



Além de recomendar a arborização massiva das colinas, o Plano de Melhoramentos do Porto de Macau aconselhava a criação de jardins, missão que coube a Tancredo Caldeira do Casal Ribeiro.

O próprio Casal Ribeiro é quem estabelece, no relatório que entrega ao Governador, as metas e a visão do que almejava atingir com o seu trabalho: “O aformoseamento dessas montanhas que, cobertas de vegetação, poderão transformar esta Colónia em verdadeira Cintra do Sul da China”.

O criador de jardins

Quando Tancredo Caldeira do Casal Ribeiro chegou a Macau a península estava dotada de um único jardim público, o Jardim de São Francisco.

Apesar da cidade estar ainda, grosso modo, contida dentro das muralhas, os espaços verdes rareavam. Ao Jardim do Chunambeiro, nas mãos da Igreja, juntavam-se as coutadas particulares da Horta da Mitra, do Jardim da Flora e do Palacete da Gruta de Camões. Tudo o mais era desolação.

Em 1870, o médico José Gomes da Silva alude, no relatório anual que fazia chegar ao Palácio do Governo, à necessidade de se promover “a

plantação de árvores não apenas na cidade” mas também “nas encostas e nos cumes de alguns montes”.

A Coelho do Amaral, que ocupou o cargo de Governador entre 1863 e 1866, é atribuída a criação do primeiro jardim público de Macau. Herdeiro do horto religioso anexo ao antigo convento de São Francisco, o jardim apresentava um traçado rectangular, bem diferente do actual: tratava-se, então, de um espaço íntegro, ainda que acometido de um certo desmazelo e esquecimento. Só em 1935 é que a abertura da Rua de Santa Clara acelera a desfragmentação do espaço.

Em 1882, um ano antes de Tancredo Caldeira do Casal Ribeiro ter iniciado o primeiro plano sistemático de

arborização do território, Constantino José de Brito – relator da Direcção das Obras Públicas da Província de Macau e de Timor – dá conta das obras de melhoramento de que o Jardim de São Francisco é alvo.

Com a chegada a Macau de Casal Ribeiro tudo muda. Inspirado no trabalho de arborização impulsionado em Hong Kong, o jovem agrónomo propõe-se importar o modelo para o território: “Resolveu-se fazer a experiência no princípio da encosta do Monte da Guia, no terreno a partir da Estrada da Victoria até ao primeiro lanço do caminho que em ziguezague sobe até à fortaleza. A exposição sudoeste desse terreno também era favorável, porque assim menos havia a recear das lesta-

**A TRANSFORMAÇÃO
 DA PAISAGEM DE
 MACAU COM A
 PLANTAÇÃO DE
 VARIADAS ÁRVORES
 PERMITIU TORNAR
 A REGIÃO NAQUELA
 QUE SERIA “A
 CINTRA DO SUL DA
 CHINA”**



das rijas que por vezes açoutam com violência as árvores, e de que o novo plantio com certeza se ressentiria”, escreve Tancredo do Casal Ribeiro no relatório que entregou ao Governo, no final do primeiro ano em que desempenhou funções em Macau.


O primeiro ensaio, conduzido com árvores adquiridas em Hong Kong para testar a viabilidade do projecto, deixou o jovem agrónomo entusiasmado: dos 3500 pés adquiridos

na colónia britânica, apenas 110 não vingaram. Casal Ribeiro avança assim para a segunda fase do projecto: cria de raiz um viveiro que serve de sustentáculo à empreitada. Quando os rebentos apresentam maturidade suficiente para ser transplantados, as equipas de operários que trabalham às ordens do jovem agrónomo lançam-se à conquista das encostas da Guia e das demais colinas do território. “Casal Ribeiro teve o mérito

de recorrer não a uma única espécie, mas a um leque delas. É verdade que o pinheiro predominava, ao ponto da Guia ser ainda hoje conhecida em chinês como “Chon San”, o Monte dos Pinheiros”, lembra António Saraiva. “Os pinheiros serviram de “espécie pioneira”, aquela que abre os solos áridos, proporcionando condições para outras espécies, mais exigentes, através de sementes trazidas pelo vento ou contidas nos dejectos dos pássaros, se estabelecerem, num processo que em ecologia se denomina de “sucessão”, complementa o arquitecto paisagista.

As intervenções mais notáveis foram as que consubstanciaram a criação do Jardim da Vitória, do Jardim Vasco da Gama e do passeio público que na recta final do século XIX li-

gava os dois espaços, mas Casal Ribeiro poderá ter sido também, no entender de António Saraiva, uma peça-chave na aquisição, em 1885, do Jardim Camões por parte do Governo de Macau: “Tomás de Sousa Rosa foi o responsável pela compra, em 1885, por 30 mil patacas, do Jardim Camões. O espaço já era ajardinado, mas estava votado a um certo abandono. Como Casal Ribeiro era o técnico do Governo para esta área é de admitir que tenha sido parte na decisão”.

Os espaços verdes hoje existentes na península são sensivelmente os mesmos que foram intervencionados há quase um século e meio por Tancredo Caldeira do Casal Ribeiro, algo que deixaria os contemporâneos do jovem agrónomo pasmados. 

BIODIVERSIDADE DE MACAU

Um caçador de tesouros

Danny Leong tem 24 anos, é entomologista e já vai na terceira descoberta de espécies em Macau. A primeira foi uma formiga, depois um ácaro. Chama-lhes tesouros e acredita que Macau pode ser um grande exemplo para o mundo na conservação da biodiversidade

Texto | Sandra Lobo Pimentel

A paixão pelos insectos não começou cedo na vida de Danny Leong. Foi pouco antes de escolher prosseguir estudos superiores que surgiu a vontade de conhecer mais profunda e cientificamente a biodiversidade local. Os insectos prenderam a atenção do jovem nascido e criado em Macau, que rumou a Taiwan em 2013 para se tornar um especialista.

Já quase no fim dos estudos, em 2015, o jovem entomologista lançou-se numa investigação na Ilha Verde e as amostras de solo levaram, só este ano, à descoberta de três novas espécies. A primeira foi a formiga *Leptanilla macauensis*, seguiu-se o ácaro *Meristolohmannia macauensis*, e uma terceira que ainda não foi publicada, mas está para breve, revelou Danny Leong à MACAU.

Tudo começou com a *Leptanilla macauensis*, uma pequena formiga que não excede um milímetro, de cor amarela pálida e com pequenas antenas. No laboratório passou longas horas a analisar amostras de solo até que se deparou com

algo que nunca tinha visto. “Tinha características da *Lep-tanilla*, muito rara. Há poucos registos no sul da China. Analisei as restantes amostras de solo para procurar mais e ter a certeza de que tinha feito uma descoberta.”

Em Julho do ano passado, foi a vez do *Meristolohmannia macauensis*. “Chamamos-lhe o ácaro-escaravelho, porque a morfologia é muito parecida com a do escaravelho, muito luminosa, tipo metalizada, e este ácaro também se alimenta de madeira e depois de digerir tudo regressa ao solo”, explicou Danny Leong.

Novamente as amostras recolhidas na Ilha Verde mostraram-se proveitosas para a investigação, mas foram vários os locais em Macau onde efectuou pesquisas, como Coloane, mais especificamente a zona da barragem de Ká-Ho, mas também as colinas da Taipa Grande e Taipa Pequena, e finalmente a Ilha Verde e a Colina de Mong-Há, na península. “Não sei porque apenas fiz descobertas nas amostras recolhidas na Ilha Verde, mas

▷
 Danny Leong é um apaixonado pela biodiversidade de Macau e quer inspirar mais investigadores a estudarem o território





de alguma forma quis assinalar esse facto e nesta terceira espécie que descobri, ainda não revelada porque falta a publicação da pesquisa, inclui o nome da Ilha Verde, em vez do nome de Macau como fiz com as outras duas. O estudo já foi aceite”, revelou.

“Esta descoberta é muito especial, por isso dei-lhe o nome da Ilha Verde. Fico feliz de poder colaborar e trabalhar com outros cientistas de Hong Kong, do Japão, Vietname, do Interior do País ou da Rússia. Tenho tido muitos contactos e vejo que há muita gente interessada em mim e na minha história e, em especial, nas espécies de Macau.”

Os mentores

Iniciou os estudos em 2013 e no ano seguinte passou a ser assistente do professor Shiuh-Feng Shiao na Universidade de Taiwan, um reputado especialista em taxonomia de insectos, disciplina biológica que define os grupos de organismos biológicos com base nas suas características comuns e lhes dá nome.

Dessa colaboração resultou a descoberta de duas espécies de formigas em Taiwan, cujos estudos foram publicados também no decorrer do ano passado. Apesar do trabalho desenvolvido na região, Danny Leong não esqueceu Macau, o que o levou a conhecer outros dos seus mentores. Quando descobriu a *Leptanilla macauensis* Danny Leong já fazia pesquisas com Benoit Guénard, professor assistente da Escola de Ciências Biológicas da Universidade de Hong Kong, que se entusiasmou com a vontade de Danny em estudar a entomologia de Macau. O académico confirmou a suspeita: estava encontrada uma nova espécie de formiga, que viria a



MACAU POSSUI 113 ESPÉCIES DIFERENTES DE FORMIGAS, UM NÚMERO QUE DANNY LEONG CONSIDERA SIGNIFICATIVO E INTERESSANTE

receber o nome de Macau. Mas a ligação começou antes, em 2015, quando Danny esteve em Macau a recolher várias amostras de solo, convencido de que poderia encontrar novas espécies de formigas. “Escrevi ao professor Guénard sobre esta minha convicção, nem sei se ele percebeu tudo o que escrevi, porque o meu inglês não era muito bom, mas ele prestou atenção”, lembrou. O académico interessou-se pela possibilidade de um território como Macau ter esta diversidade e aceitou que o jovem estudante fosse seu aprendiz. “Aprendi a fazer recolha de amostras de forma correcta e a usar o laboratório da Universidade de Hong Kong. Ele ensinou-me tanta coisa sobre formigas, mas não só. Sem a sua ajuda eu não conseguiria sequer fazer a descrição da morfologia desta nova espécie. Não sabia nem como escrever o estudo, também em inglês”, lembrou.

Macau pode ser exemplo

Danny Leong acredita que as descobertas que fez, e as que ainda espera fazer, são importantes para a região, mas não só. “Macau é das cidades mundiais com maior densidade populacional, segundo a Organização das Nações Unidas. Por isso, entender a biodiversidade da cidade é importante também para outras cidades, para perceberem como a biodiversidade é afectada. Muitos cientistas querem ajudar-me a estudar e encontrar uma solução para grandes áreas urbanas. Podemos encontrar uma solução ecológica para todos e o exemplo de Macau pode ajudar. Como equilibrar o desenvolvimento e a conservação da biodiversidade? Em Macau encontramos um exemplo que

pode ser muito útil.”

Danny Leong é o terceiro especialista a estudar os insectos de Macau e acredita que esse pequeno número prova que, “apesar dos insectos serem tão importantes, não há muita gente que se importe com eles”.

O jovem entomologista acredita que “os insectos são a espécie-chave e fundamental na ecologia”. Explica que as estimativas do número de insectos que povoam o planeta são muito inferiores à realidade. “É altamente improvável que o número que conhecemos seja o real. Deve haver muito mais espécies que ainda vamos descobrir, mas já é bem maior do que o número de outros animais, o que comprova a importância dos insectos, até para os humanos. A medicina tradicional chinesa, por exemplo, usa muitos insectos e a natureza em geral para aplicar na cura de doenças”, aponta.

A investigar insectos desde 2015, quando aproveitou as férias da faculdade para recolher amostras em Macau, considera que a maioria da população local não conhece o valor destas espécies. “As crianças, os pais, os avós, ninguém consegue perceber que é raro, são como tesouros estas novas espécies. E mais ainda, não percebem como os insectos podem ajudar na nossa vida em comunidade. Temos o exemplo das abelhas e de como ajudam nas plantações. Sem elas não era possível, mas poucos têm noção disso.”

Encorajar os mais novos

Danny Leong diz que o que o levou a dedicar-se à entomologia foi a tristeza que sentia por esta incompreensão que a maioria das pessoas tem com o meio que as rodeia. “Sentia





△
O jovem investigador divulga as investigações a grupos escolares do ensino primário

pena dos insectos e pensei em estudá-los cientificamente. Assim escolhi entomologia. E logo no primeiro ano de licenciatura, na Universidade de Taiwan, fiquei surpreendido pela forma dedicada como eram feitos os estudos e a tentativa de compreender me-

lhor as espécies. Aprendi muito”, conta. Nas férias da faculdade, aproveitou para concluir os primeiros trabalhos científicos na área, e foi quando descobriu que Macau tinha 113 espécies diferentes de formigas. “Em Taiwan há cerca de 300

espécies. Se compararmos a dimensão dos dois territórios, este número de Macau é muito interessante e chamou a atenção de alguns professores e especialistas na universidade, que acharam fantástico.” A conservação biológica em Macau “tem de ser estuda-

da” e Danny Leong explica porquê: “Se temos tantas espécies nativas, e estas conseguem manter-se apesar dos recursos estarem comprometidos, precisamos entender as razões”.

Danny Leong não pensa numa carreira académica para já: o seu objectivo é continuar no terreno a fazer pesquisas. Mas deixa a ideia de como Macau pode vir a ter uma geração mais consciente e, quem sabe, mais especialistas e investigadores. “As crianças devem ser mais encorajadas a lidar com insectos e a natureza em geral. É esse incentivo que deve ser dado nas escolas, até porque não são precisos assim tantos recursos. Os mais novos são muito curiosos e isso é o primeiro passo para conhecerem mais.”

Mostra-se disposto a ajudar a divulgar as suas investigações e descobertas a grupos escolares, algo que já fez depois de publicar o estudo sobre a *Leptanilla macauensis*. “Estive com um grupo de alunos de ensino primário e mostrei-lhes algumas amostras de solo e eles mesmos conseguiram ver ao microscópio. E consegui ver que é realmente a curiosidade que pode servir de motor para as crianças se focarem na descoberta da natureza.”

Lembra o seu exemplo. Apesar de não ter despertado cedo para este gosto pelos insectos, recorda que nos tempos de escola observava as joaninhas nas plantas. “Olhava para elas e gostava de perceber qual a sua história, que caminho as tinha levado ali. E nada disso era ensinado na escola ou em casa. Ninguém sabe como tratar os insectos.” E acrescenta: “Os grandes animais há muito que deixaram de habitar o território, tudo o que nos resta são os insectos. Se não os tratar-

“GOSTAVA DE ENCONTRAR MAIS, NÃO SÓ NA ILHA VERDE, MAS TAMBÉM EM KÁ-HO OU OUTROS LOCAIS”, AFIRMA DANNY LEONG

mos melhor também podemos perdê-los, porque o hábito que temos é o de matar insectos”.


O entomologista apenas deseja que algo mude na mentalidade dos residentes, em especial das grandes cidades. “Se puder ajudar a aumentar o sentido de preservação da biodiversidade, já ficaria feliz.” Quer ficar em Macau para continuar a conduzir estas pesquisas e poder continuar a publicar estudos sobre as espécies nativas locais.

“Gostava de encontrar mais, não só na Ilha Verde, mas também em Ká-Ho ou outros locais, mas tudo depende do esforço na recolha de amostras. Os resultados dizem-nos que apenas encontramos na Ilha Verde, mas acredito que haja muito mais para descobrir.” Este contributo pode estimular a outras acções com vista à conservação, nomeadamente, um modelo de cidade que preserve a biodiversidade, no entanto, Danny Leong diz que outros especialistas devem trabalhar em conjunto. “Sou apenas um cientista, trabalho com amostras, estudo as espécies. Mas isso pode ajudar a encontrar uma forma de construirmos melhor. Deixo isso para outros especialistas que pos-



sam planear e desenvolver, mas acredito que seja um trabalho conjunto para o qual os cientistas que estudam a biodiversidade também possam ser ouvidos. Só posso dizer onde encontrar

as formigas e o que podemos fazer para preservá-las”. O jovem de Macau, diz que em Macau tem três objectivos: “O primeiro é tentar estudar a biodiversidade de Macau; o se-

gundo é tentar perceber como Macau pode equilibrar entre o desenvolvimento e a preservação da biodiversidade; e o terceiro é encorajar outros cientistas a estudarem Macau”. 



JOAQUIM COELHO RAMOS

Amizade com a China reforça motivação

O novo director do Instituto Português do Oriente (IPOR) defende que o apoio à promoção do português é obrigação de todos os que têm interesse na língua. Depois de quase meio ano à frente do IPOR, Joaquim Coelho Ramos revela os planos para o instituto. A Grande Baía e a Austrália são os destinos que se seguem. Mais haverá, se houver apoio das partes interessadas

Texto | Catarina Brites Soares

Foto | Gonçalo Lobo Pinheiro

Quando assumiu o cargo em Setembro passado, disse que a primeira fase seria de consolidação. A que se referia?

Há uma série de projectos

que não foi possível concluir, como o laboratório de línguas, que deve estar pronto este ano. Depois há outros que têm que ver com edições de guias

nas áreas do léxico jornalístico, administrativo, económico-financeiro, que esperamos concluir também este ano. Queremos continuar com o

projecto noutras áreas, como a saúde. Na cultura, produzimos um roteiro ligado a Camilo Pessanha, que acabou de sair, e participámos na produ-



ção, em colaboração com Rosa Coutinho Cabral, de dois DVD sobre o escritor, que também já estão terminados.

Já a segunda fase queria que fosse de “aproximação à rede que está ligada ao IPOR, aos nossos colegas de outros países aqui à volta”. Porque não foi feito esse trabalho de forma mais dedicada até agora?

Na verdade, foi. A questão é que a língua portuguesa está a ser um factor de atracção, o interesse está a crescer, portanto importa dilatar o processo. O interesse não é só na aprendizagem do português ao nível académico, mas há muita procura para aplicação directa no mercado de trabalho. Quando falo na aproximação do IPOR aos pontos de rede, ou melhor, na construção de uma rede efectiva en-

tre estes pontos nos países vizinhos, falo de colaborar em todas estas facetas.

Como por exemplo?

Ensino académico, a língua portuguesa técnica aplicada. Temos um memorando assinado com a província de Sichuan para a formação linguística de médicos chineses que vão em missões de cooperação para países de língua portuguesa. Há toda a vantagem de criar uma rede que não se limite à troca de impressões anual do que está a ser feito e que permita troca de materiais, circulação de professores, actualização da linguística. Como dizia um professor da Universidade de Lisboa, “não é só na medicina que há evolução”. É preciso dizer aos nossos professores de outros países quais são as melhores abordagens para

o ensino do português. É isso que o IPOR pretende fazer e incrementar nos países aqui na região.

O IPOR e o Instituto Camões despertaram demasiado tarde para esta parte do mundo?

Não creio. O IPOR tem uma história de 30 anos na região. Os países têm políticas estratégicas, de línguas e de acolhimento de línguas estrangeiras nos sistemas locais, e nós temos de estar alertas para, quando surgem novas oportunidades, sabermos corresponder. E é isso que tem acontecido. Tem sido feito um esforço, desde há muitos anos, de intervenção em países como o Vietname, a Tailândia, Timor-Leste, a Indonésia, universidades no interior da China, onde o português está a crescer a um

nível exponencial. Vamos tentando dar o apoio que nos é solicitado, à medida que as oportunidades vão surgindo.

Foi atribuído a Macau o papel de intermediário entre a China e os países de língua portuguesa. O IPOR tem sabido aproveitar a oportunidade?

Está a ser aproveitada como provam os trabalhos de acolhimento e formação de professores, mas também nas nossas dinâmicas de sair de Macau e ir ao encontro das instituições. Como é o caso do encontro anual que fazemos com os pontos de rede, em que juntamos professores de universidades estrangeiras para nos dizerem que metodologias estão a usar. Também enviamos professores para dar formação de novos docentes. Estive recentemente



te na Austrália, país que está a criar sinergias connosco para se dar um novo fôlego à língua portuguesa, nomeadamente em Melbourne. O IPOR, na medida das capacidades e do interesse dos países, está a dar resposta ao interesse e expansão da língua.

O que está a ser feito com a Austrália?

Estamos a trabalhar para criar

um posto de ensino da língua portuguesa, apoiado pelo IPOR e Instituto Camões, e parcerias locais – escolas e academias. Notámos que também lá o interesse pela língua portuguesa é uma realidade.

Como vê o interesse de países que nunca tiveram uma ligação com a língua?

Tenho uma posição um pouco *sui generis*. Não acho que haja

um interesse recente na língua. Acho que há um interesse externo recente naquilo que é o interesse dos países na língua. Por exemplo, temos uma história de relação linguística com países como a Malásia, Barém, Vietname e Tailândia, que não é conhecida nos meios de comunicação, na dinâmica social do dia-a-dia e não é muito falada nas universidades. O interesse externo é recente e tem que ver com a estratégia dos países – como a China na aposta no mundo lusófono, do crescimento desses países – como é o caso de Angola, da relação histórica – caso de Portugal. Tudo isto deu visibilidade ao português. É uma visibi-

tabilístico, institucional e para negociação, jurídico. Com estes empresários, queremos procurar uma intervenção no eixo da Grande Baía, nomeadamente com uma aproximação a Hong Kong, que é um dos pontos que gostávamos de trabalhar a curto prazo. Vamos ver o que se consegue.

Está nos planos abrir espaços de ensino nas cidades da Grande Baía?

Passará por abrir espaços de ensino que não serão directamente contratados pelo IPOR, mas que surgirão em colaboração com entidades locais. A ideia é enviar um professor do IPOR, num espaço cedido,

“TEMOS A INTENÇÃO DE CONTRATAR MAIS BILINGUES SOBRETUDO PARA AS ÁREAS INICIAIS”

lidade nova num interesse que não é novo.

A Grande Baía é um dos grandes planos de Pequim. Há interesse do IPOR na região?

Há. Vejo que há um interesse crescente de empresários que querem investir nos países de língua portuguesa e, portanto, querem aprender português e que a equipa também aprenda. Temos um plano em colaboração com alguns empresários que nos abordaram, para cursos de formação nas áreas que são do interesse deles: português empresarial, con-

para dar resposta às solicitações desses locais. É isto que se vai tentar fazer.

Houve mudanças na estratégia de cooperação com os institutos de língua dos países de língua portuguesa para aproveitar a intenção política de tornar Macau um polo de ligação entre a China e a lusofonia?

A estratégia que se elabora para a divulgação de uma língua não está necessariamente ligada aos interesses de um ou outro país. Procuramos estabelecer uma linha de inter-

**“O PORTUGUÊS
É UMA LÍNGUA
PLURICÊNTRICA,
NÃO É UMA LÍNGUA
DE PORTUGAL.
PERTENCE A QUEM
A FALA, A QUEM
A USA, A QUEM
TRABALHA COM
ELA”**

venção com base científica, tendo em conta sempre que o português é uma língua pluricêntrica e que, portanto, não é uma língua pequena. É a língua mais falada no hemisfério sul, é das mais faladas nas redes sociais. O facto de haver uma visão da China para a promoção do português e de Macau ser uma região com interesse privilegiado no português honra-nos muito e isso verifica-se nas políticas que estão a ser seguidas. Há uma relação de amizade, proximidade cultural e de interesse na língua que serve de base a estas políticas e reforça a nossa motivação. Mas a política de língua não é definida a partir daí. É definida a partir da presença e do interesse, institucional e privado, e também da capacidade que temos de dar resposta.

O que têm feito para capitalizar o interesse da China no português?

Formação de docentes, actualização de formadores, produção de materiais didácticos, de manuais, investigação



científica, actualização pedagógica e didáctica.

Considera que o instituto tem sabido aproveitar e dar resposta a mais esta oportunidade?

Os contactos estão a cair de maneira muito forte. Estamos a fazer o esforço com os recursos que temos. Não conseguindo o IPOR dar resposta directa, tentamos fazê-lo através de parcerias, por exemplo com empresários. Vamos ver até onde vai o interesse e a chegada de pedidos constantes.

Está pessimista?

Não sou pessimista. Espero é que haja o envolvimento de outros parceiros para colaborar na resposta.

A quem se refere?

Tecido empresarial.

De que territórios?

De Macau, do tecido empresarial que tem interesse na utilização prática da língua portuguesa, do que está numa posição de chapéu na ligação entre Portugal e a China.

Quer dizer investimento?

Sim. Parcerias financeiras. As parcerias e apoio financeiro têm sido visíveis. Os parceiros do IPOR têm participado nos nossos projectos. O que está em equação é o aumento da participação porque também há um aumento do interesse.

Como vê o investimento crescente de Pequim na língua?

É uma abordagem natural tendo em conta as dinâmicas que se criaram entre a China e os países de língua portuguesa.

Considera que é relevante a atenção que se lhe atribuiu atendendo a que o número de universidades que abriram cursos de português é irrisório, tendo em conta o tamanho do país?

Não acho que haja aqui uma visão ultrapatriótica de Portugal sobre aquilo que é o interesse e o apoio que as entidades chinesas estão a dar à língua portuguesa. É um interesse genuíno que tem que ver com o próprio carácter da língua. Os nossos amigos chineses já perceberam a verdadeira dimensão do português no campo dos negócios, diplomático, da política externa. Portanto, acho que é uma atenção normal. Não acho que haja uma visão patriótica de

Portugal do que é uma realidade de pequena ou relativizável.

Tendo em conta que Portugal é o país berço do português, não há um desfasamento do investimento feito em Macau e no Interior do País?

Não é o meu ponto de partida e não me parece que seja o da comunidade científica. O português é uma língua pluricêntrica, não é uma língua de Portugal. Pertence a quem a fala, a quem a usa, a quem trabalha com ela. Portanto não vejo que seja uma obrigação exclusiva de Portugal o investimento na língua. Há um interesse na defesa e promoção da língua portuguesa em Macau.

“QUEREMOS PROCURAR UMA INTERVENÇÃO NO EIXO DA GRANDE BAÍA, NOMEADAMENTE COM UMA APROXIMAÇÃO A HONG KONG, QUE É UM DOS PONTOS QUE GOSTÁVAMOS DE TRABALHAR A CURTO PRAZO”

Portugal apoia a vontade do Governo de Macau, mas tem recursos limitados para atender ao interesse no português no resto do mundo. É apenas natural que se veja a relação com Macau e com a China não como uma relação de quem

contribui mais, mas de efectiva parceria com um objectivo comum. Julgo ser esta abordagem que se deve ter.

Mostrou interesse na “diplomacia cultural”, apontada como uma das prioridades



PERFIL



Joaquim Coelho Ramos tem 44 anos e é natural de Castro Daire (Portugal). É doutorado em Filologia Portuguesa pela Universidade Carolina de Praga, na República Checa. Concluiu o doutoramento em 2017, cinco anos depois de obter o grau de mestre em Português pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto. É licenciado em Direito pela Universidade de Coimbra, com uma especialização em Ciências Jurídico-publísticas, e lançou-se nos estudos da língua portuguesa em 2010, ao concluir uma pós-graduação em Cultura Portuguesa Contemporânea na Universidade Aberta. Desempenha funções de investigador associado do Centro de Linguística da Universidade do Porto, sendo especialista em linguagem jurídica. Entre 2005 e 2016 esteve na República Checa, a leccionar na Universidade de Praga, a desempenhar funções de leitor no Instituto Camões e de coordenador do Centro de Língua Portuguesa. Foi distinguido com a Medalha de Mérito do Decanato da Faculdade de Letras da Universidade Carolina em Praga e coordenou a secção de diplomacia e relações externas do grupo EUNIC (European Union National Institutes for Culture) – Praga, entre 2013 e 2015. Entre 2016 e 2017 esteve em Cabo Verde a leccionar português a estudantes de Timor-Leste. Assumiu o cargo de director do IPOR em Setembro de 2018, em substituição de João Laurentino Neves, que ocupou tal função entre 2012 e Julho de 2018.

pelo novo cônsul-geral de Portugal em Macau e Hong Kong, Paulo Cunha Alves.

Tenho muita expectativa para ver de que forma podemos colaborar.

Tem havido uma aposta do IPOR na divulgação da cultura contemporânea. É para continuar?

A aposta clara na cultura portuguesa contemporânea faz

parte das linhas estratégicas da acção cultural externa de Portugal já há alguns anos. Este ano, até porque se trata de um ano especial [devido aos 40 anos do estabelecimen-

to das relações diplomáticas entre a China e Portugal e os 20 anos da criação da Região Administrativa Especial de Macau], vamos dar atenção a várias áreas. Estamos a avaliar a possibilidade de ter uma exposição de artistas portugueses e chineses das artes visuais, plásticas. Vamos tentar incrementar a oferta tendo sempre como linha condutora a arte contemporânea.

Tendo em conta o perfil de alunos do IPOR, faz sentido contratar mais professores bilingues?

Faz. Tem sido discutido e agora há um concurso a decorrer. Temos a intenção de contratar mais bilingues sobretudo para as áreas iniciais.

O seu mandato no IPOR é de três anos. Não é um período curto?

É, se encararmos a função de uma direcção como um período estante. Não é a minha visão do cargo. Vejo-o como um prolongamento: a actual direcção pega nos projectos da antiga e acrescenta estratégias que julga necessárias, e a seguinte fará o mesmo.

O IPOR e o Consulado ganharam novos líderes quase ao mesmo tempo. É o início de uma nova era?

Não estou certo que se possa dizer que se abre um novo caminho de forma radical. Não podemos, no entanto, ignorar que há cunhos pessoais que são implementados nas lideranças. No que diz respeito ao IPOR, essa visão, que não é autónoma, mas delineada no contexto de equipa, vai ter diferenças de estilo, na maneira de dirigir a instituição, sempre considerando que o objetivo estatutário esta cá para delimitar a nossa acção. **M**



PAK TAI

O Imperador do Norte

A festa anual dedicada a Pak Tai, no dia do seu aniversário, realiza-se no terceiro dia da terceira Lua, pelo que este ano tem lugar a 7 de Abril. A data comemora-se com a representação de uma ópera sobre a guerra sagrada

Texto | Fernando Sales Lopes

Pak Tai (北帝) é considerado o mais poderoso dos ministros do Imperador de Jade, uma divindade popular do culto exorcista e é uma das mais influentes divindades populares taoistas da cultura chinesa. O Supremo Senhor do Céu Negro (Hsüan-t'ien Shang-ti), como também

é conhecido, é um dos espíritos que governa um quarto do universo com o Guerreiro Negro (Hsüan Wu), nome que designa o sector Norte das 28 Casas Lunares.

Pak Tai e Na Tcha são divindades com origem mítica nos tempos da criação do espaço humano que viria a ser a

China. São divindades descritas no romance épico taoista *Feng-shen Yen-i* (A Deificação dos Deuses), escrito durante a Dinastia Ming.

Príncipe da Dinastia Shang, Pak Tai foi nomeado pelo Imperador de Jade para comandante das 12 legiões celestiais, incumbidas de lutar contra

o Rei Demónio que ameaçava destruir a Terra no declínio daquela dinastia. Pak Tai derrota o diabólico adversário, recebendo então o título de Supremo Imperador do Céu Negro. Ao destruir a Serpente e a Tartaruga Cinzenta, os dois aliados mágicos do Rei Demónio, Pak Tai ficou asso-

PAK TAI É INVOCADO PELOS POPULARES TAMBÉM COMO UM PROTECTOR DAQUELES QUE ANDAM NO MAR E A QUEM SE PEDE UM REGRESSO EM SEGURANÇA, PRINCIPALMENTE EM MOMENTOS DE TORMENTA



△ O templo de Pak Tai, no coração da Taipa Velha, é um dos mais antigos templos de Macau (1844)

ciado a estes dois animais que representados à sua volta, ou sob o seu pé, anunciam que o bem sempre prevalecerá sobre o mal.

O culto em Macau

A festa anual dedicada a Pak Tai, na data do seu nascimento, tem lugar em Macau no templo do mesmo nome, localizado na vila da Taipa, mais precisamente no Largo de Camões.

O culto a Pak Tai em Macau, tal como acontece com a maioria das divindades, está associado a variadíssimas lendas que sustentam a tradição local. Estando este templo localizado na Taipa, as lendas contadas têm a ilha como seu palco, indo da cura dos males individuais aos que afectavam a comunidade na incerteza do dia-a-dia, ora à mercê do imprevisível dos elementos, ora à mercê do imprevisível dos actos dos homens.

Uma vez, assim se conta, uma procissão com a imagem de Pak Tai, pedida a um bonzo por um moribundo, saldou-se na sua cura perante o espanto de todos quanto assistiam ao milagre. Noutra ocasião, um grande incêndio devastou uma povoação da Taipa, então alguém se lembrou de mandar buscar a bandeira vermelha que Pak Tai ostentava na sua mão direita. Agitada a bandeira – e que mais se poderia esperar do Senhor dos Céus, do Imperador do Norte – o vento que soprava do norte virou para sul e mais nenhuma povoação foi atingida.

Mas se Pak Tai muda os ventos, não nos esqueçamos que ele é o comandante das 12 legiões no combate ao mal. Ora, sendo assim, quando um grupo de piratas se preparava para saquear a ilha, flagelo a que estava sujeita em tempos

antigos, Pak Tai veio em auxílio do bom povo, enviando uma legião de soldados que, de imediato, puseram em fuga os ladrões.

Embora não seja uma divindade a quem se atribua uma vocação de protecção exclusiva dos mares e dos rios, em Macau, ou pelo menos nas ilhas, onde a população que se dedicava à actividade piscatória era considerável, Pak Tai é invocado pelos populares também como um protector daqueles que andam no mar e a quem se pede um regresso em segurança, principalmente em momentos de tormenta. O mesmo acontece ainda na ilha de Cheung Chau, em Hong Kong, onde Pak Tai é uma das divindades mais adoradas por se lhe atribuir o poder de amansar os mares, proporcionando uma faina pesqueira suave para as embarcações e de boa sorte para todos os tripulantes.

O templo de Pak Tai

O templo de Pak Tai, na Taipa, é um dos mais antigos de Macau, remontando a 1844 (24.º ano do Reinado de Daoguang). Dos três pavilhões que integravam o templo, hoje em dia apenas o central está votado ao culto e é aí que se encontra o altar de Pak Tai. O Palácio de Pak Tai está no centro, ladeado por dois outros palácios laterais – o de Kwan Tai, onde se encontra também o Deus da Fortuna Choi Bak, e o de Va Kuong, acompanhado da Senhora da Flor Dourada Kum Fa.

No templo presta-se culto ainda a outras duas divindades. A Kam Fa recorrem as mulheres para pedirem bom casamento, as atenções dos maridos ou, quando grávidas, um primogénito homem, e que o parto seja fácil e feliz. Muito vene-



△
 Dos três pavilhões que integravam o templo, hoje em dia apenas o central está votado ao culto é aí que se encontra o altar de Pak Tai

rada pelos cantoneses, é normal as mães, no dia em que se completa o primeiro mês da criança, virem com ela perante a deusa agradecer o sucesso do seu nascimento de maneira segura e feliz. Visita que se repete quando a criança celebra o seu primeiro aniversário no Ano Novo Lunar. Va Kuong é o Deus do Fogo e os ouvidos do Imperador de Jade. É também o patrono dos que trabalham o ouro e a prata e tem poderes especiais na destruição de demónios. Protector das comunidades, não está receptivo à intercepção individual pelo que as preces que lhe são dirigidas vêm da comunidade, e a ela se dirigem.

Kuan Tai é o Deus da Guerra e da Riqueza [consultar a edição 63]. Choi Pak é o Deus da Fortuna a quem se pede ganhos monetários para o dia-a-

-dia. Para ganhos no jogo há outras divindades a quem se pode acorrer, já que esta, por ser uma divindade celestial, lhe está negada a entrada na área da fortuna e azar. Já Luban é o patrono de todas as profissões relacionadas com a construção de um edifício – ou não fosse ele o presidente das Obras Públicas do Céu. Para além de ser patrono ainda de fabricantes de chapéus-de-chuva (já que a ele se atribui a sua invenção, embora outros sejam da opinião que tal descoberta se deve à sua esposa), também é o patrono dos construtores de embarcações. Hua Tuo, deus da medicina do terceiro nível ou departamento, é um dos Dez Doutores Celebrados. Terá sido o primeiro médico a perceber o conceito da cirurgia e a sua importância, por isso ele é o patrono dos cirurgiões



**DURANTE AS
 CELEBRAÇÕES,
 UM ESPECTÁCULO
 DE ÓPERA
 CANTONENSE
 REALIZA-SE
 NUM TEATRO
 IMPROVISADO
 CONSTRUÍDO PR
 CENTENAS DE
 BAMBUS**

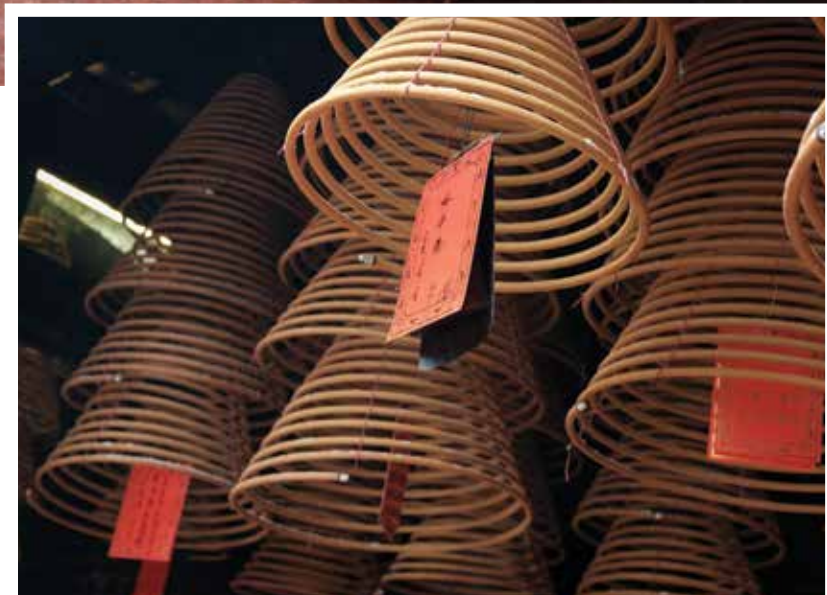
e dos massagistas e, também, o espírito que faz com os médicos curem as doenças. No nicho lateral do lado direito da entrada, Hua Tuo encontra-se acompanhado pelos seus dois assistentes – um com o livro das prescrições, e o outro com um boião contendo produtos medicinais.

**Deuses das Portas:
 significado e lendas**

Característicos pela sua beleza e conservação são os deuses das portas deste templo, dois coloridos e zangados



◁ Muitas são as mulheres que assomam ao templo de Pak Tai pedindo às divindades um bom casamento, as atenções dos maridos e um parto fácil e feliz de um filho primogénito



guerreiros prontos a puxar das espadas. Os deuses das portas, também chamados de Generais das Portas ou os Espíritos Guardiães da Entrada, que representam normalmente guerreiros ou literatos, têm como função manter os maus espíritos fora do recinto.

Estas três divindades guardam as portas duplas da entrada, quer de habitações, quer de templos e de alguns edifícios públicos, assim como a porta das traseiras. Embora não existam muitas histórias por detrás destas personagens, algumas delas oriundas do norte da China descrevem-nos como tratando-se de dois grandes heróis, os Generais Shen T'u e Yu Lei, que tomaram armas para combater dezenas de milhares de espíritos malignos que conseguiram destruir.

Mais popular, talvez, é a crença de que se tratam de dois generais da Dinastia Tang, chamados Qin Shu-bao e Hu Jing-de, que serviam o imperador Taizong. Conta a lenda que o imperador não conseguia dormir durante a noite atentado por espíritos malignos vindos do exterior dos seus aposentos. Sabendo disto, estes dois generais pediram autorização para guardar as portas. Esta acção foi um sucesso e os demónios deixaram de incomodar o imperador. Não podendo desdobrar os dois generais como pessoas, o imperador terá mandado pintar o retrato de ambos e espalhou-os por todas as portas do palácio, nunca mais havendo visitas demoníacas nesse espaço. Mais tarde viria a ser acrescentado mais um guardião, este para a porta das traseiras. Trata-se de Wei Ch'eng, que faz o trabalho sozinho, talvez por ser o menos popular dos guardiães. **M**



A artista que precisa do público para completar uma obra

Para Kamyi uma obra de arte completa-se com a interacção do público. “Quero que as pessoas tenham a capacidade de alterar a natureza da minha arte”, diz à MACAU a jovem artista, que encontrou na tecnologia de ponta uma forma de reflectir sobre o mundo

Texto | Catarina Domingues

Foto | Gonçalo Lobo Pinheiro

Enquanto falamos ao telefone, a voz de Kamyi projecta-se no espaço, e deste lado, em Macau, per-

cebe-se a amplitude do Teatr Studio. Assim se chama um dos inúmeros palcos do imponente (e controverso) Palácio

da Cultura e da Ciência de Varsóvia, na Polónia. É nesse edifício, símbolo da ocupação soviética, erguido nos anos 1950

por iniciativa de Estaline, que decorrem hoje os ensaios de *Witkacy/Two Headed-Calf*. A peça, com encenação de

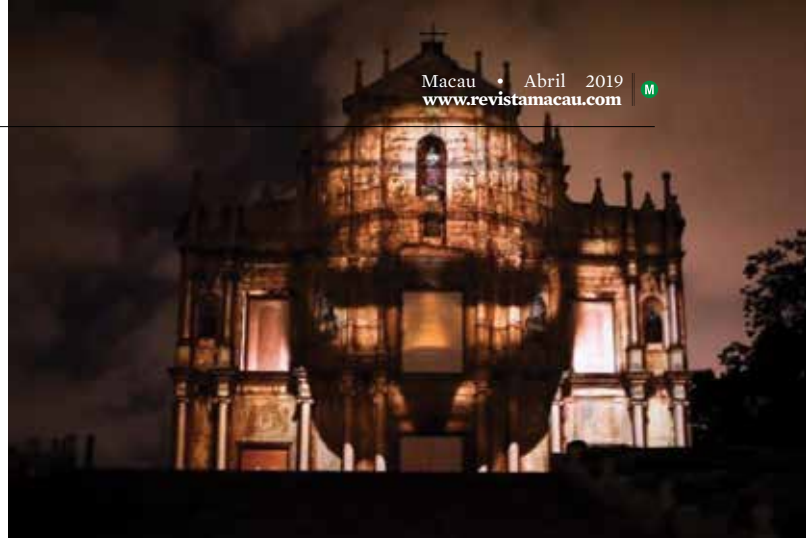
KAMYI ESTÁ A VIVER HÁ DOIS ANOS EM LOS ANGELES, ONDE FREQUENTA O MESTRADO EM “INTERACTIVE MEDIA FOR PERFORMANCE”. “FAZEMOS VÍDEOS, PROJEÇÕES, PROGRAMAÇÕES INTERACTIVAS, EXPERIÊNCIAS IMERSIVAS COMO AR (REALIDADE AUMENTADA), VR (REALIDADE VIRTUAL), COISAS QUE NINGUÉM FEZ ANTES E QUE REQUER TECNOLOGIA DE PONTA”

Natalia Korczakowska, é uma adaptação de *Metaphysics of a Two-Headed Calf*, obra do escritor e dramaturgo Stanisław Ignacy Witkiewicz (mais conhecido como Witkacy), inspirada numa viagem que o autor polaco fez entre a Papua-Nova Guiné e a Austrália, após o suicídio da mulher com quem ia casar. Witkacy acabaria por tirar a própria vida a 18 de Setembro de 1939, na Ucrânia, ao tomar conhecimento da invasão soviética da Polónia.

Nesta adaptação, a encenadora reflecte sobre a viagem feita pelo protagonista de Witkacy, e estende-a à infinitude do Death Valley, no leste da Califórnia. “A jornada de Patriacianello é também uma viagem à sua essência. A intensa cor das flores tropicais, um abismo negro, morto, de uma noite no deserto, e o calor do sol vermelho a nascer são manifestações dessa viagem”, escreve Natalia Korczakowska na apresentação da peça, que vai subir daqui a uma semana ao palco do Festival de Teatro Internacional da Divina Comédia, em Cracóvia.

Kamyi, artista de Macau, é a responsável pelo vídeo neste

projecto, que resulta de uma parceria entre o Teatr Studio e o instituto norte-americano de Artes da Califórnia (Calarts), onde a jovem está a estudar. “O espectáculo fala sobre personagens que viajam entre o mundo real e o metafísico, e o vídeo oferece mais camadas para abordar esse





mundo metafísico”, nota a artista à MACAU, referindo que o projecto recorre a animações e imagens filmadas em tempo real.

Numa das cenas, complementa Kamyi, é utilizada uma rede mecânica que desce e sobe no palco. “Existe uma câmara a filmar os actores que estão dentro da rede e a projectar essa imagem cá fora. Também animámos al-

gumas flores gigantes, irreais, para dar a sensação que as personagens estão num mundo tropical e metafísico.”

De Macau a Los Angeles

Kamyi, nome artístico de Kam Ying Lee, nasceu em Hong Kong, mas ainda criança mudou-se para Macau. Esteve ligada à música desde pequena – começou a tocar piano aos cinco anos – e só depois do se-

cundário é que percebeu que caminho queria seguir.

Na Universidade de Macau estudou Comunicação. “Era a licenciatura mais interessante”, salienta nesta entrevista, ao telefone, desde a Polónia. “Tinha interesse em fazer filmes, documentários, programas de televisão, publicações, mas acima de tudo interessava-me comunicar com as pessoas de diferentes formas”, acrescenta.

Não é nesta área que Kamyi trabalha actualmente, mas foi esse o percurso necessário para chegar ao dia de hoje. Por volta do terceiro ano de faculdade, a estudante juntou-se a artistas locais para participar num conjunto de projectos, incluindo *Um Sonho de Luz*, em que foram projectadas imagens sobre as Ruínas de São Paulo. “No início estava mais ligada aos filmes, mas depois mudei e comecei a fazer coisas muito visuais e, por isso, iniciei um mestrado na área das artes interactivas”, conta.

Kamyi está a viver há dois anos em Los Angeles, onde frequenta o mestrado em *Interactive Media for Performance*. “Fazemos vídeos, projecções, pro-

gramações interactivas, experiências imersivas como AR (realidade aumentada), VR (realidade virtual), coisas que ninguém fez antes e que requer tecnologia de ponta”, explica.

A tecnologia foi, aliás, decisiva para a artista de 28 anos encontrar a voz que queria ter no mundo da arte.

“Não quero que a minha arte seja passiva”

“Quero que a minha arte seja interactiva. As formas mais antigas de arte são passivas, ou seja, quando olhas para uma pintura, estás ali em pé, pensas, entendes, e prossegues, e eu espero qualquer coisa de diferente. Não quero que a minha arte seja passiva, mas activa, quero que as pessoas possam mudar a natureza da minha arte”, reflecte Kamyi.

A artista interdisciplinar acredita, por exemplo, que uma obra sua “está incompleta até o público interagir com ela”, e dá como exemplo o projecto *The Peach Blossom Land*, apresentado em Maio passado na Exposição de Arte Digital 2018, que se realizou no Walt Disney Modular Theatre, em Los Angeles. Numa sala, Kamyi pendurou 10 guarda-chu-

vas vermelhos que remetiam para um ambiente trágico, de incêndio, um espaço a arder. No entanto, ao tocar num deles, o vermelho dava lugar ao verde ou ao azul, transmitindo a ideia de paz e de ligação à natureza. “A ideia é dar esperança às pessoas, no sentido de que quando elas fazem algo podem mudar certas circunstâncias para melhor”, explica. Também a ideia da união ganha aqui força neste projecto: “Nesta instalação tinha 10 guarda-chuvas e se, por exemplo, três pessoas tocassem em três guarda-chuvas, todos eles eram accionados, ou seja, todos eles passavam do vermelho para o azul”.

Para além desta vertente interactiva “sempre baseada na tecnologia”, o trabalho de Kamyi procura reflectir o mundo

que nos rodeia. Em *The Galaxy Above You*, outra instalação apresentada em Los Angeles, foi colocado um sensor dentro de uma tenda triangular. Diferentes gestos de mãos accionavam diferentes movimentos das estrelas. “Quando eu era pequena não conseguia ver estrelas por causa da poluição, mas em Los Angeles vêem-se facilmente e esse foi o meu ponto de partida.”

Futuro

Num vídeo, uma mulher tenta comer vegetais, mas não consegue fazê-lo, porque se encontram envolvidos em plástico. Conta Kamyi que esta é a ideia que está a trabalhar no momento. Novamente aqui são as preocupações ambientais que dão forma ao trabalho da artista de Macau. “E é [um

“NÃO QUERO QUE A MINHA ARTE SEJA PASSIVA, MAS ACTIVA, QUERO QUE AS PESSOAS POSSAM MUDAR A NATUREZA DA MINHA ARTE”

trabalho] interactivo, no sentido de que tenho um receptor de moedas, daqueles que encontrarias numa máquina automática. Colocas a moeda lá dentro e a boca vai tentar consumir os vegetais, o que, em parte, representa a ideia de que quanto mais compras, mais as pessoas tentam comer, embora não o consigam fazer, e então, é uma espécie de ciclo.”

Kamyi ainda não sabe onde e quando vai apresentar este novo trabalho, mas admite que depois de terminar o mesurado, em Maio, quer ficar pelos Estados Unidos a trabalhar. A jovem diz que Macau, onde planeia também passar algum tempo, “está a melhorar” ao nível cultural, embora ainda não sinta um forte compromisso da população com o mundo das artes. 





Assistir aos filmes de Harry Potter “no maior ecrã LED interior do mundo” e ao som da Orquestra Italiana do Cinema. Este mês chega a Macau a banda sonora da adaptação cinematográfica dos quatro primeiros livros da saga de J.K. Rowling

Texto | Catarina Domingues



Quatro filmes-concertos da saga de Harry Potter

Enquanto o público assiste a um filme de Harry Potter num ecrã gigante, a Orquestra Italiana do Cinema interpreta a banda sonora ao vivo. “Harry Potter in Concert” sobe aos palcos entre 13 de Abril e 4 de Maio, apresentando temas dos quatro primeiros filmes desta série de fantasia: *Harry Potter e a Pedra Filosofal*, *Harry Potter e a Câmara dos Segredos*, *Harry Potter e o Prisioneiro de Azkaban* e *Harry Potter e o Cálice de Fogo*.

Cabe ao maestro taiwanês Shih-Hung Young conduzir o grupo sinfónico italiano. “O público vai ter a possibilidade de reviver a experiência mágica do universo de feitiçaria de J.K. Rowling em alta definição no maior ecrã LED interior do mundo no Teatro do MGM”, refere a organização na apresentação do evento.

Esta série de espectáculos que juntam cinema e música foi criada pela CineConcerts em parceria com a Warner Bros, com produção do compositor norte-americano Justin Freer. Desde a estreia de *Harry Potter e a Pedra Filosofal* em concerto, em Junho de 2016, cerca de 1,3 milhões de pessoas já assistiram a mais de 900 espectáculos em 48 países, segundo a página oficial da CineConcerts. Harry Potter “é um fenómeno

cultural único que continua a encantar milhões de fãs por todo o mundo”, disse Freer em 2018, citado por várias publicações norte-americanas.

A Orquestra Italiana do Cinema dedica-se exclusivamente à interpretação de bandas sonoras de filmes e tem como objectivo promover nacional e internacionalmente o património artístico e cultural da música para o cinema. Só no ano passado este grupo sinfónico fez 18 concertos na China, numa digressão que passou pelas cidades de Cantão, Pequim, Xangai, Xiamen e Xian.

A adaptação ao cinema dos quatro primeiros volumes da saga de Harry Potter contou com o trabalho de dois compositores: o norte-americano John Williams, que assinou a banda sonora dos três primeiros filmes – *Pedra Filosofal*, *Câmara dos Segredos* e *Prisioneiro de Azkaban* – e é o autor de “Hedwig’s Theme”, que se ouve na parte inicial de cada filme; e o britânico Patrick Doyle, responsável pelas composições musicais no quarto filme da série, *Cálice de Fogo*.

Harry Potter in Concert
Teatro do MGM (Cotai)
13 de Abril – 4 de Maio
A partir de MOP 480

NA AGENDA



Concerto do Dia da Criança – A Experiência de Mozart

A Orquestra de Macau junta-se ao grupo norte-americano Magic Circle Mime Co. para apresentar este projecto que tem como missão quebrar fronteiras entre os mais novos e o género musical erudito. Conduzido pelo maestro Francis Kan, o concerto apresenta alguns dos mais conhecidos trabalhos de Mozart, incluindo “Ah! vous dirai-je, maman” e “Die Zauberflöte”.

Auditório da Torre de Macau
1 de Junho de 2019
MOP 120



Prodígios ao Piano • Neste concerto, o maestro Tung-Chieh Chuang colabora com os pianistas holandeses Jussen Brothers na interpretação de obras-primas de três grandes mestres da música do início do século XX, nomeadamente Stravinsky: Scherzo à la Russe, Poulenc: Concerto para Dois Pianos, e Orquestra e Prokofiev: Romeo e Julieta Suites.

Centro Cultural de Macau
15 de Junho de 2019
A partir de MOP 150



Passeando no Jardim, Ouvindo Música

No ciclo “Passeando no Jardim, Ouvindo Música”, a Orquestra Chinesa de Macau deambula por edifícios únicos da cidade, como são exemplos a Academia Jao Tsung-I, a Casa Cultural de Chá de Macau e a Casa do Mandarin.

Centro Cultural de Macau
27 de Abril de 2019 a 6 de Julho de 2019



Concerto de Percussão “Batuque do Mundo” • Sobre este concerto, que junta o percussionista Wang Jianhua e a Orquestra Chinesa de Macau, o Instituto Cultural escreve: “A estreia do estrondoso e devastador ‘Caos no Céu’, o experimental e ambicioso ‘Sinos dos Camelos no Deserto’ e ‘Melodia dos Tambores’, um clássico chinês de tambor que representa a essência, a energia e o espírito da música de percussão chinesa, criarão sons de tambor que vão ecoar por toda a cidade de Macau”.

Teatro Dom Pedro V
12 de Julho de 2019
A partir de MOP 60



Dois séculos de arte russa no 20.º aniversário do MAM



Em colaboração com a Galeria Estatal Tretyakov de Moscovo, o Museu de Arte de Macau (MAM) apresenta 70 pinturas a óleo e esculturas, que compõem a “primeira grande exposição de belas artes russas” de Macau

Texto | Catarina Domingues

Retratos do escritor Lev Tolstoy, do compositor Pyotr Tchaikovsky ou do historiador Ivan Zabelin são alguns dos trabalhos que integram a exposição “Obras-Primas da Arte Russa da Coleção da Galeria Estatal Tretyakov”, que decorre no Museu de Arte de Macau (MAM) até 22 de Abril.

De acordo com um comunicado do MAM, que celebra este ano o seu 20.º aniversário, esta “primeira grande exposição de belas artes russas” em Macau apresenta 70 pinturas a óleo e ilustrações. “Nenhum país se pode comparar à Rússia em termos de influência cultural na China moderna”, escreve na introdução à mostra Chan Kai Chon, director do MAM, realçando a importância desta primeira cooperação do museu de Ma-

cau com um espaço museológico russo, a Galeria Estatal Tretyakov.

A exposição permite ao público conhecer os principais estilos artísticos e tendências na arte da Rússia, aqui divididos por três períodos: o classicismo e romantismo do final do século XVIII e da primeira metade do século XIX; as várias escolas artísticas que surgiram na segunda metade do século XIX e na primeira metade do século XX, como é o caso do movimento dissidente “Os Itinerantes” (também conhecido como “Os Vagabundos”), e a corrente artística influenciada pelo realismo socialista, já na era soviética, em meados do século XX.

A Galeria Estatal Tretyakov foi fundada em 1856, em Moscovo, por Pavel Mikhailovich Tretyakov, um industrial

apaixonado pelas artes e pelo trabalho d’“Os Itinerantes”. “A sua coleção de obras dos Itinerantes tornou-se o núcleo da coleção da galeria pela sua representatividade e tipicidade, legando à posteridade um tesouro de notáveis jóias de arte russa do século XIX”, nota ainda o responsável pelo MAM.

Poucos anos antes de morrer, Tretyakov doou a sua coleção ao Estado e hoje a galeria moscovita, com 62 salas e um espólio de 180 mil peças, é o maior museu de arte da Rússia.

“Obras-Primas da Arte Russa da Coleção da Galeria Estatal Tretyakov”
Museu de Arte de Macau
Até 22 de Abril
Entrada livre

PARA VER



Exposição de Obras Novas na Colecção MAM – Che Ho

• Che Ho propôs em 2017 doar o seu espólio ao Museu de Arte de Macau. Refere agora o MAM que, através de “técnicas ocidentais à pintura chinesa e de aptidões antigas à arte dos dias de hoje, com uma abordagem ecléctica em termos de exploração e inovação, Che abriu novos caminhos e criou um novo estilo para a pintura chinesa”.

Museu de Arte de Macau
Até 14 de Abril de 2019
Entrada livre



Unicidade – Caligrafia pelo Professor Jao Tsung-I

• Quinze conjuntos de trabalhos caligráficos integram a mostra de Jao Tsung-i (1917–2018), mestre de sinologia que se destacou na pintura, caligrafia e literatura. “Uma ocasião maravilhosa para o público apreciar devidamente a sua caligrafia e fruir a complexa beleza e profundidade dos caracteres chineses”, vinca a organização.

Academia Jao Tsung-I
Avenida do Conselheiro Ferreira de Almeida, 95 C-D, Macau
Até 30 de Setembro de 2019
Entrada livre



Fachada do Macau Art Garden • Azulejos portugueses serviram de inspiração para o projecto de renovação da fachada do “Macau Art Garden”, que está a ser executado pelo artista Joaquim Franco, mas que é um projecto colectivo de Sio Kit, Alice Kok e James Chu. Passe pela Avenida Dr. Rodrigo Rodrigues para dar uma vista de olhos à nova fachada.

Macau Art Garden
Avenida Dr. Rodrigo Rodrigues, 265, Macau



Três embaixadas europeias à China • A exposição tem como tema central a história dos contactos político-diplomáticos entre a Europa e a China ao longo de cinco séculos. Uma história com vários protagonistas, com Frei Lourenço de Portugal, Tomé Pires e Francisco Pacheco de Sampaio. É em torno destas três figuras que se estrutura a mostra.

Museu do Oriente, Lisboa
Até 21 de Abril de 2019
6 euros (descontos de acordo com a faixa etária)



Sebastian Tsé no reino dos mortos para ajustar contas com os vivos



No segundo romance que publica, Shee Vá volta a escrever sobre tradições chinesas e a vida além da morte. “Boi Cabeça Cavallo Cara” é também um confronto dos “hábitos e tradições chinesas com a cultura ocidental”, mundos que coexistem na história da obra e do autor

Texto | Catarina Domingues

Do alto do mundo dos mortos, onde reinam os deuses chineses, o médico Sebastian Tsé assiste ao seu funeral, despede-se da mulher Sio Mui e percorre os caminhos da justiça, sendo acusado de vários

pecados, nomeadamente de incumprimento das regras da piedade filial no relacionamento com os pais e ancestrais. Em *Boi Cabeça, Cavallo Cara*, a mais recente obra de Shee Vá, o jovem obstreta,

nascido em Macau e criado no Canadá, suicida-se. “Virei atormentar-te depois de morto”, diz Tsé a Vitória, a mulher de quem jura vingar-se uma vez chegado ao reino dos mortos.

Neste segundo romance, Shee Vá regressa às tradições e crenças da cultura chinesa, nomeadamente à relação entre o além e a vida aqui em baixo. “É uma maneira de se conduzir na vida, isto é, se existe uma influência do além na vida presente das pessoas, e se as pessoas acreditam nisso, isso vai influenciar o seu comportamento. É perceber o que está no além e como vai influenciar o dia-a-dia das pessoas”, salienta o autor, explicando à MACAU o interesse pelos “espíritos e o além chinês”: “Há coisas que, por tradição, foram passadas oralmente para mim. Há coisas que eu entendo, costumes, cerimónias que nós vemos, que eu presencio em Macau e que vou tentando aprofundar através da leitura, falando com as pessoas e procurando esse conhecimento”.

Filho de pais chineses, Shee Vá nasceu em Moçambique e completou os estudos universitários em Portugal, formando-se em medicina. O gastroenterologista vive e trabalha em Macau, “onde veio à procura das suas origens”, como se pode ler numa pequena biografia do escritor disponível na obra. Com Tsé partilha dois mundos, que aqui se confrontam: “Eu não digo que seja autobiográfico, isto é, o que eu tentei fazer ao escrever esse livro foi confrontar também os hábitos e tradições chinesas com a cultura ocidental. A maneira como eu faço esta ligação é precisamente pondo essa pessoa a viver no Ocidente e depois vindo para o Oriente. A questão da piedade filial, por exemplo, é discutida no tribunal de uma maneira filosófica, isto é, confrontando aquilo que nós no Ocidente chamamos de amor e aquilo que os chineses chamam de obrigação”, conclui.

Shee Vá é ainda autor de *Uma Ponte para a China*, obra que também explora as tradições chinesas, *Espíritos* sobre o poder das superstições na Ásia e *Ópera no Festival Internacional de Macau*, três volumes que recuperam o passado do evento e das óperas que subiram aos palcos da cidade.

Boi Cabeça, Cavalos Cara
Shee Va
Praia Grande Edições, 2019

PARA LER



Macau, depois do adeus

Arnaldo Gonçalves, Ispis Verbis | 2018

Ensaio sobre os últimos 15 anos de Macau como região administrativa especial da República Popular da China. Reflexões que Arnaldo Gonçalves foi fazendo ao longo da década e meia em que trabalhou em Macau.



A Escultura, a Pintura e as Artes Decorativas em Macau no Tempo da Administração Portuguesa, 1557 – 1911.

Pedro Dias Instituto Cultural | 2019

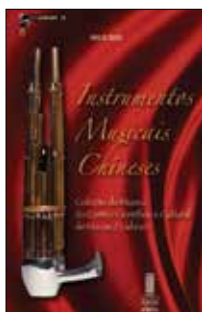
Esta obra tem como objectivo o estudo da escultura, da pintura, da ourivesaria e de outras disciplinas, habitualmente denominadas artes decorativas e iconográficas, de origem europeia, de cariz religioso ou pagão, existentes em Macau e que chegaram ao território ou foram aqui executadas, entre 1557 e 1911.



A magia das ruas de Macau

Carlos Dias, Instituto Internacional de Macau | 2018

“Este livro trilingue pretende manter viva a magia de Macau pela objectiva de Carlos Dias, retratada em imagens das várias zonas da cidade que nem sempre são atracção turística mas que são a verdadeira alma do território”, escreve o Instituto Internacional de Macau, numa nota introdutória à obra.



Instrumentos Musicais Chineses

Énio de Souza, Instituto Internacional de Macau | 2018

Com este livro, o leitor fica a conhecer o contexto histórico da música chinesa e respectiva organologia. “São depois classificados e caracterizados os instrumentos, cada um dos quais é mostrado através de bonitas fotografias coloridas, sendo também referidos os selos, marcas e inscrições neles existentes”, escreve num comunicado a editora.

DÉCADA de
1950

Calçada da Barra



Foto | Arquivo Histórico de Macau

Diz o dicionário de língua portuguesa que a palavra “barra” se pode referir à “entrada de um porto”. É precisamente através da Calçada da Barra (na imagem) que chegamos até à zona do Porto Interior, mais precisamente ao largo onde se situa o Templo de A-Má. Um caminho que hoje pouco se parece àquele que vemos nesta fotografia dos anos 1950 e que é dominado, sobretudo, por baracas ou estruturas residenciais decrépitas.

Refere o Instituto para os Assuntos Muni-

cipais de Macau que a Calçada da Barra foi em tempos descrita como a “Grande Muralha”, devido à existência de “muros altos construídos pelos portugueses durante a Dinastia Ming” nessa parte antiga da cidade.

Nesta fotografia pode ver-se ainda, ao fundo, o Quartel dos Mouros, construído em 1874 com o objectivo de alojar um regimento indiano oriundo de Goa, que vinha reforçar o corpo da polícia de Macau. Actualmente, serve de sede da Direcção dos Serviços de Assuntos Marítimos e de Água. ^M



葡語國家食品資料庫
 BASE DE DADOS DOS PRODUTOS
 ALIMENTARES DOS PAÍSES DE
 LÍNGUA PORTUGUESA
 PORTUGUESE-SPEAKING
 COUNTRIES
 FOOD PRODUCTS DATABASE

中葡雙語人材資料庫
 BASE DE DADOS DE PROFISSIONAIS
 QUALIFICADOS EM CHINÊS
 E PORTUGUÊS
 CHINESE-PORTUGUESE BILINGUAL
 PERSONNEL DATABASE

專業服務供應商
 FORNECEDORES DE
 SERVIÇOS PROFISSIONAIS
 PROFESSIONAL SERVICE PROVIDERS

會展資訊
 INFORMAÇÃO SOBRE
 CONVENÇÕES E EXPOSIÇÕES
 CONVENTION AND
 EXHIBITION INFORMATION

經貿信息
 INFORMAÇÃO ECONÓMICA E COMERCIAL
 ECONOMIC AND TRADE INFORMATION

法規資訊
 LEIS E REGULAMENTOS
 INFORMATION ON LEGISLATIONS

中國-葡語國家 經貿合作及人才信息網

PORTAL PARA A COOPERAÇÃO NA ÁREA ECONÓMICA, COMERCIAL E DE RECURSOS HUMANOS ENTRE A CHINA E OS PAÍSES DE LÍNGUA PORTUGUESA ECONOMIC & TRADE CO-OPERATION AND HUMAN RESOURCES PORTAL BETWEEN CHINA AND PORTUGUESE -SPEAKING COUNTRIES

- 主辦單位 :
- Entidades Organizadoras :
- Organisers :

● 中華人民共和國商務部
 ● Ministério do Comércio da
 República Popular da China
 ● Ministry of Commerce of
 the People's Republic of China

● 澳門特別行政區政府經濟財政司
 ● Secretaria para a Economia e
 Finanças da RAEM
 ● Secretariat for Economy and Finance
 of the Macao SAR Government

- 承辦單位 :
- Entidade Coordenadora :
- Co-ordinator :



Instituto do Comércio e Investimento de Macao
 Macao Trade and Investment Promotion Institute





第七屆澳門國際旅遊（產業）博覽會

7.^a Expo Internacional de Turismo (Indústria) de Macau

7th Macao International Travel (Industry) Expo

26-28 / 04 / 2019

澳門威尼斯人 金光會展D-E館
Hall D-E. Cotai Expo. The Venetian Macao

主辦單位 Organizer



澳門特別行政區政府旅遊局
DIRECÇÃO DOS SERVIÇOS DE TURISMO
MACAO GOVERNMENT TOURISM OFFICE

支持單位 Supporting entity

中華人民共和國文化和旅遊部
MINISTRY OF CULTURE AND TOURISM OF
THE PEOPLE'S REPUBLIC OF CHINA

承辦單位 Coordinator



澳門旅行社協會
Associação das Agências de Viagens de Macau
Macao Travel Agency Association

協辦單位 Co-organizers



澳門特別行政區政府文化局
INSTITUTO CULTURAL do Governo da R.A.E. de Macau



澳門中華總商會
The Macao Chamber of Commerce



澳門工會聯合總會
Associação Geral das Mulheres de Macau



澳門旅遊協會
Associação das Agências de Turismo de Macau



澳門旅遊業議會
TRAVEL INDUSTRY COUNCIL OF MACAU



澳門貿易發展促進局
Instituto de Promoção do Comércio e do Investimento de Macau
Macao Trade and Investment Promotion Institute



澳門街坊會聯合總會
União Geral das Associações dos Mestres de Macau



澳門婦女聯合總會
Associação Geral das Mulheres de Macau



ASSOCIAÇÃO DAS AGÊNCIAS DE TURISMO DE MACAU
澳門旅遊協會
ASSOCIATION OF MACAO TOURIST AGENTS



網站 | Website

